

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

NATHÁLIA DA COSTA PICCOLI

**NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA:
UMA GRANDE-REPORTAGEM TELEVISIVA
SOBRE O DIA A DIA DAS FAVELAS DA CIDADE
DE BAURU**

BAURU
2017

NATHÁLIA DA COSTA PICCOLI

**NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA:
UMA GRANDE-REPORTAGEM TELEVISIVA
SOBRE O DIA A DIA DAS FAVELAS DA CIDADE
DE BAURU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof.^a M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU
2017

P591c

Piccoli, Nathalia da Costa

Na contramão da violência: uma grande-reportagem televisiva sobre o dia a dia das favelas da cidade de Bauru / Nathalia da Costa Piccoli. -- 2017.

152f.

Orientadora: Prof.^a M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Jornalismo. 2. Preconceito. 3. Televisão. 4. Grande Reportagem. 5. Favela. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

Dedico este trabalho a minha mãe, minha família e todos os meus amigos que acreditaram em mim desde o início e sempre torceram pelo meu sucesso profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e por me dar forças para dedicar esses últimos anos inteiramente para a minha jornada acadêmica e profissional. A Ele, que sempre esteve comigo nas horas mais difíceis, me dando sempre uma razão, por menor que fosse, pra nunca desistir de nenhum dos meus sonhos.

À minha mãe, por quem devo tamanha gratidão, que nunca mediu esforços e sempre lutou para me oferecer uma educação pessoal e acadêmica e por te me ensinado e me inspirado a ser a mulher que sou hoje. Por ter acreditado em todos os meus sonhos e orgulhar-se dos resultados.

À minha amada vó, dona Maria, que por mais que a distância a fizesse reclamar de saudades, sempre me apoiou e incentivou a continuar a batalhar por tudo o que eu quisesse. A qual sempre me abençoava com seu sorriso e com suas palavras.

À minha família que, de uma maneira geral, sempre estive presente no meu desenvolvimento pessoal e profissional desde o meu nascimento. Que me ensinou o valor da vida e a capacidade do ser humano em perdoar, em respeitar e a estar disposto a se colocar no lugar do outro. Que me ensinou que o amor não tem preço e que a base da vida são eles, a nossa família.

À melhor colega de quarto e amiga de vida, Bruna Cazzoli. Obrigada por aguentar as crises de ansiedade e de choro, a rotina de uma vida universitária, por nunca ter desistido de mim, pelas noites sem dormir que me acompanhou e me ajudou no que fosse preciso, pelas xícaras de café para aguentar o pique. Simplesmente, obrigada.

Aos melhores amigos de classe e profissão que eu tive a honra de conhecer e poder realizar projetos incríveis ao lado de vocês. Com certeza, este trabalho só pode ser realizado por todo o apoio, desde 2014, de vocês. Obrigada, João Rafael Venâncio, Letícia Peña, Denis Eric, Mayrilaine Garcia, Luiz Augusto, Valquíria Tavares, Flávia Stopa, Ednan Gomes e Guilherme Lima.

Aos melhores colegas de estágio, que proporcionaram um entendimento sobre o que é a profissão de jornalismo, que, além da editora, tornaram-se

amigos que pretendo levar para toda a vida. Obrigada, Mary Ellen Machado, Ana Beatriz Garcia, Érica Travain, Erika Alfaro, Ana Paula Machado, Gabriele Alves, Thiago Koguchi, Carolina Firmino, Fábio Toledo, Vinicius Gálico, Douglas Raiol, Rafael Guimarães, Bruno Ribeiro, Julia Prado, Victor Santos e João.

A todas as minhas amigas, que, apesar da distância e da correria da vida adulta, continuaram junto a mim, sempre presentes em qualquer situação. Imensa gratidão por vocês Caroline Cazzoli, Mayara Arruda, Tais Nayara, Camila Assis, Gabriela Ramos, Ana Paula Junqueira, Nariane Fernandes, Melissa Iwami, Rita de Cássia.

A todos os meus professores que passaram por essa jornada, os quais foram responsáveis por despertar em mim um novo olhar diante do jornalismo. Por refletirem em seus olhares dedicação e amor pelo o que fazem. Por me inspirarem como pessoa e como profissional a mim e a todos os colegas de classe, que continuaram ali batalhando para realizarem seus sonhos.

Também agradeço aos melhores técnicos de rádio que alguém poderia ter e que, independentemente da situação, estavam ali dispostos a ajudar no que fosse preciso. Vocês são uma espécie de super-herói. Obrigada, Leandro Zacarim e Alex Costa.

E, por último, mas não menos especial, à minha orientadora e professora, Daniela Bochembuzo, que me acompanhou em cada evolução e, mais do que ninguém, sabe das minhas potencialidades e fraquezas. Obrigada por acreditar em mim e confiar no meu trabalho. Por todo suporte, apoio, elogios, críticas e, principalmente, por todos os ensinamentos que me transmitiu.

RESUMO

Na busca pela desmitificação de rótulos e estereótipos que alguns grandes veículos de comunicação de massa homogêneos transmitem para a sociedade em geral, nasceu a produção da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência: uma grande-reportagem televisiva sobre o dia a dia das favelas da cidade de Bauru”, que tem como proposta mostrar o dia a dia dos moradores de aglomerados periféricos que sofrem com o preconceito social. Este produto se justifica porque grande parte das informações sobre favela tem sido circunscrita a juízos como marginalidade, violência, drogas e morte. Fugir desses padrões hegemônicos, mostrando o lado humano e social dos moradores dessas localidades, é objetivo deste trabalho. Enquanto contribuição, o trabalho procura demonstrar, através do jornalismo praticado em um produto televisado, a importância do ser humano na sociedade, independente de sua origem ou características. O resultado é uma grande reportagem com duração de 27 minutos e 15 segundos, que apresenta dados e entrevistas coletados por meio de percurso metodológico composto por pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, de finalidade aplicada.

Palavras-chave: Favela. Grande Reportagem. Jornalismo. Preconceito. Televisão.

ABSTRACT

In the search for the demystification of labels and stereotypes that some great homogeneous mass communication vehicles transmit to society in general, the production of the Great Television Report was born: "Against violence: a great television news report on the day to day life of the suburbs of city of Bauru", whose purpose is to present the daily reality of the residents of these peripheral settlements that have suffered from social prejudice. This product is justified by the amount of information about the suburb has been circumscribed to judgments such as marginality, violence, drugs and death. The researcher's goal is to escape these hegemonic patterns, showing the human and social side of the inhabitants of these localities, is the objective of this work. As a contribution, it seeks to show, through journalism practiced in a televised product, the importance of the human being in society, regardless of its origin or characteristics. The result is a large report with a duration of 27 minutes and 15 seconds, which presents data and interviews collected through a methodological course composed of bibliographical research, documentary research and field research, of applied purpose.

Keywords: Favela. Great Report. Journalism. Preconception. TV.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2	HIPÓTESES	18
1.3	JUSTIFICATIVA	18
1.4	OBJETIVOS.....	20
1.4.1	Objetivo geral	21
1.4.2	Objetivos específicos	21
1.5	METODOLOGIA.....	21
2	JORNALISMO	28
2.1	JORNALISMO DO SÉCULO 21.....	31
2.2	JORNALISMO EM PAUTA.....	33
3	TELEJORNALISMO BRASILEIRO	39
3.1	PROCESSO DE PRODUÇÃO E LINGUAGEM.....	44
3.1.1	Produção	45
3.1.2	Pauta	47
3.1.3	Captação do produto	48
3.1.4	Edição	50
3.1.5	Linguagem televisiva	51
3.2	PANORAMA DAS REDAÇÕES.....	53
3.3	GÊNEROS E FORMATOS	54
3.4	GRANDE-REPORTAGEM.....	58
4	“MARGINALIZADOS DA TV”	62
4.1	FAVELAS	63
4.2	OS EXCLUÍDOS.....	67
4.3	AS FAVELAS DE BAURU	71
5	METODOLOGIA DE PRODUÇÃO	74
5.1	EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	78
5.2	DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	79
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE A - PAUTAS	92
	APÊNDICE B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO E IMAGEM	125
	APÊNDICE C – PRÉ ROTEIRO	127

APÊNDICE D – ROTEIRO FINAL.....	135
APÊNDICE E – LINK DA GRANDE REPORTAGEM	154

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a denominação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do Censo de 2010, as favelas (conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais) são consideradas uma consequência da má distribuição de renda e do déficit habitacional do país. Dados coletados pela pesquisa mostraram que cerca de 11,4 milhões de pessoas (média de 6% da população) vivem nesses aglomerados, distribuídos em 6.329 regiões, por todo o Brasil. (IBGE, 2010).

Somente os que desfrutam de determinada renda ou salário podem morar em áreas bem servidas de equipamentos coletivos, em casas com certo grau de conforto. Os que não podem pagar vivem em arremedos de cidades, nas extensas “periferias” ou nas áreas centrais ditas deterioradas. (RODRIGUES, 1989, p. 12).

Segundo estudos realizados pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), uma em cada quatro pessoas que vivem nas cidades urbanas mora em alguma favela do planeta. No Brasil, a região sudeste, a mais populosa do país, com 77,6 milhões de habitantes, segundo os dados do IBGE, é a que concentra o maior número de lares dentro de favelas: 49,8% do total no país, com maiores incidências em São Paulo (23,2%) e Rio de Janeiro (19,1%).

De acordo com Rodrigues (1989, p.36), “as primeiras favelas se reconstituíram numa ocupação ilegal juridicamente de terras”. Em busca de um teto, uma moradia para a família, muitas pessoas ocuparam terras sem uso e fizeram delas suas residências, mesmo que fosse preciso uma autoconstrução. T tamanha precariedade de terras e de condições de vida teve início no Rio de Janeiro, logo após a Guerra de Canudos, em 1887. Rodrigues (1989, p. 37) conta que as favelas começaram a ser mais visíveis a partir da década de 1950, sendo consideradas problemas, como a autora descreve:

a) como locais de marginais, sendo necessário acabar com as favelas para acabar com os marginais; b) como local onde se conseguem votos, visto que é necessário visitar os favelados, fazer promessas, tratá-los como iguais (porque seus votos valem o mesmo que o dos outros); c) como resultado do processo de migração e os favelados vivem desta forma,

porque estão se “integrando” no meio urbano, sendo necessário educá-los a fim de que se integrem no meio urbano, passem gradativamente para uma casa de alvenaria, familiarizem-se com os serviços urbanos para serem no futuro incorporados ao mercado de trabalho e à cidade. (RODRIGUES, 1989, p.37).

De acordo com Rodrigues (1989, p. 35), as primeiras favelas no estado de São Paulo apareceram na década de 40. Após uma década, as justificativas feitas acerca de seu surgimento, juntamente com as descrições daquele espaço, começaram a mexer com o imaginário do restante da sociedade, causando-lhes medo e resultando em marginalização de todo o contexto dessas comunidades de habitações modestas. Portanto, desde aquela época, os moradores, indivíduos de origem simples e pobre, já enfrentavam o preconceito e os rótulos impostos pela sociedade, como “vadios” e “malfeitores”, a despeito de serem pessoas em busca de uma vida melhor para elas e o restante da família, como relata a autora Cruz:

As favelas são o resultado da persistência de uma parcela da população colocada à margem da sociedade para se estabelecer como cidadãos: no sentido estrito da palavra, como habitantes da cidade e, no sentido lato, como parte estimada de uma coletividade e de uma comunidade política com direitos e deveres. (CRUZ, 2007, p.78).

Pesquisa realizada pela Divisão de Estatísticas e Documentação da Prefeitura de São Paulo, relatada pelo Diário de São Paulo em 1950, revela as condições de vida da realidade daquela época. Nesses aglomerados moravam 926 pessoas em 230 domicílios, feitos de tábuas, com apenas seis vasos sanitários para o uso de todos. (SÃO PAULO, 1950).

Somente em 1980 apareceram com precisão dados específicos sobre essas áreas, de modo que fossem classificadas como favela e mostrassem seus aspectos. Segundo Guimarães (2000, p. 48),

a conceituação oficial considerou como favelas os aglomerados que possuíssem, total ou parcialmente, as seguintes características: a) proporções mínimas – agrupamentos prediais ou residenciais formados com número geralmente superior a cinquenta; b) tipo de habitação – predominância de casebres ou barracões de aspecto rústico, construídos principalmente com folha de flandres, chapas, zincadas ou

materiais similares; c) condição jurídica da ocupação – construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou propriedade desconhecida; d) melhoramentos públicos – ausência no todo ou parte, de rede sanitária, luz, telefone e água encanada; e) urbanização – área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento. (GUIMARÃES, 2000, p. 48).

O IBGE também enfatiza os mesmos aspectos, apenas agregando à variável “condição jurídica da ocupação”, o tamanho do aglomerado. Para o instituto, desde 1950, a favela é um setor especial da urbanização, formado por, no mínimo, 50 domicílios, em sua maioria carente de infraestrutura.

Não era apenas de infraestrutura que os moradores eram necessitados. A população “favelada” possuía também menor grau de escolaridade que o restante das comunidades urbanas. Em 1991, 26% dessa população acima dos cinco anos não sabiam ler nem escrever, ou seja, sequer conseguiam registrar seus próprios nomes na carteira de identidade.

Outro problema intenso que os moradores das favelas precisaram enfrentar foi o desemprego. Em 1991, o Censo Demográfico do município de São Paulo (IBGE, 2010) revelou que, entre 1981 a 1991, havia 8% da população acima de 10 anos sem ocupação remunerada procurando emprego, ou seja, das 242.854 pessoas que moravam nas favelas da época, quase 30 mil procuravam emprego.

Diante dessas características da população da época, tais predicados fizeram desses moradores, temidos marginais, fonte de apreensões da população urbana ou de elite, se montando na figura do negro, pobre, sem educação e “vagabundo”, causando o que Jodelet chama de “alteridade de dentro”.

Referida àqueles que, marcados com o selo da diferença, seja ela física (cor, raça, deficiência, etc) ou ligada a uma pertença de grupo (nacional, étnico, comunitário, religioso, etc), se distinguem no seio de um conjunto social ou cultural e podem aí ser considerados como fonte de mal-estar ou de ameaça. (JODELET, 2002, p.48).

Mesmo com o preconceito cada vez maior, com os rótulos e ainda sendo chamado de ameaças, com o passar do tempo, o subúrbio se modernizou, conseguiu crescer e evoluir. De acordo com as pesquisas realizadas no ano de

2010, pelo IBGE, utiliza-se a classificação para as classes sociais para a renda total familiar (mensal), considerando uma família de quatro pessoas, em A com renda acima de R\$15.300,00; B com renda de R\$ 7.650,00 até 15.300,00; C com renda de 3.060,00 até R\$ 7.650,00; D com renda de 1.020,00 até R\$ 3.060,00 e, por último, E com renda até R\$ 1.020,00. (IBGE, 2010).

Contudo, engana-se quem pensa que nas favelas só há moradores das classes D e E. A porcentagem de moradores desses grupamentos que pertencem às classes A e B subiu de 3% para 7% desde 2013, segundo uma pesquisa feita pelo instituto Data Favela, com apoio do instituto Data Popular e da Central Única das Favelas (RIO DE JANEIRO, 2015). Para esse levantamento, o número de empreendedores (o dono da padaria do bairro, por exemplo) e, até mesmo, os artistas das comunidades, são modelos da nova elite de moradores das favelas.

Ainda que esse modelo esteja inserido na comunidade atual, o estereótipo de “marginal” e/ou “favelado” desses moradores não se modificou. O desenvolvimento que as comunidades tiveram com o decorrer do tempo não conseguiu substituir a antiga ideia que está presente no imaginário da sociedade.

A visão de Martín-Barbero (2001) sobre o assunto se coloca na contramão de todo o desenvolver-se que os conjuntos habitacionais conseguiram, uma vez que ressalta a magnitude dos grandes veículos de comunicação de massa, os quais, em alguns momentos, não se afirmam como mídia ampla, objetiva e realista, então, responsáveis por divulgarem notícias que constroem ou mantêm rótulos, nomenclaturas e alguns tipos de tripés estereotipados que, muitas vezes, não condizem com a realidade. Por essa razão, o autor defende que as grandes mídias “em vez de trabalhar as barreiras que reforçam a exclusão, protegem o seu ofício” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 67).

Em contrapartida a essa visão de Martín-Barbero, Alberto Dines (2004), no site Observatório da Imprensa, fez o seguinte questionamento: “se a favela faz parte da cidade por que razão a cidade não toma conhecimento do que se passa na favela?”. A questão levantada por Dines foi um propulsor para o desenvolvimento deste trabalho, que busca mostrar, a partir da produção de uma grande reportagem televisiva, a realidade das favelas e periferias de

Bauru para a toda a população, de forma a desmitificar esses grupamentos e seus indivíduos.

Isto se torna necessário tendo em vista que as representações midiáticas das favelas e os espaços populares nos últimos 40 anos trouxeram grandes consequências para o contexto urbano brasileiro, visto que até hoje estabelecem ou sustentam associações diretas entre esses territórios e o fenômeno da violência nos grandes centros. Essa relação, na opinião de Assis et al. (1997 apud AMARAL FILHO, 2008), fez com que a sociedade, em geral, naturalizasse a violência contra o morador de favela, culpando-o mesmo quando ele é vítima da violência e não seu autor.

O considerável monopólio de produção de informações detidos historicamente pelos grandes veículos de comunicação permite que estes produzam e difundam parte significativa do

material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de 'nós' e 'eles'. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p.58).

A respeito disso, Tomaz Tadeu da Silva (2004) escreve que “a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” e como tal “é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”. Em outras palavras, aqueles que obtêm mais poder de representação detêm também maior poder para prender e definir identidades durante períodos de tempo mais prolongados, como é o caso dos grandes meios de comunicação de massa. Ou seja, pode-se dizer que a mídia “rotula” determinados assuntos e faz a cobertura dos mesmos de acordo com suas ideologias e opiniões, “são ideias organizadoras centrais que indicam sentidos para os eventos relevantes e sugerem o que está em questão” (DANTAS, 2009 p.43).

O monopólio desses veículos de comunicação se estrutura desde seus primórdios. A televisão, em especial, meio em que será divulgado o produto final proposto ao longo deste estudo, teve seu privilégio garantido desde o seu surgimento. Lançada como veículo de comunicação logo após a Segunda

Guerra Mundial, tem algumas vantagens em relação aos outros meios de comunicação: “apresenta imagens contínuas, além de utilizar todas as funções dos outros meios, como o rádio, o jornal e a revista, em um só dispositivo”. (DINES, 1986).

A televisão é o mais potente dos *mass media*. É aquele que atinge com mais impacto um maior número de pessoas, até porque não exige do telespectador competências alfabéticas para decodificação da maior parte das mensagens. Por isso, é aquele que mais aguça o apetite pelo controle entre os agentes de poder. (SOUSA et al., 2003, p. 83).

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (SECOM, 2016), 89% da população do país assistem, diariamente, à TV, o que significa que é a televisão que predominantemente sugestiona midiaticamente a opinião, os valores e o comportamento da maioria dos brasileiros. “A televisão é uma espécie de monopólio sobre a formação das cabeças de uma parcela muito grande e importante da população” (BOURDIEU, 1997). Mas a televisão, quando utilizada de forma clara, objetiva e coesa, é capaz de proporcionar algum tipo de estímulo ou mudança de hábito. Marcondes Filho (2000) diz que a TV marca a passagem do “mundo dos invisíveis”, das pessoas comuns, normais, insignificantes, ao “mundo dos visíveis”. Por sua amplitude e pelo seu peso, o veículo produz efeitos que, embora não sejam precedentes, são inteiramente inéditos – a ação hipnótica pode fazer com que um telespectador se fidelize com aquele programa em questão, além de auxiliar na moldagem de sua visão de mundo a partir dos assuntos e opiniões expostos. Diante desse cenário, a escolha pela exibição de uma grande reportagem televisiva sobre o retrato diário das favelas da cidade de Bauru ganha força e perspectiva.

Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010), a reportagem é uma atividade jornalística que basicamente consiste em adquirir informações sobre determinado assunto ou acontecimento para transformá-las em notícia, resumindo, nada mais que relatório. Relatar algum acontecimento, algum evento, alguma notícia ou fato. É um modo de comunicação que descreve, de forma ampliada, o espetáculo ao grande público, mostrando suas causas, correlações e repercussões. Segundo Barbeiro e Lima (2002, p.70), “a reportagem é por dever e método a soma das diferentes versões de um mesmo

acontecimento”. Já Dimenstein e Kotscho (1990, p.10) definem reportagem de duas maneiras distintas:

Reportagem é uma coisa paradoxal, por se tratar, ao mesmo tempo, da mais fácil e da mais difícil maneira de viver a vida. Fácil porque, no fundo, reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias. Difícil porque o repórter persegue esse ser chamado verdade, quase sempre inatingível ou inexistente ou tão repleto de rostos diferentes que se corre permanentemente o risco de não conseguir captá-los e passá-los todos para o telespectador. (DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p.10).

Nas redações, ainda existe o termo grande reportagem, nome dado às matérias mais extensas, que concentram sua atenção sobre uma situação, um fenômeno ou acontecimento determinado de maneira mais aprofundada que a reportagem, cercando todos seus ângulos. (KOTSCHO, 2000, p.71).

A grande reportagem é expositiva, aproxima-se da pesquisa, das vozes, dos personagens, do acontecimento e, às vezes, tem caráter denunciante. “Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão” (SODRÉ, 1986, p.64). Conforme Sousa et al. (2003, p.129):

Nas grandes reportagens, o ritmo de texto deve ser menos intenso do que nos restantes gêneros. A força deve diluir-se o longo da peça. Também não há necessidade de chamar continuamente a atenção para a imagem, embora texto e imagem devam casar numa relação de complementaridade.

Levando em consideração as periferias e favelas da cidade de Bauru, esse tipo de reportagem irá explorar e revelar aspectos do que acontece ali dentro no dia a dia, ou seja, a comunidade, em seu verdadeiro sentido, irá identificar e contar a história de seus personagens, dar espaço para que essa parte da população se manifeste, além de exibir as belezas e os projetos escondidos pela marginalização exposta por outros formatos nos veículos de comunicação, e também, descrever as circunstâncias e situá-los num contexto de mundo, colocando-os em evidência para desmitificar todos e quaisquer tipos de estereótipos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do contexto apresentado, questiona-se: Qual a melhor maneira de retratar jornalisticamente o dia a dia das favelas da cidade de Bauru sem recorrer à estereotipação?

1.2 HIPÓTESES

A partir do problema identificado, levantam-se as seguintes hipóteses:

- a) Uma grande-reportagem televisiva pode retratar de forma humanizada e mais próxima de o dia a dia dos moradores da favela;
- b) O jornalista deve realizar imersão nessas comunidades para conseguir captar, registrar e interpretar as informações obtidas;
- c) Os moradores precisam estar dispostos e confiar no jornalista para que a comunicação jornalística se efetive em forma de produto.

1.3 JUSTIFICATIVA

Dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que cerca de 11,4 milhões de pessoas vivem nas favelas espalhadas por todo o Brasil (IBGE, 2010). Todos esses milhões de indivíduos tornaram-se, desde 1980, na visão de Zaluar e Alvito (1998), temidos pela sociedade em geral, fontes de todas as apreensões e angústias da população, se montando na figura do negro, pobre, analfabeto e morador de favela.

A favela é vista como um lugar sem ordem, capaz de ameaçar os que nela não se incluem. [...] Como esse rótulo genérico é atribuído aos moradores indistintamente, todos eles são considerados perigosos, capazes de, ao se relacionarem com as "pessoas do asfalto", contagiá-las com sua "falta" de valores da sociedade. [...] O fato de um indivíduo morar numa favela o transforma num estigmatizado, sendo-lhe atribuída uma condição desviante, de anormalidade e periculosidade. (ZALUAR; ALVITO, 1998, p. 306-307).

Para contrapor e desmitificar essa realidade imersa em rótulos que essas comunidades se encontram, BAHIA (1990) diz que o jornalismo tem o papel social de apurar, reunir, selecionar e difundir as notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza e rapidez. O autor completa dizendo que é da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Porém, de acordo com Marcondes (1988), a notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo.

Sendo assim, Martín-Barbero (2001) esclarece que um dos maiores e mais fortes motivos para que a favela seja exposta dessa maneira para a sociedade, se explica porque os grandes veículos de comunicação de massa não se afirmam como mídia geral, uma vez que divulgam notícias que constroem um tripé marginalizado.

A realidade das favelas do Brasil não condiz com o que é mostrado por diversos grandes meios de comunicação, uma vez que, o estereótipo ganhou força nas mãos monopolizadoras dos donos dos veículos de comunicação, os quais buscam mostrar além dos interesses da população e de si mesmos, também, os valores-notícias pregados pelo jornalismo, principalmente, pelos fatores negativos, os quais o autor Traquina tipifica como:

a) a morte, “onde há mortes, há jornalistas”; b) conflito, “A presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios [...] muitas vezes exemplificam a quebra do normal”, c) a infração; (TRAQUINA, 2005, p. 79).

Em contradição à mídia hegemônica, pesquisas realizadas desde 2010 pelo Data Favela (RIO DE JANEIRO, 2015) apontam que o perfil dessas zonas periféricas mudou, sendo agora possível encontrar moradores de todas as classes sociais, estilos e ideais.

Um fato curioso observado corriqueiramente em algum meio de comunicação é que “mesmo que a vítima seja um morador da favela, muitas vezes é possível ver que ele se torna o autor”. (ASSIS; MINAYO; NJAINE;

SOUZA, 1997 apud AMARAL FILHO, 2008, p.81). Ou seja, quantas vezes, foi possível se deparar, seja como telespectador, ouvinte ou leitor, com alguma notícia que “prenderam a pessoa errada”, por exemplo. E, diante dessas notícias, quantos eram negros? Quantos eram moradores da favela?

Diante desses dados e retratos apresentados, encontra-se a justificativa pela escolha do tema. Motivo por querer mostrar outro lado dessas favelas, algo que está na contramão das notícias comumente apresentadas pelos noticiários de muitos veículos de comunicação, em especial, as apresentadas pela televisão ao longo desses quase 70 anos de sua existência.

A pesquisa se volta ao conceito do jornalismo e à representação da realidade, cujo principal foco está em representar, de maneira positiva, um retrato do dia a dia dos moradores da periferia da cidade de Bauru. Conseguir representar quem, de verdade, são os “favelados”, o que eles fazem, onde trabalham, porque moram nesses aglomerados, há quanto tempo e o preconceito que enfrentam diariamente. Mostrar outra realidade além dos noticiários. Conseguir levar ao público consumidor da TV, estimados em mais de 89% da população brasileira (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TV, 2016), uma realidade escondida dos holofotes e das câmeras, tentando, assim, contribuir para a mudança de ideias, ideologias, princípios e rótulos da população urbana com esses aglomerados.

Somado a isso, a escolha por uma grande reportagem voltada para o meio televisivo se justifica pela influência que o meio tem na vida das pessoas. Marcondes Filho (2000) aponta que a TV tem a possibilidade de tornar o acontecido em algo sedutor. O autor diz também que “a TV tem o papel de fazer com que o telespectador sinta alguma ligação, emoção e envolvimento, sentindo como se estivesse no próprio local do acontecimento”. Esse fato dá para a notícia um valor de verdade e de autenticidade. (MARCONDES FILHO, 2000, p.86)

1.4 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivos:

1.4.1 Objetivo geral

Produzir uma grande-reportagem televisiva humanizada sobre o valor de comunidades faveladas por meio da imersão da repórter nesses aglomerados.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) Identificar com imagens do dia a dia e relatos quem são os moradores das favelas;
- b) Retratar, por meio do telejornalismo, a comunidade favelada além do contexto do crime e da violência;
- c) Possibilitar ao telespectador a ampliação de repertório de mundo a partir do registro do cotidiano de uma comunidade marginalizada.

1.5 METODOLOGIA

A ideia de produzir uma grande reportagem televisiva de caráter exclusivamente informativo com duração mínima de 12 minutos e máxima de 30 surgiu a partir da identificação, em notícias divulgadas em veículos de comunicação de massa, de olhares sobre a rotina diária de pessoas conhecidas que moram nessas regiões denominadas favelas.

Títulos como “Protesto no Rio: ‘Aqui é favela e a gente não tem direito a nada’”; “Políciais do Rio matam em média 74 pessoas por mês”; “Estudo revela ocupação do exército em seis favelas durante as Olimpíadas”; ou então, “Notícias negativas derrubam busca por passeios em favela”, localizados durante pesquisa exploratória preliminar realizada para a confecção do projeto de pesquisa deste trabalho, no segundo semestre de 2016, são exemplos dessas abordagens.

Se complementada com uma pesquisa na internet utilizando as palavras-chave favela, crime ou bandidos, a pesquisa exploratória resulta em centenas de notícias de viés marginalizador. A cada dez páginas percorridas, é possível encontrar um título como “Ao morar em uma favela, aprendi a

enxergar o que a sociedade do asfalto nunca conseguiu me ensinar” ou “Fotografias feitas por moradores de favelas no Rio estarão em exposição”. Em cerca de 90% das reportagens produzidas consultadas sobre o assunto, independentemente do grande veículo de comunicação de massa, são colocados em primeiro plano a violência, os tiroteios, as ocupações e mortes.

Diante dessa pesquisa preliminar, nasceu o projeto “Na contramão da violência: uma grande-reportagem televisiva do dia a dia das favelas da cidade de Bauru”, a partir da disciplina Projeto de Pesquisa em Jornalismo, no segundo semestre de 2016, que visa se voltar ao conceito de jornalismo e à representação da realidade, de forma a representar e dar espaço para vozes rotuladas de marginais ou favelados serem ouvidas.

O jornalismo, segundo Bahia (2009, p. 30), trata de uma linguagem coletiva, nesse sentido, a fim de que possa atingir grande parte da população, deve-se levar em consideração diferentes abordagens políticas, sociais e econômicas.

Isto posto, é fundamental que o projeto se ampare em pesquisa bibliográfica, que propicia base melhor sobre o assunto, ao permitir conhecer e questões discutidas ao longo da pesquisa, tanto no que diz respeito ao referencial teórico e prático, conforme esclarece Boccato,

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266).

A pesquisa bibliográfica consiste, então, em um trabalho investigativo minucioso, em busca do conhecimento que permite oferecer base fundamental e concreta para o todo pesquisado. Para este trabalho, buscaram-se contribuições de Bahia (2009), Dines (2006) e Dantas (2009), os quais serviram como base para compreender o que é jornalismo. Carvalho (2010), Barbeiro e Lima (2012), Curado (2002) foram os referenciais sobre a história da TV e o

surgimento do telejornalismo. Amaral Filho (2008), Cruz (2016), Filho (2008) e Guimarães (1953) e demais autores auxiliariam na contextualização histórica, social e política da favela.

Além das pesquisas bibliográficas, houve também uma análise documental sobre o tema. Cellard explica que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p. 295).

A decisão por esse método deve-se ao fato que, para fundamentar as informações de uma grande reportagem, o jornalista necessita ter o mínimo de embasamento em dados que corroborem com a estrutura da sua notícia. Justificando assim, a compilação do maior número de dados encontrados. No caso deste trabalho, tais informações encontram-se, principalmente, nos sites do IBGE, Data Favela e ONU HABITAT.

O primeiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é responsável pelos levantamentos demográficos, pesquisas estatísticas sobre os mais variados temas (de geografia à economia, por exemplo), manutenção de indicadores sobre o Brasil e informações e dados geográficos. O site apresenta documentos que servem como base para ratificar e dar fundamento a questões como, o que é a favela; quem são seus moradores e os aspectos geográficos, políticos e sociais dos mesmos.

O segundo, o Instituto Data Favela, é responsável pela realização e divulgação de pesquisas e análises sobre a favela, em seu contexto geral. Seus documentos apresentam estatísticas que denotam caráter aos moradores desses aglomerados e revelam perspectivas diferentes ao que é exposto diariamente pelos grandes veículos de comunicação de massa. O terceiro, a ONU HABITAT, busca informar e conscientizar a população mundial sobre a necessidade de países, cidades ou regiões, com pouca desigualdade e com serviços básicos de qualidade. Seus estudos oferecem estatísticas para alertar

a sociedade em geral sobre as precariedades que um determinado grupo ou região enfrenta.

Realizadas essas etapas, foi dado início ao processo da pesquisa de campo de caráter qualitativo, a qual envolve elementos de técnicas, instrumentos e ferramentas para compreender a realidade, permitindo explorar e observar aspectos sutis da vida humana, antes ignorados ou despercebidos. Priest (2011) descreve essa técnica como uma “observação descritiva de condições e práticas em outra cultura, entrevistas com perguntas abertas e análises da estrutura ou dos argumentos de um conjunto de editoriais”. Ao aplicá-la, tem-se uma visão ampla de parte da sociedade objeto da pesquisa, a favela, de forma a permitir aos moradores a oportunidade de manifestarem-se, captando diversas percepções.

Nessa perspectiva, é interessante fazer uso da observação participante para melhor compreender a realidade cultural desses aglomerados da cidade de Bauru. Mas o que significa ser um observador participante? Para Priest (2011, p.129), “o segredo é se tornar membro ‘regular’ do grupo que está sendo estudado”. Desse modo, é importante conhecer o local com antecedência, visitá-los mais de uma única vez, observar quem são esses moradores, ou seja, se inserir no cotidiano e acompanhar a rotina dessas pessoas, vivenciar suas experiências e histórias.

Em conjunto com essas técnicas, será utilizado o método conhecido como entrevista em profundidade, que permite um contato dialógico entre pesquisador e pesquisado. Todavia, é importante estar atento ao contato visual e outras linguagens corporais, os quais devem indicar ao entrevistado seu interesse pelo o que ele está dizendo (PRIEST, 2011, p. 131).

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (MEDINA, 2008, p. 8).

O argumento para o uso desse tipo de entrevista como método de coleta de dados se refere, principalmente, à exploração dos pontos de vistas dos atores sociais inseridos no contexto de investigação desse trabalho, elementos essenciais ao conhecimento e à compreensão da realidade social. Sendo

assim, a preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa, que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS, 1996).

Muitas vezes, lembram os pesquisadores do método, durante a entrevista em profundidade, acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confidência. Esses relatos fornecem um material importante e rico em conteúdo, principalmente no que diz respeito ao caráter humano do mesmo. Neles é possível encontrar uma amostra da dimensão coletiva a partir de uma visão individual.

Anterior à realização das entrevistas, será necessário a elaboração de uma pauta a partir dos dados coletados pelas pesquisas qualitativas e pelas revisões bibliográficas. O objetivo é planejar a reportagem, norteando o encaminhamento que se deve ter, bem como o nome das pessoas a serem entrevistadas, o contato, o local das entrevistas e os horários, uma espécie de roteiro. Para Barbeiro e Lima (2002), a pauta tem na televisão uma importância maior que em outros veículos por suas peculiaridades.

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2004, p.35).

O repórter em seguida estuda a pauta e vai a campo em busca de informações, imagens e sons para compor a reportagem. “É o olhar do repórter

que dá o tom da matéria. É ele quem vivencia o fato, que percebe as sutilezas das situações, que estabelece um contato direto com os personagens envolvidos”. (CARVALHO et. al., 2010).

O repórter desloca-se de um universo testemunhal – denotação contemplativa – para um universo instrumental – denotação operacional. Nessa concepção de mobilidade é que se exprime toda a atividade de sua função. Assim, não é suficiente ao repórter que saiba escrever bem. Ele precisa também saber apurar, pois é na apuração e não só no relato que residem os elementos da correção, da veracidade, da complexidade, da objetividade, da exatidão, da credibilidade e da atualidade ou da novidade da notícia. (BAHIA, 2009, p. 69).

Ao lado do repórter, nas gravações, está a figura do repórter cinematográfico, que, segundo Curado (2002), “é quem tem a curiosidade do repórter e a sensibilidade do artista fotográfico”. Para a produção em TV, é necessário saber que quando se executa uma reportagem é preciso captar imagens que correlacionem com as informações que irão compor o VT. Para Paternostro (2006), quando o telespectador liga a televisão para assistir a um telejornal ele quer se informar. Essa informação se dá a partir do texto falado e da imagem vista. Nesse sentido, não convém possuir um grande número de imagens se nenhuma delas corresponder às informações que serão colocadas no texto.

Feito isso, chega-se à última fase, a edição final do produto, responsável por moldar a grande reportagem televisiva. Editar uma reportagem é como contar uma história, assim, a edição precisa de uma sequência lógica que, pelas características do veículo televisivo, exige a combinação de imagens e sons, como explica Paternostro:

Editar é dar sentido ao material bruto. É “montar a matéria”: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, com começo, meio e fim. Editar requer sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade e paciência. (PATERNOSTRO, 2006, p.162).

Esse percurso metodológico, composto por etapas teóricas e práticas, justifica-se, segundo Santos (1998, p. 64), porque

um conhecimento deste tipo é relativamente metódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica [...] No paradigma emergente, o carácter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido. A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. (SANTOS, 1998, p. 64).

Desta forma, unindo reflexões teóricas sistematizadas e planeamento de produção, acredita-se que será possível atingir os objetivos previstos e responder ao problema norteador desta pesquisa.

2 JORNALISMO

A imprensa no Brasil foi inaugurada oficialmente somente três séculos após o registro do primeiro jornal impresso, que, segundo alguns historiadores, tem data de 1597 e é intitulado “Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro”, editado em Praga. Entretanto, é com a vinda da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, que surgem os primeiros impressos efetivamente brasileiros, como, por exemplo, a “Gazeta do Rio de Janeiro”. Anterior a esse jornal, sem tipografia, portanto, nos séculos XVII e XVIII, o jornalismo brasileiro era representado pelo panfleto, pela carta, pela gazeta manuscrita, pela canção, pelo repente, entre outros.

A história do jornalismo é a história da longa batalha do homem pela livre comunicação com os seus semelhantes. Reflete de forma bastante próxima a própria aventura da modernidade, como afirma Marcondes Filho.

É a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, aperfeiçoamento contínuo da espécie. (MARCONDES FILHO, 2000, p.9).

É comum encontrar em livros da área jornalística a relação entre a Revolução Francesa e o próprio jornalismo, sendo posto como um filho dessa fase. Com a mesma opinião, Sodré (1998) comenta que a imprensa acompanhou o desenvolvimento do capitalismo. A explicação se encontra quando a voz da população começa a ser ouvida, bem como a luta pelos direitos humanos. Antes desse período, historiadores afirmam que o saber e o acesso a documentos estavam sob o poder da Igreja Católica e da Universidade, ou seja, houve uma desconstrução desse poder que, passou, então, a circular de forma mais livre entre os cidadãos. Marcondes Filho (2000, p.11) retrata esse período como o da iluminação.

Já a segunda fase do jornalismo pode resumir-se à palavra “dinheiro”, pois, de acordo com Marcondes Filho (2000, p.13), “nessa etapa todo o romantismo da primeira fase foi substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com os jornais populares e sensacionalistas”.

A notícia como mercadoria vai recebendo cada vez mais investimento para melhorar sua aparência e sua vendabilidade: criam-se as manchetes, os destaques, as reportagens, trabalha-se e investe-se muito mais na capa, no logotipo, nas chamadas de primeira página. (HABERMAS, et al. 1965 apud MARCONDES FILHO, 2000).

A luta pela rapidez exigiu da imprensa sucessivos inventos, conduzindo a velocidade na impressão, acompanhando o enorme e crescente fluxo de informações, devido ao telégrafo, ao cabo submarino e, depois, ao telefone e ao rádio. (SODRÉ, 1998, p.3). Em meados de 1830, os jornais refletiam as mudanças políticas, sociais e tecnológicas que bem poderiam alarmar um homem atento. Tal década era considerada extraordinária sob muitos aspectos, representava uma revolução no jornalismo norte-americano. Essa revolução levou ao triunfo da “notícia” sobre o editorial e dos “fatos” sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia. (SCHUDSON, 2010, p.25).

Essa nova esfera conta com um alto poder financeiro graças à revolução tecnológica. A saída que os jornais encontraram para tal sobrevivência foi vender seus espaços a publicidades, resultando em “veículos semelhantes a um amontoado de anúncios em meio a algumas notícias” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 14). Jaenick (1972 apud MARCONDES FILHO, 2000) conta que nessa época grande quantidade de escritores foi puramente rebaixada a servidores, criados, ajudantes de mercado. É possível notar a formação de uma nova tirania junto ao poder financeiro e à autoridade pública, que dividem entre si o jornalismo. Contudo, também é nesse momento que a evolução do jornalismo passa a se encontrar com os dias atuais. Na visão de Benjamin Constant (apud SODRÉ, 1996, p.66), a imprensa era uma “tribune aggrandie”, uma espécie de tribuna ampliada para o exercício da autoridade, da sabedoria e mesmo do amor à causa pública por parte de uma personalidade intrinsecamente forte.

Nesse período, o grande público iria sendo lentamente conquistado pela literatura, principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu. O folhetim, era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer e por isso mais procurado. (SODRÉ, 1998, p.243). Com a veiculação de histórias, a

imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa.

Para fugir das opressões à liberdade de imprensa foi preciso buscar alternativas, então nasceu o formato do entretenimento para preencher lacunas, assim como as particularidades seguidas pelos profissionais da área, como o furo, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o que Marcondes Filho (2000, p.14) chama de “imprensa de massa”, composta por monopólios.

É desses conglomerados que trata o terceiro jornalismo. A passagem do século 19 para o século 20, assinala no Brasil a transição de pequena à grande imprensa (SODRÉ, 1998, p.275). Nessa etapa, o jornalismo se encontra diante de dilemas éticos, diante da redução dos questionamentos, principalmente em meio a assuntos que envolvam grandes monopólios, pilares e vertentes. O assunto desencadeado no século 20 ainda é atual cem anos depois, quando se observa a inexistência de interrogações sobre determinados assuntos, principalmente de cunho social, em grandes veículos de comunicação de massa.

O contexto observado no terceiro jornalismo acompanha a chegada da era tecnológica, que Marcondes Filho (2000) chama de quarto e último jornalismo. Nela, fontes igualmente tecnológicas recolhem material noticioso e o distribuem por todo lado com reduzido cuidado de apuração e checagem. Os jornais passam a contar com equipamentos mais modernos, embora menos numerosos. Mas “há consequências, como o desencanto pelos profissionais antes considerados contadores de história e explicadores do mundo”. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 30).

A tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética de trabalho, em suma, um outro mundo, que mal deixa entrever os sinais do que se convencionou chamar no passado de “jornalismo”. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 31).

Aubemas/Benasayag et al (1999 apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 38) sugere que a comunicação antes servia para “transmitir mensagens”, o importante era o relato. Hoje em dia, divulgar tornou-se o objetivo em si e o conteúdo só tem, no final das contas, um interesse secundário. Bem como

lembra Charon (1993 apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 41), hoje em dia, a informação, que antes era preciso buscar, vem espontaneamente aos jornalistas. As empresas transformaram-se aos poucos em emissores regulares de estatísticas, resultados, fatos ou iniciativas tomadas pelos dirigentes ou responsáveis dos setores.

2.1 JORNALISMO DO SÉCULO 21

O jornalismo e sua atuação na sociedade são os alvos preferidos das mais variadas críticas na atualidade. Em relação a eles, esquerda e direita, sociedade civil e governo, ricos e pobres, todos sempre têm algo a reclamar (benéfica ou maleficamente), embora certamente em proporções diferentes.

Diante desse cenário, diferentes autores têm chamado a atenção para a necessidade de se repensar a identidade e a legitimidade do jornalista profissional em um momento em que proliferam espaços de produção de conteúdo informativo. Atualmente, são versões on-line de jornais tradicionais, portais, blogs e mídias sociais, sites institucionais e mídias corporativas.

A redução no número de leitores, a falta de credibilidade e a severa migração da publicidade para a web, de fato, está contribuindo para que as receitas das mídias convencionais caiam. Sendo assim, os profissionais de jornalismo têm sido pressionados a buscar alternativas para o processo de coleta e formatação de informações para atender às novas exigências do público.

Esses profissionais multitarefas que os jornalistas têm se tornado também estão sendo ameaçados. O acesso rápido e fácil a qualquer tipo de notícia, documento ou material tem feito com que haja redução no número de jornalistas presentes em uma redação. A essas mudanças, acrescentam-se ainda os fenômenos de convergência digital, globalização e mudanças de grande porte, que têm afetado as corporações midiáticas e o mundo do trabalho nos últimos anos (CASTELLS, 2003).

Mudanças socioeconômicas e inovações tecnológicas têm provocado profundas alterações nos processos de produção e apresentação da notícia. Ao pensar no desenvolvimento das tecnologias digitais na última década, é

perceptível que o processo acelerou em rápida velocidade. Essa nova realidade virtual é compreendida por Sodré (1996, p.30) como um “real ancorado no plano da pura representação, altera radicalmente a percepção e faz desaparecer a realidade tradicional”.

A separação rígida entre os que fazem as notícias e os que recebem as informações desaparece no mundo virtual. Os profissionais da comunicação têm agora milhares de aliados na tarefa de apurar fatos, conhecer novidades, reunir e comentar informações. Qualquer um pode fazer notícia. O modelo tradicional, que distingue os emissores dos receptores da informação, deu lugar à comunicação feita por meio da colaboração. (FOSCHINI e TADDEI, 2006, p. 9 apud SODRÉ, ibidem).

Isto confirma por que, em busca de soluções precisas, os principais jornais começaram a disponibilizar ao grande público informações produzidas em fluxo contínuo, refletindo, na última década, mudanças fundamentais, que afetaram grande parte dos sistemas midiáticos do mundo. De acordo com McQuail (2003, p. 15), “apesar das mudanças tecnológicas, o fenômeno da comunicação de massa persiste no enquadramento institucional dos media”.

Nesse “novo” mundo tecnológico e dinâmico que as empresas jornalísticas estão inseridas, a regra é clara: é preciso dar a notícia antes que outra o faça. Isso, muitas vezes, faz com que os jornalistas corram contra o ponteiro do relógio, refletindo no mito em torno da veracidade.

Os media conseguem cada vez menos distinguir estruturalmente o verdadeiro do falso. Também aí a Internet agrava as coisas, pois o poder de publicar é agora descentralizado, qualquer rumor, verdadeiro ou falso, torna-se informação, e hoje, se desfazem os controles, efetuados anteriormente pela chefia da redação. (RAMONET et al 1999 apud MARCONDES FILHO, 2000, p. 128).

O resultado foi o aumento da pressão – por parte das empresas e do público – sobre os jornalistas pela procura e atualização constante do conteúdo. Ao mesmo tempo, persiste a cobrança pela publicação de notícias bem apuradas, que contenham informações verdadeiras e diversidade de fontes.

2.2 JORNALISMO EM PAUTA

A imprensa, tradicionalmente vista como um espectador externo aos fatos, perdeu a totalidade do domínio da cena informativa, e a opinião pública passou a contar com informações coletadas, selecionadas, tratadas editorialmente, filtradas e difundidas por entidades ou movimentos sociais, que possuem interesses corporativos. Em uma via de mão dupla, o profissional, ao buscar a transparência, sem tratamentos, cai em armadilhas. Marcondes Filho (2000, p.113) cita a “desinformação, o mimetismo, o generalismo e os processos livres”. O profissional de jornalismo precisa se atentar a esses tipos de atividades delicadas e perigosas ao produzir notícias. É necessário abandonar vícios e visões de mundo parciais e/ou preconceituosas, além de se atentar no uso de termos adequados para cada situação, sem minimizar ou exagerar ao contar a história do fato. Para o autor, é necessário ter cautela não só ao dar o “furo jornalístico”, como também repassá-lo adiante.

Outro fator preocupante para a sociedade se dá na substituição de jornalistas veteranos por outros mais jovens, o que tem sido outra prática recorrente. Uma vez que, no ano de 2009, uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a exigência do diploma de curso superior em Jornalismo para o exercício da profissão, por considerá-la inconstitucional. Desde então, a decisão criou um novo ambiente jurídico, legitimando o exercício da profissão por indivíduos sem formação superior específica – prática até então ilegal, embora frequente entre empregadores, jornalísticos ou não. Assim, explica Pereira, que tal mutação advém devido a ideia de que

O recém-formado é maleável e se adapta mais facilmente às normas político-editoriais e a salários mais baixos, uma vez que prática de realização de cursos de treinamento pelas próprias empresas ganha força agora que o diploma de jornalista não é mais obrigatório para o exercício profissional. Esse processo de desregulamentação da profissão e a perda dos valores históricos resultam, em muitos casos, em uma crise da credibilidade e da representação social dos jornalistas (PEREIRA, 2011, p.39).

Tal apontamento vale para o Brasil, assim como para os Estados Unidos e para maior parte dos países europeus, onde não há a exigência de formação

específica em cursos superiores para quem deseja exercer a profissão. Porém, diferente do Brasil, existe regulamentações específicas de acesso à profissionalização. Para muitos dos que defendem essa ideia, a premissa da valorização da criatividade é a justificativa principal.

Dessa desregulamentação surge a dúvida quanto a ética jornalística que os profissionais aprendem e refletem enquanto estudantes. Esta valorização da criatividade e da liberdade de expressão se tange com uma linha tênue entre o correto e o incorreto do ato de comentar, escrever, noticiar e expor algo ou alguém.

Assim, atualmente, esses profissionais do jornalismo são cobrados de dois modos distintos, como explica Bucci (2000, p.10):

O primeiro é aquele que reclama um poder dos meios de comunicação. É uma cobrança legítima [...]. Exigir que agissem com responsabilidade social e consciência, que não abusem do poder de que estão investidos, que não se valham dele para destruir reputações e deformar as instituições democráticas. [...] O segundo tipo de exigência é inepto: pretende apenas resguardar as aparências das boas maneiras. Cultivar a ideia de que os bons modos – e as boas consciências – resolvem por si os impasses que se apresentam é ajudar a tecer a cumplicidade entre o jornalismo e o poder, é reduzir os graves problemas da ética jornalística e dos meios de comunicação a uma questão de etiqueta. (BUCCI, 2000, p.11).

Em resumo, os consumidores de notícias cobram apenas um trabalho respeitoso e ético desses profissionais, uma vez que, na visão de Marcondes Filho (2000, p. 131), “os jornalistas não têm sido dos profissionais mais entusiasmados com discussões sobre questões éticas”. Muitas vezes, ao receberem críticas, ancoram-se na liberdade de imprensa como se esta existisse para garantir-lhes o uso ilimitado e impune da voz e da palavra escrita.

Bucci (2000) observa que, atualmente, falar em jornalismo é falar de vigilância do poder e, ao mesmo tempo, em prestação de informações relevantes para o público (não do governo). A discussão ética só produz resultados quando acontece sobre uma base de compromissos.

A ética nos meios de comunicação, em sua essência, está basicamente ligada à questão das liberdades informativas na perspectiva do exercício da

responsabilidade social da informação. Segundo Chaparro (1994, p. 24), “o direito à informação e à liberdade de expressão, preceitos constitucionais, são princípios éticos que devem nortear todas as leis reguladoras dos costumes na informação, desde a Lei da Imprensa aos manuais de redação”.

O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, estabelece: “Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui o de não ser molestado por causa de suas opiniões, o de investigar e receber informações e opiniões, e o de difundi-las sem limitação de fronteiras, por qualquer meio de expressão”.

Nessa perspectiva, segundo Chaparro (1994, p. 22), “a âncora ética do jornalismo, da qual deriva a responsabilidade moral de cada jornalista pelo seu fazer, é o direito individual e universal de investigar, receber e difundir informações e opiniões”. O jornalismo é o elo que cria e mantém mediações do direito à informação. Vede aqui o vínculo com o princípio ético universal que deve nortear a moral das ações do profissional de jornalismo e em função do qual o mesmo assume a responsabilidade consciente pelos seus fazeres profissionais. Compartilhando da mesma opinião, Bucci (2000) reforça que a decisão ética é de foro individual, mas tem seu sentido no bem comum – que, portanto, deve ser sempre considerado.

A despeito disso, é importante distinguir a “ética” de “moral”:

A palavra ética deriva da grega *ethos*, que significa costume. Etimologicamente, portanto, é sinônimo de moral, termo originado do latim *mos*, *moris*, que também significa costume. Mas, com Aristóteles, a ética passou a ser ciência da moral. A partir de então, a moral tornou-se a disciplina que estuda e regula as ações do comportamento humano, e a ética, a teoria ou ciência que estuda esse comportamento. (CHAPARRO, 1994, p. 23).

Sánchez Vásquez (1990 apud CHAPARRO, 1994, p. 23) define os dois campos dentro de uma visão moderna.

A moral cuida dos problemas práticos, isto é, dos problemas que se apresentam nas relações afetivas, reais, entre os indivíduos, ou quando se julgam certas decisões e ações dos mesmos. Mas, trata-se de um problema cuja solução não concerne somente à pessoa que os propõe, mas também a outras pessoas que sofrerão as consequências da sua decisão

e da sua ação. (VÁSQUEZ, 1990, apud CHAPARRO, 1994, p. 23).

No Manual de Redação e Estilo da Editora Globo, Garcia (1992, p. 83 apud CHAPARRO, 1994, p. 101) menciona que “ética não é mordaza”. O que ela pede não é menos que a notícia em si, mas melhor notícia: a informação correta, coesa, completa e digna de ser lida.

Essa perspectiva está afinada ao que aponta McQuail (2003, p.168), “a liberdade de comunicação tem um aspecto dual: abre-se uma vasta gama de vozes e responde a uma vasta gama de exigências ou necessidades”. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI, 2013) apresenta o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que traz como primeiro artigo as seguintes palavras: “O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse”.

Contudo, há deslizes éticos relativos à forma de como conseguir e divulgar as informações, que estão associados a várias maneiras de desrespeito ao outro, com a finalidade de conseguir um furo jornalístico. Lage explica:

Os principais deslizes éticos dentro da prática jornalística: 1. Apresentar um suspeito como culpado; 2. Vasculhar a vida privada das pessoas, publicar detalhes insignificantes de personalidades, de autoridade para desacreditá-las; 3. Construir uma história falsa, seja em apoio a versões oficiais, seja para justificar uma suspeita; 4. Publicar o provisório e o não confirmado para obter o furo, transformar o rumor em notícia; 5. Filmar ou transmitir um suicídio ao vivo; 6. Expor pessoas para provar um flagrante; 7. Aceitar a chantagem de terroristas; 8. Incitar rachas; 9. Maquiar uma entrevista coletiva ou exclusiva; 10. Comprar ou roubar documentos; 11. Gravar à revelia, esconder microfones quando não se trata de casos de flagrante contravenção ou irresponsabilidade profissional; 12. Omitir que se é jornalista para obter confidências. (LAGE, 2009, p. 124).

Esses apontamentos e discussões só interessam única e exclusivamente à sociedade, pois o jornalismo é voltado ao cidadão. De acordo com Bucci (2000, p.33), “é para ele que a imprensa deve existir – e só para ele”. É preciso saber que o direito de ser informado inclui o direito de saber

como se é informado, o direito de opinar sobre os métodos e de optar entre um veículo e outro com base nisso (BUCCI, 2000).

O professor de ética Carlos Soria (apud BUCCI, 2000, p.50), da Universidade de Navarra, na Espanha, conseguiu sintetizar toda a questão com a seguinte fórmula: “ética é igual qualidade de informação”. Ou seja, se a informação possui qualidade, necessariamente envolve apuração e edição norteadas por princípios éticos, caso contrário, a informação terá descréditos apresentáveis. Na visão de Bucci,

a desinformação não se deve apenas para os maus profissionais, mas também a atitudes empresariais que revelam falta de compromisso com o direito à informação, que se articulam para excluir o cidadão das decisões que em seu nome são tomadas. (BUCCI, 2000, p. 36).

Diante do cenário e dos valores éticos discutidos, se valida a existência de desafios jornalísticos que precisam ser expostos para a sociedade. A criação dos sete pecados capitais de Paul Johnson (apud BUCCI, 2000, p.131), uma lista que traz à tona sete debates éticos da imprensa brasileira publicados no Jornal da Tarde de 24 de março de 1993, indica como necessidade a retomada de alguns valores, que permanecem atuais, diante de situações como 1) distorção, deliberada ou inadvertida; 2) culto das falsas imagens; 3) invasão da privacidade; 4) assassinato de reputação; 5) superexploração do sexo; 6) envenenamento das mentes das crianças e; 7) abuso de poder. Propondo uma solução contra o que o próprio se refere de mazelas e falhas, Paul Johnson propõe dez mandamentos que devem nortear o trabalho dos jornalistas para que seja oferecido ao público informação de qualidade, são eles:

1) desejo dominante de descobrir a verdade; 2) pensar nas consequências do que se publica; 3) contar a verdade não é o bastante. Pode ser perigoso sem julgamento informado; 4) possuir impulso de educar; 5) distinguir opinião pública de opinião popular; 6) disposição para liderar; 7) mostrar coragem; 8) disposição de admitir o próprio erro; 9) equidade geral e; 10) respeitar e honrar as palavras. (PAUL JOHNSON apud BUCCI, 2000, p. 166).

Bucci (2000, p. 184) ressalta que, “junto a esses mandamentos, a ética deve cuidar de orientar o jornalismo a atender o consumidor de forma crítica, sem se restringir às demandas do mercado”. Em outras palavras, a ética ajuda o jornalista a se afastar da idolatria do consumo, e o convida ao atendimento das exigências de diversidade e pluralidade que a democracia impõe.

Essa reflexão ética é válida para todos os jornalistas, independentemente do suporte midiático em que atuam.

3 TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Realizada em 2016, a Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira (SECOM, 2016) indica a preferência dos brasileiros pela televisão, ao constatar que quase 89% deles em todo o país se informam pela televisão, sendo que 63% a têm como principal meio de informação. O dado ratifica o que Ramonet (1999, p. 26) destaca, de que “a televisão assume o poder como a primeira mídia de lazer e de diversão e, também, agora, a primeira mídia da informação”.

Do mesmo modo, os autores Goulart e Roxo (2010) se referem à televisão como a principal opção de entretenimento e de informação da grande maioria da população do país – para muitos, a única –, graças ao pioneirismo do empresário Francisco de Assis Chateaubriand, no dia 18 de setembro de 1950, ao inaugurar a primeira emissora televisiva brasileira, a TV Tupi-Difusora, Canal 3 de São Paulo. Na ocasião, não demorou a que a novidade se expandisse. Logo, no final da década, estavam em funcionamento mais de dez emissoras de televisão.

No dia seguinte ao da inauguração, 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmitiu o primeiro telejornal do Brasil, o “Imagens do Dia”, que mostrava imagens brutas, sem edição, dos acontecimentos. Os primeiros telejornais possuíam uma influência radiofônica, pois o texto do rádio era copiado para televisão com a maior parte das matérias lidas ao vivo, com poucas inserções de filmes ao longo do telejornal. Muitos apresentadores eram famosos locutores da “época de ouro” do rádio.

Rezende (2010) conta que as informações eram redigidas em forma de “texto telégrafo”, e os noticiários eram apresentados por locutores com estilos “forte e vibrante”, copiado do meio radiofônico. Segundo Priolli (1985 apud MATTOS, 2002), “eram os patrocinadores que decidiam as características do programa e ficava a cargo da emissora providenciar os estúdios e os equipamentos necessários à produção e veiculação dos programas”. Barbosa Lima (1985) registra que todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador.

Pela ausência de tecnologia, a televisão perdia para o rádio na rapidez da notícia. Os telejornais da época eram produzidos de maneira precária e com

baixo nível de qualidade, resultando tanto em falhas técnicas quanto em falhas dos próprios apresentadores. Para Rezende (2000), as falhas na apresentação dos telejornais se originavam tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos profissionais, a maioria procedente das estações de rádio.

A despeito disso, as emissoras brasileiras intensificaram a presença dos telejornais em sua grade de programação somente na década de 1960. Na época, de acordo com Rezende (2000), com o auxílio dos avanços tecnológicos foi ao ar o “Jornal de Vanguarda” pela TV Excelsior, idealizado por Fernando Barbosa Lima, que se constituiu na participação de jornalistas em programas televisivos. Vindos do jornal impresso, esses profissionais levavam a sua experiência para a televisão. A qualidade do noticiário impactou pela originalidade de sua estrutura e a forma de apresentação, distinta de todos os demais informativos, o que marcou o telejornalismo no Brasil.

O Jornal de Vanguarda chocou-se com o golpe de 1964 após a edição do Ato Institucional nº5, quando a equipe decidiu extinguir o telejornal para que não morresse mediante a censura política. Para Rezende (2000), encerrava-se ali uma das passagens mais criativas e inteligentes da história do telejornalismo brasileiro. O intenso controle político por meio da censura freou qualquer possibilidade de avanço tecnológico nos anos 60. E somente no final da mesma década que o telejornalismo assumiu uma nova fase, marcada pela criação do “Jornal Nacional”, na Rede Globo de Televisão. Seu diferencial estava nas novas estratégias que a emissora proporcionava, caracterizada pelo profissionalismo e apuro técnico, além de ser o primeiro telejornal transmitido em rede nacional. (FURTADO, 1988 apud MATTOS, 2002).

Segundo Rezende (2000), em janeiro de 1969, o Brasil ingressava na era da comunicação especial, das transmissões via satélite, que possibilitavam a integração nacional e aproximação com o restante do mundo. Contudo, mesmo com as inovações tecnológicas, os telejornais ainda possuíam grande influência do rádio e, como coloca o autor, caracterizavam-se pelo aproveitamento insatisfatório de seu potencial mais informativo, a imagem.

Ao longo da década de 1970, a ditadura militar, diante da repercussão internacional de crimes como tortura e assassinatos, iniciou o processo de anistia política e autorização dos movimentos sindicais. Contudo, os telejornais ainda sofriam com as imposições dos militares, os quais não permitiam

qualquer tipo de conteúdo que pudessem ameaçar o “bem-estar aparente” dos brasileiros. Motivo que pode explicar parte da população acreditar que o país estava melhor nas mãos dos militares, pois os mesmos exigiam que as emissoras de TV produzissem produtos culturais e de qualidade técnica, fato que limitou a atuação dos telejornais, que apresentavam maior quantidade de acontecimentos internacionais do que do próprio Brasil, como aponta Rezende (2000). Desse modo, por não ter liberdade para a produção das notícias, o jornalismo brasileiro foi perdendo o contato com a realidade do seu próprio país.

A década de 1970 caracterizou-se pelo aperfeiçoamento técnico da televisão e da influência norte-americana (MATTOS, 2002). Aproveitando dessa abertura, a Rede Globo passou a investir no telejornalismo, aumentando seus lucros com a publicidade.

A televisão brasileira na década de 1970, com a exceção desses fenômenos episódicos, caracterizou-se mesmo pelo desenvolvimento técnico. Quem mais se aproveitou disso foi a Rede Globo, com o aperfeiçoamento da qualidade de suas produções traduzido pela expressão “padrão global”. (REZENDE, 2000, p.113).

A criação de novos telejornais foi imediata, como o “Hoje”, transmitido no horário do almoço e outra atração apresentada no final da noite que teve vários títulos, a exemplo de “Amanhã”, “Painel” e “Jornal da Globo”. Para aprofundar mais os assuntos de interesse público, ainda na década de 1970, a Globo criou o “Globo Repórter”, que, com linguagem jornalística, aprofunda assuntos sem espaço necessário para detalhes nos telejornais da grade. Nesse sentido, não se pode dizer que foi a Globo que criou o telejornalismo, mas há evidências que foi a grande responsável pela reformulação do mesmo, ao começar pelo modo de apresentar as notícias juntamente com imagens, abandonando o “padrão radiofônico”, além do texto, da entonação, do cenário e a duração dos noticiários (REZENDE, 2000).

À medida que a censura ia perdendo força, no início dos anos de 1980, outros programas jornalísticos faziam história, como o “Vox Populi”, na TV Cultura, o “Encontro com a Imprensa”, na Bandeirantes; e o “Diário Nacional, na TV Record. Neste período, os acontecimentos regionais não despertavam

interesse e dificilmente tinham espaços em rede nacional, uma vez que a maioria das emissoras regionais deixou de produzir seus programas para a retransmissão de conteúdo das emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro.

Durante a década de 1980, novas emissoras surgiam para concorrer com a Rede Globo, a exemplo da Rede Manchete, do Grupo Bloch; e do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de Sílvio Santos. Os telejornais produzidos por essa última na década de 1980 foram peculiares pelo forte apelo popular, com notícias que exploravam o sofrimento e a violência.

Devido à imagem negativa que o SBT adquiriu ao longo dos anos junto aos telespectadores e aos críticos de televisão, em 1988 houve uma reformulação do departamento de jornalismo da emissora, com o intuito de trazer novamente credibilidade e audiência. Para isso, foram contratados consagrados nomes do jornalismo, como Marcos Wilson e Luís Fernando Emediato, do jornal “Estado de São Paulo”, e Boris Casoy, então editor chefe da “Folha de São Paulo”, para ser editor e âncora do “Telejornal Brasil” (ROXO, 2010). Para Rezende (2000), o êxito de Boris Casoy como âncora indicava a emergência de um novo modelo de telejornalismo no Brasil, centrado na valorização do trabalho do jornalista como apresentador de notícias no SBT. Ser um âncora é definido por Vieira como

basicamente, é um jornalista com a paciência e a curiosidade de ler, com a maior isenção possível, os jornais impresso do dia; esse jornalista deve ter uma visão de mundo, dispor de uma cultura humanística e histórica que lhe permita descobrir, mesmo em uma pequena anedota, a sua importância trágica ou a sua terrível comicidade; alguém em condições de estar permanentemente chocado com pela realidade, mas com o poder de se apresentar diante dos telespectadores sem que olhos e músculos reflitam qualquer tipo de comoção indesejável; alguém que acompanha, na redação, o nascimento e o desenvolvimento da notícia; uma pessoa capaz de sofrer, durante dez minutos, para escrever um bom texto de duas linhas e, ao mesmo tempo, improvisar com naturalidade e conhecimento de causa uma locução de dois minutos sobre algum acontecimento de última hora. (VIEIRA, 1991, p. 194 apud SQUIRRA, 1993, p. 119).

Em 1991 entrava no ar no SBT o telejornal “Aqui Agora”, caracterizado pela influência da linguagem radiofônica e por fazer uso do novo recurso tecnologia que permitia um plano de câmera sem a sequência de cortes. Foi

um sucesso de audiência, principalmente pelas figuras emblemáticas, como o repórter policial Gil Gomes, que dispensava a montagem tradicional das matérias jornalísticas por uma narração ao modelo antigo do rádio, como explica Roxo (2010, p. 190). Gil Gomes não fazia script, nem usava teipes. Entrava em cena ao vivo, no calor dos acontecimentos. Entretanto, o telejornal recebeu inúmeras críticas devido ao sensacionalismo exagerado de seu conteúdo, como afirma Paternostro:

era sensacionalista, apelativo, recheado de reportagens policiais com ação, aventura, flagrantes, denúncias e tensão. Com características semelhantes ao “Aqui Agora”, em 1995 a Rede Record lançou o “Cidade Alerta”, um dos seus telejornais mais polêmicos, que tinha como prioridade notícias policiais e o sensacionalismo. (PATERNOSTRO 2006, p.39)

Além do destaque para a figura de o âncora e do sensacionalismo, o telejornalismo da década de 1990 é marcado pela profissionalização, pela qualidade técnica, em especial, pela possibilidade de fazer o jornalismo ao vivo e também pelo fato do diálogo entre seus apresentadores com seus telespectadores. Outro momento importante da década foi quando a Rede Globo inaugurou no dia 15 de outubro de 1996 um canal exclusivo de notícias, a Globo News, canal com 24 horas de informação. Anos depois, de acordo com Rezende (2010), o crescimento da TV por assinatura acabou ocasionando a queda de audiência do telejornalismo nas emissoras abertas.

Com a chegada do novo milênio, a Rede Bandeirantes também passou a fazer parte do jornalismo segmentado. Seis anos depois, a Rede Record lançou o seu canal de notícias *full time*, o Record News, com o diferencial de ser o primeiro entre as emissoras abertas do país (REZENDE, 2010). O início dos anos 2000 ficou marcado, ainda, pela ampla concorrência entre os telejornais, em especial, pelas contratações de ex-jornalistas da Globo por emissoras concorrentes. Diante dessa realidade rotativa de jornalistas que deixavam a Globo, para Rezende (2000), a emissora ainda era a principal, quando não a única, referência para a maioria dos brasileiros.

A convergência entre a televisão e a internet foi outro ponto marcante desse novo milênio. Em 26 de novembro de 2003, o Presidente Luis Inácio Lula da Silva assinou o Decreto nº4.901, que consolidou as bases para a definição

do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). De acordo com Rezende (2010), segundo o decreto, as principais finalidades da TV Digital no Brasil são, entre outras: promover a inclusão social, a diversidade cultural do país e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia. Mattos (2009) aponta que as emissoras de TV de todo o país tinham até o ano de 2016 para trocar o sistema. Enquanto isso as emissoras continuarão funcionando com os dois sistemas, o analógico e o digital, ao mesmo tempo.

Desde então, todos os brasileiros estão vivendo diante dessa realidade. Em consulta aos dados do Site Oficial da TV Digital Brasileira (DTV), até o ano de 2023, a previsão é de que todos os municípios brasileiros possuam apenas o sinal digital. (TV DIGITAL BRASILEIRA, 2017).

3.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO E LINGUAGEM

Ao partir da ideia de reportar – contar, relatar –, a reportagem televisiva define-se como o resultado de uma série de etapas de produção. Curado (2002) diz que a produtividade numa redação de TV depende da boa comunicação dentro da equipe, pois nada na televisão é feito sozinho, é necessário o envolvimento de várias pessoas, cada qual em sua função para que todo o processo consiga ser finalizado. Desde a produção da pauta até sua exibição, vários profissionais estão envolvidos na execução da notícia ou reportagem. Carvalho (2010) define cargos e funções de profissionais que estão envolvidos na elaboração de uma reportagem televisiva.

Os primeiros responsáveis por esse processo são os produtores, também conhecidos como pauteiros. Estes são encarregados de reunir dados, pesquisar, apurar e elaborar pautas. Curado (2002) diz que esse profissional é quem marca as entrevistas, identifica as fontes de imagens, reúne o arquivo sobre o assunto, roteiriza a pauta, propondo a forma como a matéria deve ser estruturada e, finalmente, encaminha essa produção ao repórter.

De acordo com a linha editorial do programa, o chefe de redação é o encarregado por estabelecer e acompanhar todo o funcionamento da redação. Dessa maneira, é ele quem coordena e determina as escaladas das equipes de reportagem. O chefe de reportagem deve estar preparado para tomar decisões

imediatas caso haja qualquer alteração de pauta. Com o processo de gravação finalizado, são a interface entre os repórteres e os editores de imagem.

Em seguida, com todos os possíveis desdobramentos colocados na pauta e com a escala de equipe formada, o repórter, responsável por dar ritmo na redação, reúne as informações, se necessário faz as entrevistas e produz o texto da reportagem. Esse profissional é o narrador das principais histórias, e para cumprir tal função, precisa desempenhar um papel, como se fosse um personagem em atuação. Segundo Bahia (2009), entre a notícia e o seu destinatário está o repórter.

É ele quem vivencia o fato, que percebe as sutilezas das situações, que estabelece um contato direto com os personagens envolvidos, olho no olho. É ele quem mais sofre o impacto da emoção ou da revolta provocadas pelo assunto tratado. É para ele a maior parte dos louros pelo sucesso da reportagem especial, assim como é em cima dele que recai a maior parte da cobrança. (CARVALHO, 2010, p.44).

Já o repórter cinematográfico ou cinegrafista é o responsável por acompanhar o repórter e captar imagens necessárias para a construção da matéria. Segundo Curado (2002), o repórter cinematográfico é o olho do telespectador. É ele que tem a curiosidade do repórter e a sensibilidade do artista fotográfico.

Na etapa final da reportagem estão os editores de texto e de imagem que avaliam e estruturam os conteúdos produzidos, acrescentam ao texto do repórter imagens, efeitos, ilustrações, gráficos ou sonoplastia e o que antes estava imerso no papel, agora está pronto para a exibição final. Os responsáveis pelas equipes técnicas, de externa ou de estúdio, também fazem parte dessa etapa do processo.

3.1.1 Produção

O fazer televisão é baseado no trabalho em equipe. Bonasio (2002) diz que a televisão é a soma dos esforços coordenados de indivíduos habilidosos que constituem uma equipe de TV.

O ideal é que as pessoas envolvidas tenham um pensamento sistêmico sobre a produção, ou seja, consigam identificar e organizar as tarefas de cada um com suas nuances e necessidades específicas. E mais que isso, pensem no começo, no meio e no fim da história. (CARVALHO, 2010, p. 71).

O produtor de televisão é o responsável por dar forma à reportagem. É a pessoa que acompanha todo o processo do início ao fim. De acordo com Barbeiro e Lima (2013), é o elo entre jornalistas e técnicos. Esse profissional é o responsável por impulsionar o desenvolvimento da ideia, fazer o primeiro contato com as fontes, entrevistados e personagens, além de marcar o local, a data e o horário das entrevistas que irão compor a matéria. Para Bahia (2009), a função desse profissional é fundamental tendo em vista ser necessário um levantamento mais completo possível dos dados e das circunstâncias de um episódio, no sentido de tornar viável a notícia.

Diferente do repórter que aparece no vídeo, o produtor realiza suas funções nos bastidores. Para Cruz Neto (2008, p. 22), a principal função desse profissional é preparar a pauta, o instrumento que vai orientar o trabalho do repórter. Curado (2002) acrescenta a ideia de que o produtor de telejornalismo, no pior entendimento da função, é a “babá” do repórter.

O produtor oferece o eixo da matéria. Marca entrevistas, identifica as fontes de imagens, reúne o arquivo sobre o assunto, roteiriza a pauta, propondo a forma como a matéria deve ser estruturada e, finalmente, encaminha essa produção ao repórter, no caso de a matéria justificar a presença de um. (CURADO, 2002, p.44).

É possível afirmar que a produção é a alma da televisão. Pois, por trás de um bom repórter, está um ótimo produtor. Para que todo o encaminhamento seja possível, é necessário que o produtor seja preciso para identificar temas, entrevistados, personagens e imagens.

Uma reportagem tem destino certo: o programa com um perfil, um público, uma duração e um horário estabelecidos. A produção é que distância será percorrida pela equipe de externa, e as condições do trânsito. Portanto marcações, especialmente para uma cobertura do dia a dia, devem ser realistas, levando em consideração a logística de deslocamento. (CURADO, 2002, p. 44).

Para Curado (2002), o segredo da produção está no talento de tornar concreta a pauta com qualidade e tempo para ser exibida. Contudo, após a finalização da etapa de produção, quem dá o formato à reportagem é o repórter.

3.1.2 Pauta

Elaborada por um pauteiro, o principal objetivo de uma pauta é planejar uma reportagem. Para Barbeiro e Lima (2002), a busca e o planejamento de reportagens não devem se limitar aos assuntos do dia, ao que é imediato. É preciso criar, contextualizar e avançar, já que o aprofundamento aguça a reflexão crítica.

Para Cruz Neto (2008, p. 25), a pauta não é uma camisa de força que aprisiona e sufoca o trabalho de execução do repórter, esta ferramenta jornalística apenas será o norte do repórter para a proposta final. Em seu encaminhamento deve ter em sua composição com o nome das pessoas que serão entrevistadas, o telefone, locais e horários, um breve histórico sobre o tema e a proposta da reportagem, além das informações adicionais como possíveis perguntas e sugestões de imagens.

De acordo com Lage (2004), as pautas de reportagens incluem o assunto; o fato gerador de interesse, se houver; a natureza da matéria e o contexto; a linha editorial; uma definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento.

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2004, p.35).

Independente do veículo de comunicação, a pauta é a responsável pelo planejamento e abordagem da matéria a ser executada. Porém, para Barbeiro

e Lima (2002), a pauta tem na televisão uma importância maior que em outros veículos por suas peculiaridades, pois a atenção exigida aos detalhes necessários para a elaboração de uma reportagem na TV aumenta a importância do planejamento.

3.1.3 Captação do produto

Tendo a televisão como principais recursos a imagem e o som, é de extrema importância atentar-se à qualidade visual e auditiva do que está sendo produzido. Bonasio (2002) afirma que, se as imagens não forem esteticamente boas, a comunicação com o público não será eficiente. O posicionamento e o enquadramento da câmera podem valorizar a gravação. Cruz Neto (2008) apresenta os seis planos de enquadramento mais utilizados no dia a dia do telejornalismo, sendo eles,

1) plano geral: são tomadas efetuadas a longa distância e que servem para identificação do ambiente como um todo; 2) plano médio: são tomadas realizadas a média distância, cortando os excessos de imagens e que servem para identificar uma parte do ambiente; 3) plano americano: existem dois tipos de plano americano. O mais comum é o fechado, quando se filma a pessoa da cintura para cima. O outro tipo é o plano americano aberto que serve para mostrar a pessoa do joelho para cima. Só se usa este tipo quando quer mostrar a pessoa e uma parte do ambiente, pois, quando se filma uma pessoa parada, ela fica muito pequena no vídeo; 4) close: é quando se enquadra a pessoa na altura do peito para cima; 5) big close: é quando se enquadra o rosto da pessoa na tela; e 6) detalhe: é quando são realizados enquadramentos fechados de detalhes como, a boca, o nariz ou os olhos. Geralmente, esse tipo de plano é utilizado quando se quer identificar a pessoa entrevistada e transmitir alguma emoção. (CRUZ NETO, 2008, p.74),

Outra questão a qual os repórteres cinematográficos devem se atentar é a iluminação. Para Bonasio (2002), sem iluminação adequada, a televisão não pode operar; a câmera não vai reproduzir uma imagem tecnicamente boa. De acordo com Cruz Neto (2008), a iluminação é um dos componentes utilizados para dar qualidade à imagem. Contudo, na maioria das vezes, a luz natural do dia não é suficiente, sendo necessário o auxílio de alguns equipamentos, como:

a) spot: mais utilizado na gravação de sonoras em ambientes fechados e é sempre ligado em tomadas de rede elétrica; b) sun-gun: tem o mesmo objetivo, mas, funciona à bateria, não precisa ser conectado em tomadas. É utilizado principalmente, à noite, no momento de se fazer sonora em ambientes abertos; e c) rebatedor: um equipamento que corrige distorções provocadas pela iluminação. O rebatedor é qualquer superfície que reflete a luz e desvia para a direção desejada. O mais utilizado em reportagens é o rebatedor de mão, redondo e dobrável, por ser prático para ser usado em qualquer situação. (CRUZ NETO, 2008, p.77).

Nas palavras de Bonasio (2002), a iluminação pode orientar a atenção do telespectador para elementos importantes na cena, assim como a iluminação pode ter um efeito intuitivo, o que acaba influenciando e transmitindo efeitos emocionais que estão presentes na cena.

Assim, além da preocupação com a qualidade da imagem é preciso lembrar-se da captação sonora. Ainda que Paternostro (1987, p. 72), afirme que só se faz TV com imagem, no telejornalismo os recursos sonoros são partes fundamentais na reconstrução da realidade. O que seria uma matéria sem palavras, sem som ambiente e até sem música? As imagens são pontos centrais, contudo, na maioria dos casos, por si só não bastam.

Para Bonasio (2002), a televisão é uma mídia audiovisual, por isso o som nas ruas em variadas manifestações (diálogos, música e efeitos sonoros) é parte primária e integrante da televisão. Cruz Neto (2008) apresenta os tipos mais comuns de equipamentos para a captação de áudios, sendo:

a) picolé: ligado com o cabo na câmera e capta o som vindo de uma só direção; b) picolé sem fio: capta também o som de uma só direção. A vantagem é que dá mais mobilidade, já que não é necessário se conectar à câmera; e c) lapela: utilizado quando se grava uma entrevista mais longa e é colocado na camisa ou gravata do entrevistado e do repórter. Esse tipo de microfonação capta, além do som do entrevistado, os outros sons do ambiente, por isso deve-se tomar cuidado para que não haja som algum incomodando ao gravar a entrevista. O adequado é que se use em ambiente fechado sem barulho para que o som ambiente não atrapalhe a captação da voz do entrevistado. (CRUZ NETO, 2008, p.76).

Ao final, todo o material coletado seja em estúdio ou externa ganhará complementos na ilha de edição, local onde todo material é editado e transformado num só produto.

3.1.4 Edição

É nesse momento que a reportagem começa a tomar forma. Na visão dos autores Barbeiro e Lima (2013), editar uma reportagem é como contar uma história, e como toda história, a edição precisa de uma sequência lógica que, pelas características do veículo, exige a combinação de imagens e sons. Assim, após a finalização do processo de produção e execução da pauta, o material produzido volta para a redação e vai diretamente para as mãos do editor de texto e imagem. Em resumo, a edição é a junção do áudio (sonoras, offs e trilhas) e do vídeo captados (entrevistas, imagens e passagens).

O que ocorre no dia a dia é o seguinte: depois de executada a pauta, o repórter, na maioria das vezes, envia uma fita para a redação contendo separadamente as entrevistas realizadas, as imagens feitas e o off gravado, além do texto escrito. Ao chegar à redação, o editor de texto pega a fita e vai para ilha de edição. A ilha de edição é o local onde estão os equipamentos para a edição de uma reportagem. (CRUZ NETO, 2008, p. 81).

De acordo com Carvalho (2010), a ilha de edição não é uma caixinha de mágica, nem faz milagres, o que há ali é apenas uma relação direta entre o material bruto e produto final. Barbeiro e Lima (2013) destacam que a edição começa com a decupagem do material enviado da rua pela reportagem.

Editar é dar sentido ao material bruto. É “montar a matéria”: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, com começo, meio e fim. Editar requer sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade e paciência. (PATERNOSTRO, 2006, p.162).

Antes mesmo de o material chegar da rua, cabe ao editor realizar uma pesquisa prévia sobre o assunto, os possíveis textos e imagens que poderão compor a conclusão da matéria. Além disso, é importante que esse profissional se atente quanto aos créditos, à coesão e aos nomes das fontes. Ademais, “[...]”

é preciso indicar o tempo da reportagem, deixas, número de fitas e demais orientações ao departamento técnico, pois tais informações servem para orientar os técnicos”. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 160).

3.1.5 Linguagem televisiva

Os estudos de linguagem tiveram seus primórdios ainda na Antiguidade e aguçam a curiosidade de estudiosos até os dias atuais. Sem a linguagem seria impossível a comunicação entre os seres humanos, uma vez que ela é a responsável pela forma de raciocinar, pois, para isso, é necessário usufruir de alguma forma de linguagem, seja ela verbal, visual, gestual, escrita, etc.

Qualquer sistema de signos – não só vocais ou escritos, como também visuais, fisionômicos, sonoros e gestuais – capaz de servir à comunicação entre indivíduos. Instrumento pelo qual os homens estabelecem vínculos no tempo e determinam os tipos de relações que matem entre si. (RABAÇA, 2001, p. 53).

A linguagem é responsável pela transmissão das experiências humanas de geração em geração, sendo que boa parte delas são hoje passadas pelos meios de comunicação, principalmente da televisão. Vale ressaltar que a linguagem da linguística é diferente da utilizada no audiovisual, a qual se trata de um conjunto de regras e normas que orientam os termos técnicos, jargões e determinados procedimentos utilizados por quem trabalha com isso.

Desde sua concepção, a televisão tem um conceito polissêmico que mescla diferentes tipos de linguagens já conhecidas por outros meios (som, fala imagem), organizadas de maneira similar ao cinema (constituídas por planos, cenas e sequências) (CARDOSO; SANTOS apud GOULART, 2007, p.58).

A televisão abrange um conjunto bastante amplo de eventos audiovisuais que têm em comum apenas o fato de a imagem e o som serem constituídos eletronicamente e transmitidos de um local (emissor) a outro (receptor) também por via eletrônica. (MACHADO, 2000, p. 70).

Uma das principais diferenças entre escrever para impresso e escrever para a TV, é que na televisão o jornalista tem que ouvir o que escreveu, para

sentir o que o telespectador vai conseguir entender da notícia. A televisão é privilegiada dentre outros meios de comunicação por possuir dois tipos de linguagem: a visual e a sonora.

No caso da televisão, podemos observar a presença de várias séries informacionais paralelas e simultâneas: a série visual icônica (a imagem da imagem), a visual linguística (os títulos dos programas e letreiros, isto é, as imagens de não imagens), a sonora (a música e barulhos), a sonora linguística (a voz dos apresentadores, narradores, entrevistados) e a visual paralinguística (os efeitos visuais). (CASASÚS apud SQUIRRA, 2009, p. 99).

A linguagem do telejornalismo transitou da língua radiofônica para os moldes norte-americanos, em seguida para um padrão de telejornalismo brasileiro, e, por fim, para um modelo que prima pela interação com o telespectador. Atualmente, a sociedade vivencia esse novo contexto jornalístico, por conta da inserção de inovações tecnológicas que interferem na linguagem, na produção e na disseminação de informações.

Diante desse cenário, um dos maiores desafios desse “novo” jornalismo televisivo é conseguir fazer com que o texto e a imagem caminhem juntos, sem que um se sobressaia ao outro. Segundo Maciel (apud ASSUMPÇÃO et al. 2014), o jornalista não pode cair na tentação de descrever com palavras o que a imagem está mostrando com muito mais riqueza de detalhes e impacto visual.

Estamos em um mundo comandado pela imagem, que por causa da alta tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas. Já conhecemos muito bem o poder de uma imagem, o quanto ela impacta quando carrega informação e emoção. (PATERNOSTRO, 2006, p.73).

Quando o telespectador busca pelo formato televisivo, sabe que encontrará as notícias por meio da imagem. Portanto, não convém possuir um grande número de imagens disponíveis, se nenhuma corresponder às informações colocadas no texto.

A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. Sem contar que uma notícia de grande impacto afeta as pessoas no lado emocional. Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que

aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre. (PATERNOSTRO, 2006, p. 74).

Entendida ao todo como uma linguagem audiovisual, a televisão explora em sua composição elementos que a caracterizam. Rezende (2000, p. 38) diz que a linguagem televisiva resulta da combinação de três códigos: o icônico, representado pela imagem, o visual, o linguístico referente à língua que se fala e escreve e o sonoro, relativo à música e aos efeitos sonoros.

3.2 PANORAMA DAS REDAÇÕES

A grande imprensa jornalística, através de sua abrangência, procura dar um panorama dos fatos noticiosos a fim de transmiti-los à população e garantir o acesso à informação. Sua importância e poder de atuação são tão impactantes que muitos autores se referem a ela como o “Quarto Poder”.

Analisando o custo, no jornalismo, seja na forma de entretenimento ou informação, as redações midiáticas vêm diminuindo suas equipes. Para Didonê (2010), as redações estão enxutas, as equipes, muito jovens e a troca de experiência entre os mais experientes e os novatos, por sua vez, rareia. A ânsia por informação reduz o tempo de produção dos textos, liquida páginas de cadernos culturais e transforma reportagens em guias de serviço. Para completar, os repórteres pouco saem da redação.

Com o advento da internet e de outras tecnologias que possibilitam o acesso mais veloz à informação, questiona-se cada vez mais a importância, os modos de fazer, a relevância e os custos de um produto jornalístico diário. Esta transformação impacta diretamente a forma de como o jornalismo é feito. As tarefas já não são as mesmas, ao jornalista não basta apenas escrever ou aparecer na tela, ele deve filmar, editar, gravar, entrar ao vivo, fotografar com sua própria câmera do *smartphone*, e rapidamente atualizar os portais de onde trabalham.

A essa realidade Barbeiro e Lima (2002) chamam de videorepórter. Em outras palavras, é o repórter capaz de produzir sozinho uma reportagem para a televisão, técnica comumente utilizada pelos correspondentes internacionais. Ele é o responsável por filmar, entrevistar, contar a história, editar e apresentar

a reportagem. Fato que se contrapõe à equipe tradicional que reúne repórter, produtor, editor, cinegrafista, iluminador, responsável pela catação de áudio e motorista.

Isto demonstra que a dinâmica produtiva foi alterada. Para Jenkins (2008), em breve não se saberá mais o que é uma função e outra, tamanha a unificação dos meios e ao jornalista será dado apenas o conjunto de tarefas a executar, sem distinção, o que aumenta os temores em relação a procurar uma qualificação adequada e a traçar um projeto de carreira.

3.3 GÊNEROS E FORMATOS

De acordo com Barbeiro (2002, p. 15), a televisão é um fenômeno de massa de grande impacto na vida social. Por suas características, possui uma maneira única de transmitir informação comparado aos outros meios de comunicação, as quais juntas implicam na presença de determinados elementos como o som, a imagem e uma realidade perceptível reproduzida por um sistema técnico, selecionada por limites bem definidos: campo ocupado pela lente da câmara ou ambiente sonoro recolhido por um microfone, etc.

Marques de Melo (apud SOUZA, 2004, p. 25) compara a função da televisão com a meta definida por Adorno e diz que,

a televisão ocupa o papel excepcional, pela possibilidade que tem de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que Adorno define como “a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho”. (MARQUES DE MELO, apud SOUZA, 2004, p.23).

As maiores redes de informação do mundo “industrializaram” a produção de programas e criaram esquemas de trabalho que permitiriam a otimização de recursos humanos e técnicos. (SOUZA 2004, P. 25). Todas essas mudanças visualizaram apenas um objetivo: entreter o público. Em cada uma das esferas da televisão é possível encontrar diferentes “modos de fazer” um programa, um quadro ou um especial, resultado do que em jornalismo é denominado de gêneros televisivos.

Gênero televisivo é um modo de situar a audiência televisiva, em relação a um programa, em relação ao assunto nele tratado e em relação ao modo como o programa se destina ao público. Nessa perspectiva, gênero é uma estratégia de interação, e investir numa abordagem dos gêneros televisivos pode significar ultrapassar a dicotomia entre análise do produto televisivo e análise dos contextos sociais de sua recepção (ITÂNIA GOMES, 2002, p. 167).

Para Souza (2004, p.30), o estudo e a identificação de tais gêneros televisivos permitem escolher a tecnologia de áudio, os efeitos especiais no vídeo, o uso de equipamentos, enfim, as aplicações técnicas e adequadas às várias produções, em diferentes canais.

Cada país desenvolve uma linguagem própria de televisão. Essa linguagem depende da cultura, do passado e do desenvolvimento das outras formas de comunicação social. O Brasil, embora já tivesse uma produção de filmes e uma tradição teatral antiga, não contou, pode-se dizer, com essa participação na sua linguagem televisiva. Ela derivou-se mais das formas de comunicação populares: o circo e o rádio. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 43).

Traçar um perfil do conteúdo veiculado nas emissoras brasileiras identificando as categorias, gêneros e formatos utilizados é uma maneira de verificar se a televisão está cumprindo seu papel de informar, entreter e instruir o público (SOUZA, 2004). Para McQuail (2003, p.336), um gênero midiático é definido basicamente por seu enquadramento como “categoria de conteúdo” que possua as seguintes características:

a) uma “identidade coletiva”, capaz de ser reconhecida tanto pelos produtores quanto pelos consumidores; b) a relação dessa identidade com a sua função explícita (informação, entretenimento ou correlata), compatibilizando forma e conteúdo; c) a permanência dessa identidade através dos tempos, atendo-se a parâmetros consensuais, destinados a preservar padrões culturais; d) uma estrutura narrativa ou um ordenamento sequencial previsível, moldada(o) por estereótipos, mas comportando um “repertório de variantes dos temas básicos”.

De acordo com pesquisa realizada por Marques de Melo, a televisão brasileira possui três categorias: entretenimento, informação e educação, que abrangem a maioria dos gêneros. Souza ainda considera as categorias

publicidade e outros, esta última englobando gêneros diversos, como infantis, religiosos, agrícolas, “especiais”, eventos. Tal processo de classificação dos programas não impede a inter-relação das categorias.

O dicionário Aurélio apresenta outras definições básicas para designar o conceito de gênero, como:

conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos. Qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, ideias com caracteres comuns. Classe ou categoria de assunto ou técnica. (AURELIO, p. 852).

Ellmore (1996 apud SOUZA, 2004, p. 41) diz que o gênero se caracteriza como grupo de programas televisivos segmentados por estilo, forma, proposta e outros aspectos. Complementando a ideia, Souza (2004, p. 22) diz que é preciso conhecer os gêneros da televisão para depois subvertê-los. A subversão dos gêneros é o caminho para descobrir formatos inéditos.

Para McQuail (2003, p.340), formatos são sub-rotinas para lidar com temas específicos dentro de um gênero. Em resumo, é o instrumento – a forma – que emissores adotam para se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas. Ou seja, o termo formato pode ser definido como a nomenclatura própria do meio para identificar a forma e o tipo de produção de um gênero de programa de televisão (SOUZA, 2004).

Ao gênero de um programa televisivo associa-se diretamente um formato, responsável pelas características que ajudam a defini-lo como tal. Para Souza (2004, p.46), o formato pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e assim possibilitar o surgimento de outros programas. Um exemplo desse formato variado, o Fantástico, da Globo, é apresentado por Kottak (apud SOUZA, 2004, p. 46) por oferecer em suas duas horas de exibição uma combinação de show de variedades e revista noticiosa.

Tomando como parâmetro a contribuição de Beltrão, Melo (2003, p.59) classifica os gêneros jornalísticos brasileiros em três categorias, sendo elas: jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. De acordo com Beltrão (apud MELO, 2003, p.60), o critério adotado é explicitamente funcional, seguindo as funções que desempenham junto ao público: informar, explicar e orientar.

Nesse sentido, o autor categoriza os gêneros de acordo com as tendências do jornalismo:

a) Jornalismo informativo – 1. Notícia; 2. Reportagem; 3. História de interesse humano; 4. Informação pela imagem; b) Jornalismo interpretativo – 5. Reportagem em profundidade; c) Jornalismo opinativo – 6. Editorial; 7. Artigo; 8. Crônica; 9. Opinião ilustrada; e 10. Opinião do leitor. (MELO, 2003, p. 60).

De acordo com essa distinção, observa-se que o jornalismo informativo se refere à informação primária, de registro, a respeito de um fato que aconteceu ou está acontecendo. Como estrutura textual, é breve. Já o jornalismo interpretativo demanda ampliação de pontos de vista e, na perspectiva textual, é ampliado, aprofundado. O opinativo foca na opinião do autor e independe da extensão da abordagem (LAGE, 2004).

Com uma ideia parecida, Souza (2004) divide os gêneros como: entretenimento, informação, educação, publicidade, entre outros.

O primeiro, o entretenimento, possui caráter diversificado, é o responsável por abrigar o maior número de gêneros. Conforme Souza (2004) são eles: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, game show (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, quiz show (perguntas e respostas), reality show (TV - realidade), revista, série, série brasileira, sitcom (comédia de situações), talk show, teledramaturgia (ficção), variedades, western (faroeste).

Em seguida, é a qualidade da informação veiculada que garante credibilidade às emissoras de televisão. É através de seus departamentos de jornalismo que as redes cumprem o seu papel de prestar serviços, instruir e orientar a população. Produzido em 2014 pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), o Informe de Acompanhamento do Mercado da TV Aberta revelou que essa categoria ocupou 19,3% das grades de programação da TV aberta de São Paulo. Nesta categoria estão enquadrados todos os gêneros relacionados ao Jornalismo e à transmissão de notícias. São eles: debate, documentário, entrevista e telejornal. (SOUZA, 2004).

A terceira, a educação concentra-se nos canais educativos ou em horários de pouca demanda, ou seja, pouco lucrativos das emissoras comerciais. Souza (2004) divide esta categoria em dois gêneros: educativo e

instrutivo. Estes são responsáveis pela qualificação para uma atividade, profissão ou ensino regular, acrescentando conhecimento específico, cabendo uma segmentação dos gêneros educativos por faixa etária.

O tema seguinte, a publicidade é de fundamental importância para viabilizar a produção televisiva. “Não existe emissora que se sustente sem o patrocinador. Até as educativas já acordaram para isso e buscam apoio para suas produções com objetivos culturais”. (SOUZA, 2004, p. 155) Segundo o autor, nesta categoria estão incluídos cinco gêneros: chamada, filme comercial, político, sorteio e telecompra.

E por último, o outros. Essa categoria abriga os gêneros que reservam suas peculiaridades. Segundo Souza (2004, p.92), são três, sendo: especiais, eventos e religioso. No gênero “especiais” entram programas híbridos, únicos, que podem se aproximar de mais de uma categoria.

É importante ressaltar que os gêneros modificam-se, fundem-se e se diversificam constantemente. Essa fusão e pulverização de matrizes multigenéricas, concebidas, muitas vezes, como novas categorias e gêneros. Este processo incessante se deve à inserção do gênero em um panorama cultural e histórico e ao seu objetivo mercadológico, que o impele a satisfazer o desejo das audiências. [...] O gênero não é, portanto, uma estrutura estática ou fixa, mas sim em constante evolução. (BERNARDES; CAPARELLI; SILVA apud SOUZA, 2004, p. 162)

Compreendidos os gêneros e formatos, é possível tratar de maneira detalhada sobre a grande reportagem, objeto deste trabalho.

3.4 GRANDE-REPORTAGEM

Para Souza (2004, p. 149), os programas da categoria informação poderiam estar, sob outra ótica, reunidos num único gênero: o telejornalismo. Esse gênero buscou outros formatos além do telejornal, como os programas de debates, a reportagem, os documentários e as reportagens especiais, que ocupam o telejornalismo das emissoras (SOUZA, 2004).

Em resumo, a reportagem é um detalhamento jornalístico aprofundado da notícia, com maior número de detalhes, fontes, relatos e desdobramentos

diferenciados. A reportagem amplia os acontecimentos da notícia, procura a resposta concreta do como e por qual motivo tal fato se desencadeou. Conforme a visão de Lage:

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. (LAGE, 1987, p. 55).

Bahia (2009, p.62) afirma que a notícia não muda de natureza, mas muda de caráter quando evolui para a categoria de reportagem. Segundo o autor, a reportagem é, portanto, uma espécie de notícia que, por ter suas próprias regras, alcança um valor especial.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética. (BAHIA, 2009, p. 62).

De acordo com Dimenstein e Kotscho (1990, p. 11), para executar uma reportagem exige-se muito mais transpiração do que inspiração. Mais esforço físico do que intelectual, uma vez que a mesma persegue a verdade, ou ao menos a melhor versão que dela é possível obter.

Sodré e Ferrari (1986, p.107) afirmam que não é bastante ser verdadeira; reportagem tem de parecer verdadeira – ser verossímil. A história da reportagem somente pode ser comprovada através da imagem. Vidal e Souza (2010, p 82) afirmam que a reportagem combina escrita e imagem de modo a construir uma narrativa eficaz e com enorme poder de representação.

Toda história precisa ter começo, meio e fim. Para Curado (2002, p. 95), não necessariamente nessa ordem. O estilo do repórter e do programa ajuda na concepção do formato da reportagem. A autora ressalta ainda a importância da clareza, objetividade e precisão, para que a reportagem não se transforme em um vídeo exibicionista de tecnologias e recursos visuais. Na mesma linha de pensamento, Barbeiro (2002, p.69) orienta os repórteres a gravarem o suficiente para construir a reportagem.

Para Carvalho (2010, p.20), ao se elaborar uma reportagem, deve-se responder para o leitor, ouvinte ou telespectador as perguntas: o que, quando, onde, por que, como, quem. Caso contrário, ou não se fez jornalismo ou se fez malfeito. Corroborando da mesma opinião, Dines (apud VIDAL e SOUZA, 2010, p. 115) elenca a disposição para a aventura, o ânimo para viajar e descobrir/investigar fatos como características básicas de quem decide ser repórter, uma vez que eles irão sair dos aposentos da redação para descobrir mundo afora.

O mercado exige profissionais mais preparados, mais informados, capazes de fazer correlações entre fatos, de levantar informações exclusivas. Profissionais que busquem diariamente um olhar diferenciado em termos de conteúdo e formato e que estejam dispostos a aprender sempre. (CARVALHO, 2010, p. 20).

Sodré e Ferrari (1986, p.15) ligam a reportagem diretamente à emotividade. Mesmo não sendo feita em primeira pessoa, a narrativa deve carregar em seu discurso um tom humanizado. Ao lado desse caráter emotivo, os autores elegem as cinco principais características, sendo elas: a precisão, a qual garante a verossimilhança; a predominância da forma narrativa; a humanização do relato; o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados.

A Grande Reportagem, Reportagem em Profundidade ou Reportagem Especial, como pode ser denominada por alguns autores, é um subgênero que, através de suas características dominantes, pode ser encaixada no gênero reportagem. Segundo Melo (2003, p. 61), a grande reportagem se diferencia da reportagem pela disponibilidade de tempo que se oferece ao repórter ou à equipe de reportagem para pesquisar, refletir, avaliar, distanciando-se, portanto, da pressão analítica que caracteriza os relatos jornalísticos imediatos.

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2009, p. 99).

Na visão de White (2009, p. 263), as reportagens especiais geralmente trazem um sorriso e, às vezes, lágrimas. Para Carvalho (2010), o que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico. A mesma trabalha com o enfoque em um único assunto durante todos os minutos que serão exibidos. Para Carvalho (2010), essa breve história desponta aspectos importantes para a sua produção. Primeiro: os temas abordados em uma reportagem especial não necessariamente precisam ser inéditos. O que realmente precisa ser novo é o olhar sobre aquele fato.

Pense no telespectador. Não dá pra dizer: “você vai ver uma reportagem especial sobre determinado assunto” se ao final da matéria ele tiver a sensação - ou a certeza - de que já assistiu aquilo tantas e tantas vezes. Não se trata de escolher assuntos nunca antes tratados, insisto, mas de mostrá-los de uma forma surpreendente. Como o foco da notícia é ampliado, o texto, assim como a linguagem plástica, deve ser primoroso. (CARVALHO, 2010, p. 28).

Para a execução de uma grande reportagem é preciso desvendar novos aspectos além do roteiro de apuração. É preciso transformar os pequenos detalhes em grande informação, algo que seduza e interesse ao telespectador.

4 “MARGINALIZADOS DA TV”

Na contemporaneidade, vivemos ainda o emergente discurso da valorização da humanidade e do respeito pela diferença. Porém, a realidade apresentada é distinta, uma vez que construídas negativamente, por meio da exclusão daquelas pessoas diferentes física, social ou economicamente. Tal relação de dominação e poder sempre esteve presente na sociedade, provocando o agravamento do processo de exclusão desses indivíduos.

No caso dos moradores de favela, o imaginário social dominante brasileiro interpreta o “favelado” como um tipo social homogêneo e a favela como lugar violento, de ausência e caos social. A “periferia” ou popularmente chamada de favela, tornou-se o termo utilizado no discurso da mídia homogênea brasileira para designar de forma genérica o lugar onde vivem os pobres, marginalizados ou excluídos. Essas localidades são quase sempre definidas pelo que elas não apresentariam, ou seja, um lugar sem a mínima infraestrutura urbana, com água, luz e esgoto, sem ruas pavimentadas, com uma realidade miserável, sem a presença de qualquer tipo de ordem, sem lei, normas ou regras, enfim, um ambiente de perigo.

Sendo assim, a importância de realizar uma grande reportagem sobre as favelas de Bauru se dá a fim de fomentar um agir e pensar diferente sobre os moradores que ali residem. Nesse sentido,

a apropriação dessas práticas para o desenvolvimento de representações simbólicas constitui uma ação comunicativa própria de grupos que buscam dar visibilidade as suas realidades. A oportunidade de produzir histórias e conhecimento possibilita o desenvolvimento da argumentação e da produção de narrativas que conferem legitimidade ao processo. (MORIGI; GIRARDI, 2011, p.172).

Os meios de comunicação surgem como as principais alternativas para a consecução do fim da exclusão dos “marginalizado”.

Há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa, no que se refere aos modos de nomear os diferentes. Na ordem do simbólico televisivo, por exemplo, de que modo um grupo como o dos sem-terra é nomeado? (...) E os portadores de alguma deficiência? Em que medida todos esses diferentes são

tratados como diferença a ser excluída ou normalizada; ou então, numa outra perspectiva: em que medida esses “outros” ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente? (FISCHER, 2002, p.159).

A televisão, quando utilizada de forma clara e coesa, é capaz de proporcionar algum tipo de estímulo ou mudança de hábito. Porém, na visão de Bucci (2000, p.31), tamanha hegemonia exercida por um único meio de comunicação desequilibra o jogo democrático e a competição que faz funcionar a economia capitalista. Sob essa perspectiva e levando em conta que o hábito midiático também está relacionado a questões culturais, tendo em vista o contexto brasileiro, cabe ao jornalismo atuante no meio televisivo proporcionar uma conscientização mais profunda sobre o assunto e abrir espaço para reflexões.

Os sujeitos, ao serem representados na mídia, têm suas identidades construídas discursivamente, pois a representação é uma ‘prática significante’ e, conseqüentemente, “os meios de comunicação são agentes significantes”, ou seja, através de seus discursos, fazem as coisas [e as pessoas] significar. (SANTOS, 2009, p. 07).

É sobre atuar como jornalista, como agente construtor da realidade, de que trata este trabalho.

4.1 FAVELAS

A geografia dos aglomerados denominados como favela é universal. Em sua maioria, são áreas onde se é notório o abandono estatal e o esvaziamento cidadão, como áreas periféricas, subúrbios e regiões centrais não revitalizadas. Partindo desse pressuposto, Scheidecker (2017) analisa que a miséria humana é uma realidade global e, portanto, se manifesta na realidade de favela ou cortiço, seja em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Nova York, Lisboa, Paris ou Tóquio.

Esses problemas relacionados à favela não são recentes, relata o autor. Acontecem desde 1825, quando foi criada na cidade de Nova York a favela *Five Points*, que se acredita ter sido o primeiro aglomerado urbano informal no mundo, alocando-se onde anteriormente existia um lago poluído chamado

Collect. Nessa região, a violência e o crime eram cotidianos. A *Five Points* era o lar de pessoas pobres, famílias rurais que migravam para a cidade em busca de melhores condições e de povos perseguidos na Europa que chegavam ao grande centro de Nova York. Foi ocupada por sucessivas ondas de escravos libertos e, posteriormente, por imigrantes italianos, chineses e irlandeses. (SCHEIDECKER, 2017).

Mundo afora essas zonas periféricas continuaram a surgir. A história desses aglomerados é plural quando voltada para o Brasil. Muitos são os olhares sobre a origem da primeira favela. De acordo com Scheidecker (2017), há três narrativas principais sobre esse fato.

A primeira é sua possível origem em tempos coloniais, época do desembarque da família real portuguesa que traz à metrópole a colônia, a nobreza e os tesouros, em uma manobra audaciosa e muito debatida sobre a fundação do Brasil, resultante da necessidade onde acomodar, em pouco tempo, os milhares de nobres portugueses em uma colônia americana.

Scheidecker (2017) diz que as melhores residências, em melhores localizações, por força da lei, foram evacuadas e direcionadas para atender toda a essa elite. Assim, os antigos proprietários, cumprindo lei, esvaziaram suas casas e buscaram novos espaço para viver, ou seja, os colonos partem para as áreas marginais da capital.

Outra possibilidade foi com o processo de reurbanização e higienização que os grandes centros do Rio de Janeiro passaram ao longo do tempo. Essas ações buscavam a revitalização dos espaços públicos tomando como referencial o ideal da burguesa *belle époque* europeia no final do século 19. Partindo desse princípio, na visão de Scheidecker,

uma realidade limpa, moderna e rica não combinaria com um centro, por exemplo, repleto de focos de pobreza, miséria e violência. Era o fim dos cortiços e a população desabrigada busca sobrevivida ou ocupando as periferias/subúrbios ou, então, sobem o morro para que suas rotinas de trabalho e sociabilidade não desapareçam pela força da pena da lei ou o capricho elitista daquela e desta época. (SCHEIDECKER, 2017).

Por fim, a terceira narrativa encontra-se no episódio histórico da Guerra de Canudos, entre os anos de 1896 e 1897. A pequena cidade de Canudos foi

construída junto a alguns morros, entre eles o Morro da Favela, assim batizado em virtude da planta *Cnidocolus quercifolius*, popularmente chamada de favela, que encobria toda a região. Alguns soldados que foram para a guerra, ao regressarem ao Rio de Janeiro em 1897, deixaram de receber a remuneração militar e, como consequência, instalaram-se em construções provisórias sobre o Morro da Providência.

Sobre o episódio, no livro “Os morros cariocas no novo regime”, publicado em 1941, Dias da Cruz descreve:

Terminara a luta na Bahia. Regressavam as tropas (...). Muitos soldados vieram acompanhados de suas “cabrochas”. Eles tiveram que arranjar moradas. (...) As cabrochas eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele estado. Falavam muito, sempre da sua Bahia, do seu morro. E ficou a Favela nos morros cariocas. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nasceu a Favela, 1897. (CABRAL, 1996, p.30 in CRUZ, 1998, p.65).

A perpetuação desses aglomerados urbanos por todo o Brasil ocorreu rapidamente. De acordo com Giacomini (1987, p.30), vários são os mecanismos que condicionam o surgimento das favelas, tais como:

a crescente expulsão da mão de obra do campo, provocada principalmente na década passada pela propaganda desenvolvimentista, que se colocava em função da necessidade do sistema, que era a de aumentar o exército industrial de reserva, nas grandes cidades, especialmente São Paulo. (GIACOMINI, 1987, p. 30).

A disparidade entre a expansão da população e a industrialização fazia com que a urbanização se processasse de forma mais acelerada, fator que tornava a cidade deficiente em termos de emprego, serviços públicos e habitação (TAUBE, 1986, o. 23). Em decorrência desse episódio, Carvalho (1974, p.3), conta que a população rural se deslocou para os grandes centros industriais à procura de melhores salários.

Para a escolha do local aonde iria se levantar um barraco, os favelados levavam em conta suas necessidades, pois havia a inexistência de um programa adequado de desenvolvimento urbano. Dessa maneira, ao se

deparar com a inexistência de qualquer oportunidade de elevação de renda, de aprimorar sua capacitação profissional ou um mercado de trabalho que lhe permitisse uma integração na sociedade, essa população construiu sua morada em sub-habitações. Do outro lado, o vazio urbano, bem como diversas propriedades particulares abandonadas por seus proprietários, tornaram-se uma alternativa de construção para eles (CARVALHO, 1974).

Entre as principais causas é possível ainda salientar o agravamento da problemática habitacional, a explosão demográfica do país, a inflação que aumentava exorbitantemente e a legislação brasileira desatualizada.

A ocupação desses espaços, no que se refere ao urbanismo, é outra questão preocupante, afinal, ocupar esses espaços sem a devida orientação resulta nas diversas áreas de risco em que se encontram as favelas. Segundo Scheidecker (2017), desde sempre, a ordem na favela é superar a barreira e as ausências estatais, o que aflora a criatividade na hora de erguer os barracos e casas.

De acordo com Carvalho (1974, p. 7), geralmente esses barracos eram construídos de madeira, barro, papelão, zinco ou latas velhas, sem nenhuma disposição adequada de cômodos. Essa falta de divisórias provoca absoluta falta de higiene, sem contar no aparecimento de insetos e pragas nocivas à saúde humana. Quando o assunto tratado coloca em pauta a segurança desses moradores, a decisão, por vezes, é a erradicação dessas moradias.

Começava a se impor a ideia da favela não apenas como espaço inusitado, desordenado e improvisado, mas também como reduto da pobreza extrema. [...] Um universo exótico em meio a uma pobreza originalmente concentrada no centro da cidade, em cortiços e outras modalidades de habitações coletivas, prolongava-se agora morro acima, ameaçando o restante da cidade. (VALLADARES, 2000, p.12).

A classe média, que vivia período de ascensão social e econômica na cidade, via com desconfiança e preconceito essa ocupação dos morros pelas camadas mais pobres. Desde então, o morro passou a ser visto como local de gente perigosa e marginal. Nesse momento, não havia ainda a influência marcante do narcotráfico e o preconceito tinha muito a ver com a pobreza e os costumes da população carente. Esse conceito de dois mundos foi se

mantendo inalterado ao longo de décadas, sobretudo pela ausência do reconhecimento oficial da favela como elemento concreto de manifestação de uma forma de habitação urbana.

Assim, de acordo com Zaluar (1998, p. 7), a favela ficou registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz. A autora comenta que foi dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, que surgiram as imagens que fizeram da favela um

lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, o “outro”, distinto do morador civilizado da primeira metrópole que o Brasil teve. Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo se sujeira, lugar da finura e elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas. (ZALUAR, 1998, p. 8).

Atualmente, em grande parte do território brasileiro, é possível encontrar uma diminuição significativa dos índices de pobreza, camuflados pelos critérios de avaliação. Apesar de o favelado de hoje ter em casa televisão, geladeira, fogão, micro-ondas e até celular, essa melhora na qualidade de vida esbarra na inércia da vivência da exclusão durante gerações. A falta de perspectiva de futuro e de empregos para as gerações mais novas retrata uma subsequente reprodução da pobreza e da exclusão social. (VERAS, 1999).

4.2 OS EXCLUÍDOS

De acordo com Giacomini (1987, p. 23), as favelas são, antes de tudo, o lugar da vida de milhares de trabalhadores brasileiros. Segundo a autora, é necessário partilhar do cotidiano do povo se se quiser falar o vivido e não o repetido da cartilha “oficial” da favela. Contudo, a vivência com esses moradores não é uma realidade na sociedade uma vez que, desde 1937,

durante o governo de Vargas, a expansão das favelas nos grandes centros urbanos começava a preocupar o poder público (TAUBE, 1986, p. 23).

De acordo com o autor, o perfil desses moradores é gradativamente delineado pela literatura. Segundo o pesquisador, eles aparecem como “delinquentes”, “estranho”, “marginal”, “portador de dupla personalidade”. Ao longo de toda a existência da favela, a mesma foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: foco de doença, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR, 1998, p. 14).

Contudo, foi a partir dos anos 80, que uma atividade ilícita transformou a vida dos favelados, remodelando e consistindo em uma opinião formada sobre todos aqueles que lá habitavam. De acordo com Zaluar,

com a chegada do tráfico de cocaína em toda a cidade, a favela – onde as quadrilhas se armaram para vender no mesmo comércio que movimenta o resto da cidade e do país – passou a ser representada como covil de bandidos, zona franca do crime, hábitat natural das “classes perigosas”. (ZALUAR, 1998, p. 15).

Apesar disso, Giacomini (1987, p.24) sustenta a ideia de que é necessário buscar olhar sempre mais a totalidade da vida do favelado para que se possa compreender a injustiça deste tipo de habitação que serve de sustentáculo a toda uma rede de outros fatores de injustiça social.

Mesmo sabendo que a grande maioria não integra essas quadrilhas especializadas, os moradores dessas zonas periféricas têm sido percebidos e tratados como marginais por parcelas da sociedade. Essa representação das favelas como uma espécie de subcultura, inclusive pela ciência social, como relatado neste trabalho, nada tem de recente (VALLADARES, 2005). A novidade é que agora não se trata de basear este entendimento, como antes, na desorganização social e no atraso cultural e industrial dessas localidades, mas de associá-las diretamente ao crime violento.

Esta é também a visão expressa por um delegado da polícia, segundo nos informa Bretas (1997),

se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás. (BRETAS, 1997, p. 75).

Esse novo preceito dos moradores pode ocasionar problemas, como, por exemplo, na busca de emprego. Giacomini (1987) cita um problema comumente vivido pelos moradores desses bairros periféricos, pois,

encontrará muitas barreiras tais como: documentação, o próprio endereço: favela tal, s/nº... Está última dificuldade faz com que seja desclassificado, muitas vezes, o que leva a negar a sua identidade, passando a apresentar falsos endereços. Nega, assim, seu “próprio” chão (que não é seu, mas é o único que tem). (GIACOMINI, 1987, p. 26).

Em vista dessas questões, o pobre, o negro, o morador de favela e a própria favela em si ficam no imaginário da sociedade como representantes da violência e de tudo o que ela significa, causando o que Jodelet (1998, p.48) chama de “alteridade de dentro”:

referida àqueles que, marcados com o selo da diferença, seja ela física (cor, raça, deficiência, etc) ou ligada a uma pertença de grupo (nacional, étnico, comunitário, religioso, etc), se distinguem no seio de um conjunto social ou cultural e podem aí ser considerados como fonte de mal-estar ou de ameaça.

Tais características e rótulos são tidos como critério, a partir do qual as pessoas das camadas média e alta identificam e desclassificam, muitas vezes, aqueles que moram na favela. Essa distinção também perpassa pelo imaginário social, em que as classes mais abastadas ficam em suas casas pelo medo que sentem de serem assaltados ou raptados por outros moradores, identificados como bandidos, marginais e ladrões.

A sociedade afirma que todos ou pelo menos a maioria dos moradores desses aglomerados inclui pessoas más, violentas e sem educação. Porém, com toda essa generalização constante em torno da questão da criminalidade desde seus primórdios, é cega a percepção de que essa “caracterização” é encontrada em qualquer lugar, independente da classificação econômica ou de

sua moradia. Ou seja, o fato de possuir um barraco ou casa na favela não serve como critério para classifica-las como tal.

Zaluar (1997) propõe que essa discussão englobe o panorama mundial de crescimento da violência, pois

não há como negar a necessidade de se entender essa onda de violência não apenas como efeito geológico das camadas culturais da violência costumeira no Brasil, mas também dentro do panorama do crime organizado internacionalmente, do crime, também ele globalizado, com características econômicas, políticas e culturais *sui generis*, sem perder algo do velho capitalismo da busca desenfreada do lucro a qualquer preço. (ZALUAR, 1997, p. 18).

Nessa perspectiva, a autora conclui que a violência do imaginário é a resposta à ausência de sentido na vida quando o pensamento é dispensado – e para isso a imagem televisiva oferece especial contribuição – e quando os únicos lugares de existência são o corpo e o ato.

Isso explica não apenas essa compulsão a alcançar os nossos quinze minutos de fama, que já foi prenunciada há quatro décadas por Andy Warhol, mas também a compulsão a existir através do ato violento, porque esse é o ato que também vai chamar o agente da rede imaginária a registrar a nossa existência. (KEHL, 2004, p.104).

Partindo do mesmo pressuposto, Valladares (2000) também acredita que a mídia contribui para a consolidação desses dogmas descritos, seja pela reprodução e massificação do estereótipo da favela e dos favelados, seja pelo desequilíbrio com que oferece espaço para as duas visões da favela: a favela como campo de batalha e a afirmação da positividade da favela.

O tráfico de drogas não está somente nas favelas e a grande maioria da população das favelas não tem nada a ver com tráfico de drogas. Ao se localizar o tráfico de drogas como um problema específico da favela, faz com que uma série de outras questões sejam descartadas, como a da corrupção policial. (VALLADARES, 2000, p.49).

É preciso se atentar para outras questões além dos rótulos e estereótipos que foram construídos há décadas. Diante da quantidade de

aglomerados periféricos existentes no Brasil, é possível focar em outras arquiteturas além dessa imagem de campo de guerra que é retratada e buscar os lados positivos de se ter presente essas comunidades como algo cultural que pode oferecer visões distintas do que comumente é tida na sociedade.

4.3 AS FAVELAS DE BAURU

O complexo migratório de indivíduos de baixa renda para a cidade de Bauru começou a crescer demograficamente a partir do ano de 1950. Nessa época, o município era um centro de grande importância para o Estado de São Paulo, uma vez que seu sistema ferroviário e rodoviário era uma comunicação fácil entre as regiões, o que lhe tornou um polo de convergência de massa.

De acordo com Carvalho (1974, p. 13), o enfraquecimento da colheita de café na região de Marília fez com que grande número de famílias aportasse à cidade, esperançosas da colocação dos filhos nas indústrias e comércio de Bauru. Diante dessa nova e inesperada realidade, a estrutura urbana da cidade, despreparada para receber esse contingente populacional, fez com que as populações de classes baixas, sem dinheiro, portanto, impedidas de encontrar uma moradia no mercado imobiliário, procurassem soluções nos bairros marginais, invadindo propriedades e terrenos abandonados e construindo suas moradias de modo bastante precário. Dessa maneira, surgiram os primeiros barracos de pau a pique, como chama Carvalho (1974, p. 13), configurando-se em um desafio à administração pública local.

O autor diz que para essas famílias que chegavam à esperança de um futuro melhor, sem nenhuma visão de realidade, haviam as seguintes opções:

- a) necessidade absoluta de qualquer forma de abrigo; b) conveniência de situá-lo na maior proximidade possível do mercado de trabalho existente, em potencial ou mesmo locais de sobrevivência mais fácil; c) regressar aos locais de origem ou imigrar em busca de um teto ou local de trabalho mais incertos nas cidades de onde vieram, solução esta que, de modo geral não aceitavam. (CARVALHO, 1974, p. 14).

Deste modo, aqueles que, de algum modo, possuíam uma formação específica e/ou uma chance no mercado de trabalho, passavam a residir em bairros distantes do centro, mas com condições de vida razoáveis. Já aqueles

sem especialização, passavam a residir, de modo precário, em qualquer terreno que se encontrava livre ou abandonado.

A partir desse momento, teve início a proliferação desses aglomerados, resultando na visão do favelado como um marginal, em geral, considerado malandro, desajustado, ladrão e pobre.

A Prefeitura Municipal da cidade de Bauru realizou em 1989 o primeiro levantamento do número de favelas, por meio do que foi constatado a existência de oito bairros periféricos e mais de 400 barracos, sendo o Jaraguá o mais populoso com 130 barracos, em seguida a Vila Garcia com 85, a Gerson França com 81, a Barreirinho com 68 e São Manoel, Santa Filomena e Jardim Samburá com 43, 20 e 20 respectivamente.

Em 2005, estudos técnicos do Plano Habitacional de Bauru (PLANHAB) constataram que o perfil tipológico onde se insere o Município de Bauru caracteriza-se por apresentar alto grau de urbanização, porém, elevados índices de desigualdade e representativo déficit habitacional.

Com bases nessas informações, em busca de complementar a contextualização socioespacial do território municipal, foram criados 21 Setores de Planejamentos, aprovado em 2008 pelo Plano Diretor Participativo, o qual teve por objetivo constituir unidades físicas para o desenvolvimento de políticas municipais regionalizadas. As regiões caracterizadas como “favela” populares, as quais apresentam deficiências de infraestrutura e assentamentos irregulares foram representadas no Setor 10 e 11 da pesquisa, entre os quais estavam os bairros Jardim Nicéia, Jardim Olímpico, Tangarás, Manchester, Parque Santa Terezinha, Vila Aimorés e Ferradura.

A partir desse estudo, a Prefeitura Municipal de Bauru, desenvolveu consultas populares com os moradores, que identificaram o motivo deles residirem nesses aglomerados identificados como favelas. O primeiro seria o custo dos loteamentos mais próximos ao centro da cidade. Em seguida, o elevado índice de desemprego. (BAURU, 2011)

Segundo dados da Secretaria de Planejamento, Bauru possuía no ano de 2011, 22 assentamentos precários provenientes de ocupações espontâneas realizadas sobre áreas urbanas públicas e particulares, sendo estimado que 2.423 famílias vivessem sob essa condição.

A última pesquisa realizada pela Prefeitura Municipal de Bauru, de 2017, identificou a existência de 13 comunidades periféricas, sendo o Parque das Nações, Jardim Europa, Ilha Di Capri, Jaraguá, Andorfato, Santa Terezinha, Aimorés, Vila Zillo, Jardim Nicéia, Parque Vitória, Gerson França, São Manoel e Ferradura Mirim, essa a maior favela, com cerca de 1.200 loteamentos.

5 METODOLOGIA DE PRODUÇÃO

Para que a Grande Reportagem tivesse um formato jornalístico, foi necessário, em um primeiro momento, a realização de pesquisas bibliográficas sobre os gêneros de reportagem e grande reportagem, conhecimento sobre a história da televisão e o telejornalismo e, por fim, a compreensão da teoria e prática de seus métodos e técnicas. Os resultados desses estudos foram apresentados nos capítulos anteriores.

A fim de ampliar a pesquisa de finalidade exploratória, acrescentou-se o estudo sobre a história das primeiras comunidades periféricas do Brasil e uma busca por dados e estudos sobre as “favelas” da cidade de Bauru e os indivíduos que lá habitavam.

Os dados bibliográficos e documentais foram de fundamental importância para a execução da pauta, principalmente no que tange à explicação sobre o assunto de rótulos e preconceitos sobre os moradores desde as primeiras favelas do mundo.

Antes da realização das entrevistas foi produzido um cronograma e um roteiro de perguntas dividido de acordo com as comunidades de Bauru, visto que todas possuem diferenciais e características próprias de moradia e personagens. Esta produção está descrita na relação de pautas que pode ser encontrada no Apêndice A. Também foram recolhidos dois tipos de termos de autorização de uso de imagem e som, um para pessoas maiores de 18 anos e o outro para os pais das crianças e adolescentes menores de idade. Esses modelos estão presentes no Apêndice B.

Na pauta foram incluídos, ainda, no campo de marcações, a data e o horário de visita ao local, a equipe, o endereço e uma pequena parte dedicada a conhecer o entrevistado; abaixo desses itens, a proposta e o encaminhamento, com o intuito de deixar claro e objetivo o que era pretendido com a entrevista. Em outro campo, sugestões de imagens para serem filmadas e utilizadas no momento da edição. E, por último, o campo de informações, caso fosse necessário adicionar algumas questões sobre a comunidade ou o personagem e, também, as possíveis perguntas a serem realizadas no momento da entrevista, como um norte para o repórter.

Partindo da abordagem dos rótulos e do preconceito, a ideia da pauta foi criar uma possível reflexão sobre o tema. Assim, ao término do programa mensagens positivas de esperança e otimismo por um mundo melhor são vistas. Bem como uma oportunidade de quebrar barreiras de convivência que há tempos foram impostas entre a sociedade e os moradores dessas comunidades.

De acordo com a linha editorial e formato do programa surge a proposta de realizar uma pauta para cada comunidade visitada na cidade de Bauru. Esta foi a melhor maneira encontrada para conseguir apresentar o formato e as características individuais de cada bairro periférico, uma vez que todos têm suas particularidades.

Nesse mesmo momento em que as ligações aconteciam e as visitas se aproximavam se viu a necessidade da compra de uma câmera, uma Canon Label T5, para que as filmagens fossem realizadas. Separar e definir os instrumentos que iriam compor as filmagens também foi preciso. Assim, o tripé, utilizado para dar maior estabilidade ao equipamento no momento das gravações, foi emprestado pelo Laboratório de TV da Universidade. Já o microfone escolhido, de lapela, foi emprestado pelo colega de turma Guilherme Lima, a fim de proporcionar maior clareza e volume da voz do entrevistado e do som ambiente no momento da gravação.

Para auxiliar na execução da pauta, foi realizada atividade de pré-produção, que consistiu em ligações para diversos locais cujos contatos pudessem, de alguma maneira, auxiliar, no primeiro momento, o encontro com possíveis personagens e líderes da comunidade. Através deles, seria possível a primeira visita aos locais.

Após duas semanas de busca, realizadas no início do segundo semestre de 2017, a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social (SEBES) e a Prefeitura Municipal de Bauru entraram em contato e apresentaram dados e pesquisas quantitativas e qualitativas sobre as comunidades periféricas da cidade. Desses, surgiram os nomes de alguns voluntários e profissionais que poderiam ajudar no quesito “conhecer a comunidade”, preâmbulo entendido como fundamental para gerar empatia no momento da entrevista e evitar questionamentos desnecessários ou infundados.

O primeiro resultado do contato com o Poder Público Municipal foi a reunião entre os moradores do Jardim Europa e os voluntários do Projeto Social Angico do Cerrado, para a apresentação do objetivo de pesquisa. Após proposta e aceita, a primeira visita foi realizada. A partir dela, outras três foram realizadas, a fim de conhecer projetos, pessoas e histórias mais profundamente. No local, foi necessário um primeiro dia para conhecer a comunidade e seus moradores e mais quatro dias para as gravações, totalizando quatro horas de material. Foram entrevistados uma das representantes e líderes da comunidade, três voluntárias e quatro moradores, além de um ex-morador e outra que passou a morar no local após conhecer o seu marido. Nesse bairro periférico, evidenciou-se seu maior luxo: as plantas alimentícias não convencionais (PANCS), encontradas ao longo da comunidade.

A segunda comunidade a ser visitada com a ajuda dos projetos sociais oferecidos no bairro – Seara de Luz e Irmã Adelaide – e também da cooperativa de reciclagem, a Cooperativa Ecologicamente Correta de Materiais Recicláveis de Bauru (Coopeco), foi a do Ferradura Mirim. Após a introdução no bairro, observou-se o interesse das pessoas em ajudar e indicar quem gostaria de falar e para agregar valor à grande reportagem. Assim, foram necessários três dias de visitas: o primeiro para conhecer os projetos e apresentar a proposta do trabalho; outros dois dias para gravar as seis entrevistas, que totalizaram três horas de material, que foi acrescido de uma espécie de “fala-povo” com as crianças da comunidade, esta com duração de uma hora.

Em seguida, a terceira comunidade visitada foi a Gerson França, lá há apenas três residências ocupadas por pessoas que não aceitaram a proposta dos apartamentos oferecidos pela “Minha Casa, Minha Vida”. No local foram necessários dois dias de gravação, apesar da pouca quantidade de moradores. O primeiro dia foi com um dos moradores mais antigos do bairro e com sua esposa e o segundo dia com uma reeducanda que hoje tenta reerguer-se de vida, cujas gravações duraram aproximadamente duas horas.

Ainda no anseio por mais histórias de moradores desses bairros periféricos, foi contatada uma das moradoras mais antigas do Parque das Nações, que conta com 15 famílias atualmente. Nessa comunidade foram

precisos dois dias de gravações. O primeiro para conhecer a comunidade e a repórter ser conhecida. O segundo para a gravação, com a duração de uma hora.

Os serviços da Sebes de Bauru visam oferecer aos moradores desses bairros periféricos uma inserção na comunidade e melhor qualidade de vida. Para explicar a questão, a assistente social Ana Sales foi entrevistada na sede do órgão por cerca de uma hora. A profissional também auxiliou, por meio de telefonemas, a sanar dúvidas e localizar personagens para a grande reportagem.

Em paralelo à realização das entrevistas, as gravações dos personagens foram transcritas, de forma a auxiliar posteriormente na identificação dos dados e depoimentos mais relevantes para a montagem da lauda.

A quinta comunidade visitada foi o Parque Jaraguá, o maior bairro da cidade de Bauru. No local foi necessário apenas um dia de gravação, apesar do grande número de moradores. A referência contatada para apresentar a comunidade foi a Dona Cida, mais conhecida como “Cidinha do Azulão”, uma das mais antigas e atuantes moradoras do local. Dessa visita foi possível conhecer outros dois moradores que conseguiram se tornar referência no bairro, um locutor de rádio e o outro advogado. As gravações totalizaram aproximadamente cinco horas de duração.

No outro dia, a comunidade a ser visitada com a ajuda da professora Adriana Yoshiro, do projeto oferecido pela prefeitura, o CEJA (Centro de Educação para Jovens e Adultos), foi o Jardim Nicéia. Após a primeira e rápida introdução no bairro, observou-se uma realidade pouco mais tímida, uma vez que o contato oficial entre repórter e personagens aconteceu após uma semana. As gravações foram realizadas em apenas um dia de gravação, que totalizou duas horas de material.

Em busca de retratar o maior número de regiões periféricas de Bauru, foi contatada uma moradora do Ilha di Capri. Essa fonte, personagem antiga da comunidade, cedeu sua entrevista em tom de desabafo. O material contou com um dia de gravação com duração total de uma hora e meia.

Por fim, a oitava e última comunidade visitada foi o Parque Vitória, conhecida pelos profissionais da assistência social como a mais violenta e perigosa da cidade e caracterizada por ter em sua planície uma área de

apenas três ruas. A felicidade, a emocionante história de vida e empolgação encontrada na entrevistada mostrou outro lado do bairro e resultou em uma entrevista de uma hora de duração.

No total, foram visitadas oito comunidades, das inicialmente 13 previstas, do que resultou em 36 entrevistas e 22 horas de material gravado, captados em 14 dias de produção.

5.1 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Em um primeiro momento, para edição da grande reportagem “Na contramão da violência: um retrato do dia a dia das favelas em Bauru”, foi necessário o processo de decupagem das 36 entrevistas realizadas. Em seguida, deu-se início à seleção das imagens, das sonoras e das trilhas que iriam dar sentido à reportagem.

Posteriormente foi montado o pré-roteiro, um esqueleto de base para a lauda, com a ideia da narrativa a ser seguida pela repórter e os assuntos a serem abordados, buscando uma sequência lógica entre eles, o texto a ser narrado pelo repórter – os *offs*, as sonoras dos entrevistados com as deixas iniciais e finais e a decupagem das mesmas. Este, se encontra no apêndice C.

Em seguida, teve início da montagem da lauda de edição e/ou reportagem no padrão utilizado pelas emissoras de TV, na qual estão presentes o momento que a fala do entrevistado é ouvida, o tempo das sonoras, os textos para os *offs* da reportagem e também as imagens que iriam cobrir os mesmos, os GC de todos os entrevistados, as imagens de apoio, os efeitos visuais e sonoros que irão compor o trabalho final. É possível encontrar esta lauda mais detalhada no Apêndice D.

A divisão de blocos do programa foi realizada em seguida. Para a construção das vinhetas, tanto de abertura quanto de passagem de bloco foram utilizados dois programas, o Adobe Effects e Adobe Premier, além dos dois infográficos realizado no programa Sony Vegas, construídos para ilustrar os pontos onde se encontram as favelas ao redor do Brasil e na cidade de Bauru. Na sequência, foi editado o volume das sonoras das entrevistas e dos *offs* gravados.

Posterior a isso, após a reportagem estar estruturada, deu-se início à inserção dos GC compostos pelo nome dos entrevistados e a comunidade a qual pertencem. Selecionadas as trilhas sonoras para cada momento, a inserção foi realizada. Com o vídeo inteiramente produzido foram feitos os ajustes finais para manter um padrão de som e imagem na grande reportagem.

Após a execução de todas as etapas, o produto final foi assistido diversas vezes pela produtora, equipe técnica e orientadora a fim de verificar a qualidade do produto e observar possíveis erros para ajustes posteriores.

5.2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A Grande Reportagem “Na contramão da violência: o retrato do dia a dia das favelas de Bauru” possui 27 minutos e 15 segundos, entre a vinheta, intervalos, entrevistas, efeitos e infográficos.

O produto tem início a partir da vinheta de abertura do programa “Na contramão da violência” com imagens de alguns dos moradores entrevistados sorrindo e um som que chamasse a atenção do telespectador.

O programa é dividido em três blocos e cada um contém de 6 a 12 minutos. No primeiro bloco é abordado o contexto histórico das favelas pelo mundo e em Bauru. Já o segundo bloco aborda temas relacionados ao preconceito e aos rótulos impostos pela sociedade sobre esses moradores. No terceiro e último bloco, são contadas histórias reais do dia a dia das comunidades, narrativas de vida positivas e também negativas e a visão que os moradores possuem do lugar onde vivem e que o torna especial.

O produto é estruturado com imagens das oito comunidades visitadas, entrevistas, imagens de apoio com letreiros de transporte público e da antiga estação ferroviária de Bauru, trilha sonora, locução em *off* e infográficos, que juntos constroem uma narrativa de linguagem simples de acordo com o objetivo do programa. Algumas imagens da internet foram necessárias a fim de ilustrar alguns aspectos históricos e também de vida do Brasil a fora.

As trilhas sonoras foram selecionadas de acordo com o que a produtora ouviu ao visitar as comunidades para dar ao telespectador a impressão de estar com os moradores dentro da favela.

No decorrer da reportagem são emitidas mensagens sobre a importância da quebra de paradigmas em relação às comunidades, isso através da voz dos personagens que compõem o produto. Ao final, a mensagem é destinada diretamente às crianças desses aglomerados periféricos, acompanhada das entrevistas realizadas com eles, na qual contam a profissão que desejam seguir quando adultos.

Este desfecho permite que o telespectador tenha um momento de reflexão sobre o assunto, principalmente, diante das suas atitudes em relação ao preconceito e aos rótulos dados a esses moradores, cumprindo o papel de um jornalismo humanizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa exploratória permitiu observar que o preconceito em torno das “favelas” tem se ampliado com o passar do tempo, o que reforçou a avaliação preliminar que, para a resolução desse problema, é necessário o entendimento e/ou vivência da realidade e a desmitificação por parte da sociedade em geral diante desses indivíduos moradores de regiões periféricas e vulneráveis.

Tal constatação reforça o papel da comunicação jornalística, que tem como base contar histórias verossímeis e levar informação às pessoas. Diante desse fato, pretendeu-se, com esse trabalho, ir na contramão do que é comumente visto nas mídias homogêneas sobre o assunto e realizar a produção de uma grande reportagem televisiva humanizada sobre o valor das comunidades faveladas por meio da imersão do produtor/repórter nesses aglomerados com o intuito de buscar o retrato do dia a dia desses moradores e do que eles enfrentam diante do subsídio precário e dos rótulos neles colocados.

Retomando os objetivos pretendidos anteriormente, conclui-se que as metas foram alcançadas, uma vez que foi possível identificar e apresentar com imagens e relatos os indivíduos que residem nessas áreas periféricas e, assim, retratar a comunidade além do contexto de crime e violência, possibilitando ao telespectador a ampliação de repertório de mundo a partir do registro do cotidiano de uma região marginalizada, mas que não se restringe à marginalidade.

O questionamento apresentado no início da pesquisa sobre a melhor maneira de retratar jornalisticamente o dia a dia das favelas da cidade de Bauru sem recorrer à estereotipação pode ser respondido por meio de pesquisas exploratórias sobre o contexto histórico e social desses aglomerados desde seus primórdios.

Desse modo, foi possível identificar o motivo por trás da estereotipação e sobre quem eram esses moradores, bem como a maneira que gostariam de ser tratados, está a carência de “ouvir”, de atenção e respeito por parte dos jornalistas e da sociedade como um todo. Assim, responde-se a questão avaliando-se que é preciso estar imerso e conhecer as origens desses locais e

desses moradores, ganhar a confiança dos mesmos para que, assim, o trabalho consiga retratar o maior número de dados e fatos reais diante da periferia marginalizada.

A grande reportagem “Na contramão da violência: um retrato do dia a dia das favelas em Bauru” surge para mostrar que a “favela” não é só um lugar de violência, marginalidade e pobreza, que paralelo a ela existe felicidade, humanidade, respeito, riquezas e amor. E isto é possível por meio das ferramentas que são o jornalismo e a televisão para contar histórias de pessoas que vivem nessas regiões vulneráveis, relatos compostos de lutas para conseguir realizar seus sonhos e oferecer uma vida digna a si mesmo e a sua família; depoimentos de pessoas honestas e felizes mesmo diante de todos os obstáculos e percalços que a vida lhes ofereceu, percepções sobre como preconceito e como essa divisão entre “favelados” e “pessoas urbanas” afetam a vida dessas pessoas.

O presente trabalho iniciou-se com três hipóteses. Diante dos dados e fatos obtidos, foi possível concluir que as hipóteses a e b foram integralmente confirmadas, o seja, uma grande-reportagem televisiva conseguirá retratar de forma humanizada e mais próxima de o dia a dia dos moradores da favela e o jornalista deve realizar imersão nessas comunidades para conseguir captar, registrar e interpretar as informações obtidas, respectivamente. Já a terceira hipótese, de letra c, conseguiu ser confirmada parcialmente, pois os moradores realmente precisam estar dispostos a confiar nos jornalistas para que a comunicação jornalística se efetive em forma de produto, porém, é preciso considerar que é de característica desses aglomerados o medo de serem expostos negativamente na mídia e/ou de serem abandonados, devido a todo seu histórico. Por isso, se resguardam e procuram conhecer a proposta e o objetivo dos jornalistas e também a pessoas por traz da profissão.

A partir da visão da pesquisadora e jornalista, o presente trabalho continua se justificando. Primeiro pela relevância social que possui o tema, que é pouco explorado ou supervalorizado em relação à violência e aos rótulos e estereótipos antigos e nos valores-notícias sustentados pela negatividade. Em segundo momento, pelo formato televisivo, o qual possui grande influência na vida das pessoas, sendo capaz de instigar, mobilizar e proporcionar reflexões na sociedade. Os recursos do meio televisivo, como a combinação de imagem

e som, além de outros elementos e efeitos, ilustram e deixam evidente informações verídicas, contadas pela repórter e na voz dos personagens, ou seja, oferece a sensação de estar presente na cena.

A produção televisiva possui algumas dificuldades, essas sentidas na pele pela repórter. A escolha por produzir uma Grande Reportagem televisiva implica em um processo de pré-produção, produção, gravação e edição de todo o material. Em uma emissora de televisão, esse trabalho seria realizado por uma equipe. No caso deste trabalho de conclusão de curso, a execução se deu pela autora com o auxílio dos colegas Denis Eric de Jesus, Bruna Cazzoli e Guilherme Lima em algumas oportunidades. O primeiro esteve presente na maioria das gravações, sendo o responsável pela captação das imagens, assim como a Bruna, que também ajudou na captação quando Denis não podia ir até às comunidades. Por fim, Guilherme foi o responsável pela gravação das passagens da repórter, além de ser também o editor do material final da Grande Reportagem. Essas informações estão presentes no crédito do produto.

A equipe diminuta não foi impeditivo para a execução do trabalho. Para superar o que seria uma dificuldade, optou-se pela criação de uma rede de colaboradores informais, composta por moradores referência nas comunidades visitadas e profissionais e voluntários atuantes no meio.

Essa rede, que, de certa forma, reflete uma vida baseada na união coletiva, permitiu a superação em abordar um tema delicado e envolto em preconceitos, favorecendo a identificação de personagens com histórias ricas, a gravação de *offs* e a localização de informações sobre as comunidades visitadas.

Foi necessário encontrar soluções diversas para conseguir marcar a data, o horário e o local para as gravações das entrevistas. Muitos, ao entender o significado e o objetivo proposto pelo trabalho se desdobraram e conseguiram reservar algum tempo antes deixado para o lazer, aos finais de semana, por exemplo, ou de seus respectivos horários de almoço.

A câmera alocada dentro de algumas comunidades gerou certos conflitos. Para driblar esse obstáculo foi necessário comunicar-se com os líderes dessas comunidades ou ser acompanhada por moradores ao caminhar pelos bairros. Em outras vezes, os horários curtos e a inexistência de líderes

em algumas comunidades, não permitiu efetivar essa comunicação da melhor maneira. Nos aglomerados em que foram contatadas essas pessoas, nenhum empecilho foi encontrado, dando seguimento a pesquisa e as gravações.

Outro desafio superado envolveu a distância entre os bairros e o centro urbano. A locomoção desses moradores, em sua maioria, é realizada através do transporte público ou a pé. É possível encontrar pontos de ônibus próximos às principais ruas das comunidades, porém, o empecilho são os horários espaçados. Assim como esses moradores, toda a equipe passou pelas mesmas dificuldades, que não foram impeditivos para a realização do trabalho.

Ao final desse processo, o mais perceptível foi a mudança de olhares e perspectivas que as favelas proporcionaram. Quando surgiu a ideia do tema, a visão sobre esses aglomerados era algo muito menor do que a realidade ali encontrada. Mesmo com a influência de determinadas mídias homogêneas e pelo excesso de matérias de cunho negativo encontrados, nunca foi a violência o retrato das comunidades, mas a felicidade e o respeito.

A felicidade, por exemplo, pode ser encontrada em bailes funks, em dinheiro ou em algo fora dali. Também foi possível entender que essa palavra é sinônimo de união, poucos bens materiais, alimentos, pouca riqueza, mas muitos sorrisos, muita união e muito afeto entre eles. A felicidade ali dentro pode ser uma pedra diferente encontrada pelo meio do caminho, ela está nas pequenas coisas.

No tópico respeito, por influência dos meios sociais, a imaginação era desenhada com pessoas protegendo a comunidade com armas ou barragens. O que não se concretizou em nenhuma das oito favelas visitadas. O respeito, pelo contrário, é aprendido desde criança: à natureza, aos pais, aos vizinhos, aos amigos e a todos a sua volta. Respeito à vida.

Ao decidir falar sobre as comunidades periféricas, no segundo semestre de 2016, a autora não imaginava o quão gratificante seria o trabalho, mesmo diante dos percalços encontrados ao longo do caminho. A lição de vida e de humanidade é algo que deveria ser aprendido por todos os seres da terra. Poder conhecer, estar presente nas atividades e no dia a dia desses moradores, de certa forma, excluídos, foi a maior conquista diante de toda a jornada do curso de jornalismo.

O trabalho serviu para dar fim a um ciclo que se iniciou no primeiro semestre de 2014 e termina com este projeto, que, independente de matéria ou nota, conseguiu somar e mudar a visão de uma cidadã, estudante e agora formanda em jornalismo, que sai para o mercado profissional uma pessoa mais humana, preparada e disposta a compreender e dar valor a vida pessoal e/ou profissional e as pequenas coisas que são realizadas e oferecidas diante do caminho. Produzir este trabalho contribuiu para a formação, não só acadêmica, mas também como indivíduo da sociedade.

Poder conhecer e contar a história de cada uma das pessoas, que conseguem transformar o mínimo em muito mais do que se pode imaginar e que não medem esforços para sorrir e superar suas dificuldades, tornou ainda mais gratificante a finalização desta etapa e desta grande reportagem.

REFERÊNCIAS

- ABI. Associação Brasileira de Imprensa. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. C2013. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em 18 abr. 2017.
- AMARAL FILHO, O. As perigosas fronteiras da 'comunidade': um desafio à comunicação comunitária. In: In: Raquel Paiva; Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos. (Org.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas da comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- ASSUMPÇÃO, D. J. F.; VILLEGAS, G. M. **Padrões e linguagem jornalística: um modelo de 'timing' da informação**. Portal Intercom; 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0011-1.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2017.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBEIRO, H; LIMA, P. R. de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- _____. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BARBOSA LIMA, F. **Televisão e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: < >. Acesso em: 20 out. 2017.
- BONASIO, V. **Televisão: manual de produção e direção**. Belo Horizonte: Leitura, 2002.
- BORELLI, S. H. S; PRIOLLI, G. (Coord.). **A Deusa Ferida: Por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRETAS, A. C. P. Interseções entre as áreas de conhecimento da gerontologia, da saúde e do trabalho. **Revistas USP**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=BRETAS+1997&oq=BRETAS+1997&aqs=chrome..69i57j0l2.3243j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 22 jun.2017.
- BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- CANCIO, M. **Telejornalismo descoberto**: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.
- CARVALHO, A. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- CRUZ, M. M. da. Vozes da favela: representação, identidade e disputas discursivas no ciberespaço. **docplayer.com.br**, c2017. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9323520-Vozes-das-favelas-representacao-identidade-e-disputas-discursivas-no-ciberespaco-marcia-maria-da-cruz-1.html>> Acesso em: 30 out. 2016.
- CRUZ NETO, J. E. **Reportagem de Televisão**: Como Produzir, Executar e Editar. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CURADO, O. **A notícia na TV**: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.
- DANTAS, M.; VIMIEIRO, A. C. Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. **Lumina**, Juiz de Fora, v.3, n.2, p. 1-16, dez. 2009. Disponível em: <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/261>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- DIDONE, D. **Redações enxutas, equipes muito jovens**. Coletiva.net. 2010. Disponível em: <<http://coletiva.net/artigos/2010/06/redacoes-enxutas-equipes-muito-jovens/>>. Acesso em: 26 ago. 2017
- DATA FAVELA. **Instituto de Pesquisa Focado na Realidade das Favelas Brasileiras**. Disponível em: <<http://datafavela.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- DIÁRIO DE SÃO PAULO. **Rede Bom Dia de Telecomunicações**. Disponível em <<http://www.diariosp.com.br/>>. Acesso em 30 nov.2016.
- DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.
- DINES, A. **O papel do jornal**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2006.

_____A mídia e a cobertura nas favelas. **Observatório da Imprensa**, jun.2004. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/a-midia-e-a-cobertura-nas-favelas/>>. Acesso em 01 dez. 2016.

DIREITO COM. Artigo 19. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2015. Disponível em: <<https://www.direitocom.com/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/artigo-19o>>. Acesso em 04 dez.2016.

DTV. **Tv Digital Brasileira**. Cobertura. c2017. Disponível em: <<http://www.dtv.org.br/index.php/cobertura>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FILHO, N. A. **As perigosas fronteiras da comunidade**: um desafio à comunicação comunitária". In: Raquel Paiva; Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos. (Org.). Comunidade e Contra-Hegemonia: Rotas da Comunicação Alternativa. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./ jun. 2002.

GIACOMINI, M. **Trabalho social em favela**. São Paulo: Cortez, 1987.

GOULART, A.P.S; ROXO, M (orgs). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

GUIMARÃES, A. P. **As favelas do Distrito Federal**. Revista Brasileira de Estatística, v. 14, n. 51, p. 250-278,1953.

GUIMARÃES, B. M. **As vilas – favelas em Belo Horizonte**: o desafio dos números In: QUEIROZ RIBEIRO, L. C. (org.). O futuro das metrópoles. Rio de Janeiro: Revam, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censos Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default_censo1991.shtm>. Acesso em: 30 nov. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default_censo1991.shtm>. Acesso em 29 nov. 2016.

GOMES, I. M. M. A noção de gênero televisivo como estratégia de interação: o diálogo entre os cultural studies e os estudos da linguagem. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v. 4, n. 2, dez. 2002.

HOINEFF, N. **A nova televisão**: desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JODELET, D. F. **Representações sociais: um domínio em expansão.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

KELLNER, D. **A cultura da mídia.** Bauru: EDUSC, 2001.

KOTSCHO, R. **A Prática da reportagem.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. _____. São Paulo: Ática, 2009.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____ **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 1987.

_____ **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular, 4º Ed. Ver. e atual., 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa.** 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão – A vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.

_____. **A saga dos Cães Perdidos.** São Paulo Hacker Editores São Paulo, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MAQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira: uma visão social, econômica e política.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MCQUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDINA, C. Entrevista: **O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

MORIGI, V.; GIRALDI, M. T.; ALMEIDA, C. D. (orgs.). **Comunicação, informação e cidadania: refletindo práticas e contextos.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **ONU-HABITAT**: Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. Rio de Janeiro, [2016?] Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/onuhabitat/>>. Acesso em: 30 nov.2016.

PATERNOSTRO, V. Í. **O Texto na TV**: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

_____. **O Texto na TV**: Manual de jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PRIEST, S. H. **Pesquisa de mídia**: introdução. Porto Alegre: Penso, 2011.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMONET, I. **A Tirania da Comunicação**: Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1989.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pósmoderna**. Estud. av. [online], vol.2, n.2, pp. 46-71, 1998.

SANTOS, R. P. dos. **Sujeito, discurso e ideologia**: a constituição de identidades na cultura midiática. Revista Culturas Mediáticas. PPGCOM UFPB. No 01. Jan/jun 2009.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a Notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SECOM. Secretária de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. Disponível em < <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view> >. Acesso em 22 out. 2016.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de Reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, J. P.; AROSO, I. **Técnicas Jornalísticas nos meios Electronicos**: princípios de radiojornalismo e jornalismo on-line. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2003.

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Televisão Digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TAUBE, M.J. de M. **De Migrantes a Favelados: estudo de um processo migratório**. Vol. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Volume1. Florianópolis: Insular, 2005.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: vol. 15, n. 44, p. 5-34, outubro 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>>. Acesso em 14 maio 2012.

Veras, M.P.B. **Por uma sociologia da exclusão social: o debate com Serge Paugam**. São Paulo: Educ, 1999.

VIDAL E SOUZA, C. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro-RJ: Editora FGV, 2010.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico: redação, reportagem e produção**. São Paulo: Roca, 2008.

ZALUAR, A. **Cem anos de favela**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1998.

APÊNDICE A - PAUTAS

 UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO <small>A Universidade da sua vida</small>	JARDIM NICÉIA	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	15/08/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI E BRUNA CAZZOLI

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA ARQUIMEDES ANTÔNIO MORTARI – 108, ANTIGA RUA 4, JARDIM NICÉIA.

CONTATO: (14) 99107-8124

ENTREVISTADO: FLORIANO DE PAULA MENESES

MARCAÇÃO 2

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI E BRUNA CAZZOLI

HORA: 16 HORAS

LOCAL: RUA ARQUIMEDES ANTÔNIO MORTARI – 108, ANTIGA RUA 4, JARDIM NICÉIA.

CONTATO: (14) 99107-8124

ENTREVISTADO: DONA IRBA

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da grande-reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história, o preconceito enfrentado e um pequeno retrato do dia a dia dos moradores do bairro do Jardim Nicéia, em Bauru.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da grande reportagem deve conter informações sobre os personagens, moradores do Nicéia há mais de uma década, algumas histórias, o preconceito que enfrentam ou enfrentaram por serem moradores de uma favela e seu sentimento em relação ao bairro.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a casa do entrevistado (a);
- A favela em um plano geral;
- Se tiver fotos antigas, colocar para ilustrar;

INFORMAÇÕES

A comunidade do Jardim Nicéia foi construída em pleno governo militar, por consequência, os migrantes que não tinha condição de financiar uma casa pelo sistema de financiamento da habitação invadiu essas áreas, tendo seus arredores cercados por condomínios fechados, repletos de câmeras, cercas de arame farpado e vigilância 24 horas.

Atualmente, o bairro conta com cerca de 1.000 moradores. A maioria das moradias são precárias, as redes de esgoto, água e energia elétrica chegam até a comunidade e as contas também, porém em uma parte do bairro somente a água chega. Ligações improvisadas, denominadas popularmente de "gatos" são muito comuns.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

FLORIANO

Seu Floriano é um homem simples, que com o tempo, aos poucos, foi perdendo a visão. Trabalhador autônomo, ajuda sua mulher com os afazeres domésticos. Morador do Jardim Nicéia há mais de 15 anos, ele não pretende deixar a comunidade tão cedo. É matriculado no curso de nome CEJA, na comunidade, o qual ele aprendeu a ler e a escrever.

DONA IRBA

Uma senhora de riso fácil, que vive na comunidade há mais de 20 anos. Viu o Jardim Nicéia se expandir e hoje é o seu lugar preferido no mundo. Batalhadora, a idade não foi empecilho para começar a estudar. Se matriculou no curso CEJA e como uma das alunas mais aplicadas ganhou uma bolsa nas aulas de medicina do curso oferecido pela Unesp.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

FLORIANO

- HÁ QUANTO TEMPO MORA NO BAIRRO DO NICÉIA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- SE TIVESSE A OPORTUNIDADE, VOCÊ SE MUDARIA DAQUI? POR QUÊ?
- JÁ SOFREU PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE TE EMOCIONA QUANDO SE TRATA AQUI DO NICÉIA? OS SENTIMENTOS E/OU LEMBRANÇAS QUE GUARDA E QUE A COMUNIDADE TE PROPORCIONOU?

DONA IRBA

- HÁ QUANTO TEMPO MORA AQUI NO NICÉIA?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- VOCÊ SENTE MEDO DO LUGAR ONDE MORA? JÁ SENTIU ALGUMA VEZ?
- COMO MORADOR, É REALMENTE UMA ROTINA DE MEDO, COMO ALGUNS NOTICIÁRIOS HOMOGÊNEOS DIVULGAM?
- EM APENAS UMA PALAVRA, O QUE É O JARDIM NICÉIA PARA VOCÊ?
- QUAL O SEU MAIOR SONHO?

	PARQUE JARAGUÁ	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	28/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 28/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 14 HORAS

LOCAL: RUA ORY PINHEIRO BRIZOLA 9-7 – ALTO PARAÍSO, BAURU.

CONTATO: (14) 99829-0917

ENTREVISTADO: EDUARDO NUNES

MARCAÇÃO 2

DATA: 28/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 16 HORAS

LOCAL: RUA DOUTOR APARECIDO DA SILVA BAPTISTA, 3-67 – PARQUE JARAGUÁ, BAURU.

CONTATO: (14) 98811-3473

ENTREVISTADO: RICARDO CALEDA

MARCAÇÃO 3

DATA: 28/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 17 HORAS

LOCAL: AVENIDA GABRIEL RABELLO ANDRADE 5-37 – PARQUE JARAGUÁ, BAURU.

CONTATO: (14) 99763-8759

ENTREVISTADO: CIDA DO “AZULÃO”

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história dos personagens que moram ou já moraram no Parque Jaraguá. Trazer também um pouco da história do bairro e o assunto preconceito.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre os personagens Eduardo Nunes, ex-morador da comunidade do Parque Jaraguá, hoje radialista da Rádio Mais FM em Bauru. Ricardo Caleda, formado em direito pela ITE e, hoje, advogado no bairro. E, dona Aparecida, mais conhecida como Cida do “Azulão”, uma

das primeiras moradoras do bairro.

Contar a história de cada um. Se algum dia eles acharam que morarem na comunidade eles não conseguiriam estar aonde chegaram, se eles enfrentaram preconceito até chegarem lá. E sobre a dona Cidinha, também falar sobre os rótulos que teve de conviver desde a sua infância e sobre ser uma das primeiras moradoras do Jaraguá.

SUGESTÃO DE IMAGENS

EDUARDO NUNES

- Mostrar o local de trabalho;
- Focalizar alguns semblantes do entrevistado, o sorriso, por exemplo;

RICARDO CALEDA

- Mostrar o local de trabalho dentro de sua casa;
- Focalizar em alguns semblantes do entrevistado, o sorriso e as mãos, por exemplo;
- A favela e um plano geral.

CIDA DO “AZULÃO”

- Mostrar a residência da entrevistada;
- A favela em um plano geral;
- Algo que remeta a época quando ela mudou para o arque Jaraguá;

INFORMAÇÕES

O Parque Jaraguá, o maior bairro de Bauru, atrás apenas do Núcleo do Mary Dota, conta com aproximadamente 800 moradores ao longo de sua extensão. É importante ressaltar que há dois lados da comunidade, um considerado bairro com casas de alvenaria, fora da área de risco e com ruas asfaltadas. E outra com “barracos” construídos com pedaços de madeira, sem qualquer infraestrutura ou segurança em ruas de terra.

A área ficou muito conhecida com a Escola de Samba Azulão do Morro da comunidade, uma das maiores e mais tradicionais de Bauru. Em sua extensão é possível encontrar alguns pontos com três linhas de ônibus, escolas, mercados e outros estabelecimentos comerciais.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

EDUARDO NUNES

Ex morador do Parque Jaraguá, hoje trabalha como locutor em uma rádio comunitária. Mesmo morando em outro bairro da cidade, sua família continua inteira na comunidade, a qual ele frequente rotineiramente e sonha em voltar novamente para o lugar em que o acolheu tão bem desde a sua infância.

RICARDO CALEDA

Para quem duvida que alguém pode crescer dentro de uma comunidade, Ricardo mostra o contrário. Hoje, conseguiu realizar seu sonho de infância: conseguiu se formar em Direito na Instituição Toledo de Ensino (ITE), graças a uma bolsa que ganhou, montou seu próprio escritório de advocacia dentro do Jaraguá e atende clientes de toda a região de Bauru ali.

CIDINHA DO “AZULÃO”

Junto à sua família, foi uma das primeiras moradoras da comunidade do Jaraguá. Determinada, Cidinha sempre batalhou por um lugar melhor, desde a infância, lutando por seus direitos, mínimos que fosse. Ficou à frente da Escola de Samba do Azulão por anos, os quais trouxeram prêmios diversos para o bairro.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

EDUARDO NUNES

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA A COMUNIDADE DO JARAGUÁ?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU DA COMUNIDADE?
- VOCÊ GOSTAVA DE MORAR NO JARAGUÁ? POR QUÊ?
- DO QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA?
- DO QUE VOCÊ SENTE MAIS FALTA?
- VÔCE ACHOU QUE NÃO CONSEGUIRIA CHEGAR AONDE CHEGOU POR SER MORADOR DE FAVELA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);

RICARDO CALEDA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ SE MUDOU PARA A COMUNIDADE DO JARAGUÁ?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR NO JARAGUÁ? POR QUÊ?
- DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

- VÔCE ACHOU QUE NÃO CONSEGUIRIA CHEGAR AONDE CHEGOU POR SER MORADOR DE FAVELA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- COMO É PODER ESTAR HOJE COM O SEU ESCRITÓRIO DENTRO DA COMUNIDADE?
- SE VOCÊ TIVESSE A OPORTUNIDADE SE MUDARIA DAQUI?

CIDA DO “AZULÃO”

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO VOCÊ SE MUDOU PARA CÁ?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR NO JARAGUÁ? POR QUÊ? DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- SE PUDESSE, VOCÊ SE MUDARIA DAQUI?
- O QUE O JARAGUÁ TEM DE DIFERENTE?
- EM UMA ÚNICA PALAVRA, O QUE O JARAGUÁ É PARA VOCÊ?

	PARQUE DAS NAÇÕES	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	27/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 27/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 13 HORAS

LOCAL: RUA LUIZ FERRARI, 29 – PARQUE DAS NAÇÕES, BAURU.

CONTATO: (14) 99622-1723

ENTREVISTADO: ELIANA SILVA ARAÚJO

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história da moradora Eliana dentro da comunidade do Parque das Nações e o preconceito que por ela é enfrentado diariamente por ser uma moradora de favela.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre a personagem Eliana, moradora do Parque das Nações desde a sua infância. Trazer a questão sobre a vontade de se mudar da comunidade se tivesse a oportunidade e os rótulos e o preconceito que ela enfrenta diariamente.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a casa da entrevistada;
- A favela em um plano geral ou pelo menos a frente da casa da entrevistada;
- Focalizar alguns semblantes da entrevistada, o sorriso, por exemplo;

INFORMAÇÕES

Após o projeto de desfavelamento em Bauru, a comunidade do Parque das Nações hoje, possui em sua extensão cerca de 30 famílias. A maioria das moradias são precárias, construídas de alvenaria, sem contar com a presença do asfalto.

Em seus arredores é possível encontrar a linha ferroviária e a Rua Barra Bonita, onde se encontra o ponto de ônibus mais próximo.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

ELIANA

Uma mulher jovem que com uma mãe acamada, três filhos e um marido buscam dentro da comunidade um futuro melhor. Ela sonha em terminar os estudos e conseguir dar aos seus filhos uma educação da qual ela mesma não conseguiu ter. A vida difícil ali dentro da favela e o preconceito que enfrenta no dia a dia não são os suficientes para tirar o sorriso fácil de seu rosto.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

ELIANA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUEM MORA NA SUA CASA COM VOCÊ?
- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NA COMUNIDADE DO PARQUE DAS NAÇÕES?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- SE TIVESSE A OPORTUNIDADE, VOCÊ SE MUDARIA DAQUI? POR QUÊ?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADORA DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);

	JARDIM VITÓRIA	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	28/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI

HORA: 10 HORAS

LOCAL: RUA JOÃO CAMILO, 10-10 – JARDIM VITÓRIA, BAURU

CONTATO: (14) 99685-5650

ENTREVISTADO: ERICA

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história da moradora Erica dentro da comunidade do Jardim Vitória e o preconceito que por ela é enfrentado. Colocar a questão da mudança de uma “favela” se tivesse a oportunidade.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre a personagem moradora do Jardim Vitória há mais de duas décadas, se ela teria a vontade de se mudar de onde mora e se realmente ela presencia a cena de medo e terrorismo que, comumente, é vista em alguns noticiários homogêneos e se perpetua pelo imaginário da sociedade.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a casa da entrevistada;
- A favela em um plano geral ou pelo menos a frente da casa da entrevistada;
- Focalizar alguns semblantes da entrevistada, o sorriso, por exemplo;

INFORMAÇÕES

A comunidade do Jardim Vitória possui três ruas em sua extensão com cerca de 50 moradias instaladas em terrenos públicos destinados a áreas verdes. A maioria das moradias são precárias. Os moradores são famílias de baixa renda, próximas à linha da miséria.

Em seus arredores é possível encontrar a Avenida Castelo Branco e a Faculdade Integrada de Bauru (FIB).

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

ERICA

Passou toda a infância junto à sua família no Jardim Vitória e hoje, ela nem sequer pensa em se mudar dali e sonha com a legalização das terras pela Prefeitura, terreno o qual a sua casa faz parte. Batalhadora, trabalha na farmácia do São Lucas no centro de Bauru, mas não esconde que a melhor hora do dia é quando volta para o seu lar.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

ERICA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- HÁ QUANTO TEMPO MORA NA COMUNIDADE DO JARDIM VITÓRIA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- SE TIVESSE A OPORTUNIDADE, VOCÊ SE MUDARIA DAQUI? POR QUÊ?
- JÁ SOFREU PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);

	JARDIM EUROPA	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	28/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 18/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 14 HORAS

LOCAL: RUA LUIS BLERIoT – JARDIM EUROPA, BAURU.

CONTATO: (14) 99127-8530

ENTREVISTADO: SOLEDAD ROQUE MOREIRA “FUÁ”

MARCAÇÃO 2

DATA: 20/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 16 HORAS

LOCAL: RUA LUIS BLERIoT 4 – JARDIM EUROPA, BAURU.

CONTATO: (14) 99637-5454

ENTREVISTADO: PAULA CRISTINA

MARCAÇÃO 3

DATA: 18/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA LUIS BLERIoT – JARDIM EUROPA, BAURU.

CONTATO: (14) 99736-1136

ENTREVISTADO: ALICE DE PONTES

MARCAÇÃO 4

DATA: 20/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA LUIS BLERIoT 1-4 – JARDIM EUROPA, BAURU

CONTATO: (14) 99601-6296

ENTREVISTADO: KEROLYN JAQUELINE “ÍNDIA”

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história dos personagens que moram no bairro do Jardim Europa. Trazer o assunto preconceito em uma comunidade periférica de Bauru.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre os personagens Soledad Roque, Alice Roque e Kerolyn Jaqueline moradoras da comunidade. Contar um pouco de como é o dia a dia em um aglomerado periférico, se realmente é um cenário de violência e medo como é tido no imaginário das pessoas. Com a Paula Cristina, trazer a questão do preconceito de quando ela não morava em uma comunidade e após seu casamento com um morador do Jardim Europa, se ela passou a sentir tal preconceito. Contar um pouco sobre a história de cada um.

SUGESTÃO DE IMAGENS

SOLEIDAD ROQUE “FUÁ”

- Imagens do brechó onde ela é dona;
- Fotos antigas, da sua infância, por exemplo, se possível;
- Mostrar a comunidade em um plano geral;
- Mostrar o barracão onde acontece todos os eventos da comunidade;

ALICE ROQUE

- Mostrar o local onde mora;
- Focar nos sorrisos e nos semblantes do entrevistado;

PAULA CRISTINA

- Mostrar a filha da entrevistada, assim como o seu marido;
- Mostrar a casa onde mora;
- Fotos da sua antiga casa e da sua infância, se possível;

KEROLYN JAQUELINE “ÍNDIA”

- Se possível, mostrar fotos da infância;
- Focar nos sorrisos e nas mãos da entrevistada;
- Mostrar a casa onde mora;
- Mostrar a comunidade em um plano geral;
- O local onde ela mais gosta de estar – mata e a pracinha.

INFORMAÇÕES

De acordo com os moradores do Jardim Europa, a comunidade possui em sua extensão aproximadamente 150 famílias. Os moradores vivem em terrenos reservados para áreas verdes e ainda não foram regularizados.

Já existem algumas casas de alvenaria pelo bairro, mas a predominância ainda é de barracos construídos com pedaços de madeira, sem qualquer tipo de infraestrutura ou

segurança. As ruas não possuem asfalto e algumas elevações e inclinações no solo podem ser vistas.

É possível encontrar ao longo de sua extensão estabelecimentos comerciais e igrejas. O ponto de ônibus mais próximo fica na rua de cima da comunidade em uma rua asfaltada. As correspondências não chegam até a casa dos moradores, são colocadas em uma caixa no início da comunidade onde os moradores ficam encarregados de buscarem as suas.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

SOLEDADE “FUÁ”

Fuá, como carinhosamente é chamada por todos, é a líder nata do Jardim Europa. Morando há décadas ali, construiu laços com todos os moradores da comunidade, além de lutar por uma vida melhor de todos ali dentro. Construiu dentro de seu quintal um barracão para que todos pudessem usufruir, conseguiu parceria de voluntários para projetos oferecidos ali dentro, construiu uma casa da árvore para as crianças, sem falar no sopão que é oferecido a todos que querem e precisam de um alimento.

ALICE ROQUE

Moradora do Jardim Europa há alguns anos, Alice construiu ali dentro uma família junto de seu marido e seu filho. Participa de quase todos os projetos oferecidos e sempre está presente nos eventos da comunidade.

PAULA CRISTINA

Morando no centro, Paula nunca imaginou que moraria na comunidade do Jardim Europa. Quando conheceu o seu marido, a primeira coisa que ele fez questão de contar foi que morava em uma “favela”. Não demorou muito para que ela conhecesse e se apaixonasse pelo lugar. Hoje, com uma filha, está contente ali dentro, comenta que formou mais que amigos, uma família, na verdade e que não troca ali por nada.

KEROLYN “ÍNDIA”

Junto de sua tia, Soledad, apesar da pouca idade, também é uma das líderes dentro da comunidade. Uma menina que, aos 19 anos, pensa alto. Sonha em um futuro melhor, não apenas para ela, mas para todos que vivem ali.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

SOLEDADE “FUÁ”

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA O JARDIM EUROPA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU PARA A COMUNIDADE?

- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI NO JARDIM EUROPA? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- PELO TEMPO QUE A SENHORA VIVE AQUI, JÁ VIU ALGUM DIA ESSA ROTINA DE VIOLÊNCIA E MEDO QUE É TIDO NO IMAGINÁRIO DA SOCIEDADE EM GERAL?
- COMO SURTIU A IDEIA DE CONSTRUIR UM BARRACÃO PARA TODA A COMUNIDADE EM SEU PRÓPRIO QUINTAL?

ALICE ROQUE

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA O JARDIM EUROPA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU PARA A COMUNIDADE?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI NO JARDIM EUROPA? POR QUÊ?
- JÁ TEVE MEDO DE MORAR AQUI?
- VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR MORAR EM UMA FAVELA?
- O QUE A COMUNIDADE REPRESENTA PARA VOCÊ?

PAULA CRISTINA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA O JARDIM EUROPA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU PARA A COMUNIDADE?
- ANTES, O QUE VOCÊ PENSAVA SOBRE AS COMUNIDADES? QUAL ERA A SUA VISÃO?
- HOJE MUDOU? COMO É?
- VOCÊ SOFRE PRECONCEITO HOJE EM DIA POR SER UMA MORADORA DE FAVELA?
- JÁ TEVE MEDO DE VIR ATÉ AQUI?
- VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR MORAR EM UMA FAVELA?
- O QUE A COMUNIDADE TEM QUE O “ASFALTO NÃO TEM”?

KEROLYN JAQUELINE “ÍNDIA”

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA O JARDIM EUROPA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU PARA A COMUNIDADE?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI NO JARDIM EUROPA? POR QUÊ?
- JÁ TEVE MEDO DE MORAR AQUI?
- VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR MORAR EM UMA FAVELA?

- O QUE A COMUNIDADE REPRESENTA PARA VOCÊ?
- QUAL A MELHOR COISA QUE TEM AQUI DENTRO?
- SE VOCÊ TIVESSE QUE RESUMIR A COMUNIDADE EM APENAS UMA PALAVRA, QUAL SERIA?

	ILHA DI CAPRI	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	27/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e BRUNA CAZZOLI

HORA: 11 HORAS

LOCAL: AFONSO JOSÉ PAULO – ILHA DI CAPRI, BAURU.

CONTATO: (14) 99624-0294

ENTREVISTADO: SUELI POMPEO

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história da moradora Sueli dentro da comunidade Ilha di Capri e o preconceito que por ela é enfrentado diariamente por ser moradora de uma favela encontrada ao lado de um dos condomínios mais protegidos e luxuosos de Bauru.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre a personagem Sueli, moradora do Ilha di Capri há mais de duas décadas. Trazer a questão sobre o preconceito que ela enfrenta por ser moradora de uma favela ao lado de um dos condomínios mais protegidos de Bauru e o sentimento que ela tem ao ver tanta riqueza e proteção ao lado de sua casa.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a casa da entrevistada;
- A favela em um plano geral ou pelo menos a frente da casa da entrevistada;
- O muro alto e as cercas elétricas que o condomínio possui;
- Focalizar alguns semblantes da entrevistada, o sorriso, por exemplo;

INFORMAÇÕES

A comunidade Ilha di Capri possui aproximadamente 30 famílias. A maioria das moradias são precárias, construídas com pedaços de madeira, sem qualquer tipo de segurança. O local também não possui ruas asfaltadas com inclinações de solo em toda sua extensão.

O condomínio ao lado da favela conta com vigilância 24 horas, cercas elétricas, arames farpados e câmeras. Em seus arredores, além do condomínio de alto padrão é

possível encontrar a Avenida Getúlio Vargas e a outra comunidade periférica, o Jardim Europa.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

SUELI POMPEO

Dona Sueli vive há mais de duas décadas na comunidade do Ilha di Capri, onde criou todos os seus filhos da melhor maneira possível, sem muitos impedimentos, apesar das dificuldades, principalmente, por ter um filho com esquizofrenia dentro de “uma favela”. Sua casa tem uma bela vista, a de um muro gigante com cerca de seis cercas elétricas – um condomínio luxuoso –, o qual faz Dona Sueli pensar cotidianamente sobre a desigualdade.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUEM MORA NA SUA CASA COM VOCÊ?
- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NA COMUNIDADE ILHA DI CAPRI?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADORA DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- QUAL A SUA SENSAÇÃO AO MORAR DO LADO DE UM DOS CONDOMÍNIOS DE MAIS ALTO PADRÃO AQUI DE BAURU?
- ESSA PROTEÇÃO 24 HORAS POR DIA TE INCOMODA?

	GERSON FRANÇA	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	27/ILD/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 26/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI

HORA: 14 HORAS

LOCAL: DARWIN JESUS BORDIN, 3-50 – GERSON FRANÇA, BAURU.

CONTATO: (14) 99838-1228

ENTREVISTADO: ZILDA VICENTE NUNES

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história da moradora Zilda dentro da “favela” do Gerson França e o que a comunidade representa para ela.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre a personagem Zilda, moradora do Gerson França há mais de uma década. Trazer a questão sobre o preconceito que ela enfrenta por ser moradora de uma favela e o que a comunidade representa para ela, se ela gosta de onde vive e se ela teria vontade de se mudar dali se tivesse a oportunidade.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a casa da entrevistada;
- A favela em um plano geral ou pelo menos a frente da casa da entrevistada;
- Focalizar alguns semblantes da entrevistada, o sorriso, por exemplo;

INFORMAÇÕES

Com o projeto de desfavelamento recente em Bauru, a comunidade Gerson França conta com apenas 3 famílias em sua extensão. As moradias restantes são precárias construídas de alvenaria em conjunto com alguns pedaços de madeira. O local não possui ruas asfaltadas com inclinações de solo em toda sua extensão.

O ponto de ônibus mais próximo fica localizado na rua de cima da comunidade. Em seus arredores encontra-se a Escola Estadual Professora Iracema de Castro Amarante e outra comunidade periférica, a São Manuel.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

ZILDA

Dona Zilda, é uma mulher que sofre pelo preconceito não somente por morar dentro de uma comunidade, mas também por estar em regime fechado. Mas, apesar das dificuldades e dos obstáculos que a vida colocou em seu caminho, ela não esconde o quão feliz ela é e, principalmente, o amor por seus filhos. Hoje, ela faz um curso de padaria para conseguir melhorar de vida, sonho pelo qual ela está sempre em busca.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NA COMUNIDADE GERSON FRANÇA?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA AQUI NA COMUNIDADE?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADORA DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- QUANTO TEMPO FICOU PRESA? (Hoje ela está em prisão domiciliar)
- VOCÊ JÁ PODE PERCEBER CONSEQUÊNCIAS APÓS SAIR DA PRISÃO?

	FERRADURA MIRIM	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	28/09/2017

MARCAÇÃO 1

DATA: 29/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e BRUNA CAZZOLI

HORA: 16 HORAS

LOCAL: RUA AVENIDA CRUZEIRO DO SUL, 36-19 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 99872-9365

ENTREVISTADO: JONATHAN WEVERTON

MARCAÇÃO 2

DATA: 25/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 14 HORAS

LOCAL: RUA AVENIDA SANTA BEATRIZ DA SILVA, 2-38 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 99772-1548

ENTREVISTADO: JESUS PEDRO

MARCAÇÃO 3

DATA: 29/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e BRUNA CAZZOLI

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA AVENIDA CRUZEIRO DO SUL, 36-42 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 99147-9237

ENTREVISTADO: PERPÉTUA ALVES

MARCAÇÃO 4

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 17 HORAS

LOCAL: RUA QUINZE, 1-23 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 99674-8026

ENTREVISTADO: ÉRICA TATIANE DE SOUZA

MARCAÇÃO 5

DATA: 25/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA AVENIDA SANTA BEATRIZ DA SILVA, 1-140 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 99873-6122

ENTREVISTADO: VALÉRIA APARECIDA DOS SANTOS

MARCAÇÃO 6

DATA: 25/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 15 HORAS

LOCAL: RUA TREZE 2-23 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 98809-9574

ENTREVISTADO: BENEDITA GONÇALINA

MARCAÇÃO 7

DATA: 25/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI e DENIS ERIC

HORA: 16 HORAS

LOCAL: RUA TREZE 2-59 – FERRADURA MIRIM, BAURU.

CONTATO: (14) 98124-8596

ENTREVISTADO: MARIA APARECIDA DA SILVA

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da Grande Reportagem televisiva “Na contramão da violência” a história dos personagens que moram maior favela de Bauru, o Ferradura Mirim. Trazer também um pouco da história do bairro e o assunto preconceito.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da Grande Reportagem deve conter informações sobre os personagens Jonathan Ewerton, morador e dono de uma barbearia na comunidade. Jesus Pedro, morador e dono de um estabelecimento comercial dentro da comunidade. Dona Perpétua, uma das primeiras moradoras do Ferradura, assim como a dona Valéria. Dona Benedita, moradora e operária na Cooperativa Coopeco e Dona Aparecida, também operária na cooperativa e ex-usuária de drogas.

Contar a história de cada um. Se algum dia eles acharam que por morarem em uma comunidade considerada violenta pela sociedade, acharam que não conseguiriam estar onde estão. Se eles sofreram preconceito por morarem no Ferradura e contar m pouco da história de como foi quando chegaram no bairro. Sobre o Jesus Pedro, contar o motivo pelo qual ele trocou a vida boa que tinha no Ouro Verde, em Bauru,

pelo Ferradura Mirim.

SUGESTÃO DE IMAGENS

JONATHAN WEVERTON

- Imagens da sua barbearia;
- Fotos antigas, da sua infância, por exemplo, se possível;

JESUS PEDRO

- Mostrar o local onde ele mora/trabalha;
- Se tiver fotos da sua casa no Ouro Verde;
- Focar nos sorrisos e nos semblantes do entrevistado;

PERPÉTUA ALVES

- Mostrar a casa da entrevistada;
- O local cedido para a construção da Igreja dentro da sua casa;
- Focar nos semblantes, principalmente, nos sorrisos que ela dá;

ÉRICA TATIANE DE SOUZA

- Se possível, mostrar fotos da infância dela;
- Focar nos sorrisos e nas mãos da entrevistada;

VALÉRIA APARECIDA DOS SANTOS

- Se ela tiver fotos de como era quando chegou no Ferradura Mirim;
- Mostrar o sorriso e as emoções da entrevistada por lembrar quando se mudou para a comunidade;

BENEDITA GONÇALINA

- Mostrar a casa da entrevistada;
- Se possível, ela trabalhando na cooperativa;
- Mostrar o bairro do Ferradura Mirim ou a frente de sua casa;

MARIA APARECIDA DA SILVA

- Mostrar o bairro do Ferradura Mirim;
- Mostrar a frente de sua casa com inclinações e sem asfalto;
- Focar nas emoções da entrevistada;

INFORMAÇÕES

O bairro passou a ser ocupado na década de 1980. De acordo com a Prefeitura Municipal, o bairro Ferradura Mirim possui em toda a sua extensão aproximadamente

1.200 famílias, sendo considerada a maior favela da cidade de Bauru. Os moradores vivem em terrenos de áreas verdes que ainda não foram regularizados. É possível encontrar ao longo de sua extensão estabelecimentos comerciais, igrejas, pontos de ônibus e alguns projetos sociais.

Já existem casas de alvenaria, mas a predominância ainda é de barracos, as ruas não possuem asfalto e, nos dias de chuva, ficam intransitáveis para automóveis, até mesmo para a empresa de transportes coletivos que atende o bairro, obrigando os moradores a transitarem a pé até as áreas de asfalto das imediações para poderem tomar o ônibus.

QUEM SÃO ESSES PERSONAGENS?

JONATHAN WEVERTON

Um garoto jovem que teve que superar alguns obstáculos da vida, mas, que nunca desistiu. Hoje, ganha seu dinheiro honestamente com sua barbearia, a mais famosa do bairro. Já teve algumas propostas para levar seu negócio para outro lugar que não fosse dentro da comunidade, considerada perigosa, mas ele não pensa nisso, gosta de onde está e não quer deixar o preconceito vencer.

JESUS PEDRO

Uma história um tanto quanto engraçada. Jesus Pedro, ex-militar, tem sua casa no Jardim Ouro Verde, bairro que também se encontra sua oficina mecânica, lugares esses que você nunca vai encontra-lo. O motivo? Ele gosta mesmo é da casa em que construiu dentro do Ferradura Mirim, a qual decidiu também montar uma espécie de bar ali após a sua aposentadoria.

PERPÉTUA ALVES

Dona Perpétua foi uma das primeiras pessoas a chegarem ao Ferradura Mirim. Ela conta que a sua mudança teve de ser deixada três quarteirões para cima de onde mora ainda hoje, pois o caminhão e as pessoas não passavam daquele determinado ponto. Chegou ali para ajudar as pessoas, o que ela faz até então, cuidando da Igreja Católica que está localizada em um pedaço disponível dentro do seu quintal.

ÉERICA TATIANE

Érica vive no Ferradura Mirim desde pequena. Hoje, com seus filhos, ela luta para conseguir dar a eles uma educação de qualidade, a qual ela nunca conseguiu ter. Conta que já passou por diversas situações difíceis, principalmente pela falta de trabalho por morar em uma “favela”, mas que independente disso, gosta do lugar em que mora, se sente bem ali.

VALÉRIA APARECIDA

Dona Valéria, é uma das mais antigas moradoras da comunidade do Ferradura Mirim. Antes dela, apenas cinco outras famílias moravam ali. Ela conta que viu, a “favela”

crescer, evoluir, mudar e se tornar um lugar de bem.

BENEDITA GONÇALVES

Dona Benê é uma mulher que nunca abaixou a cabeça para nenhuma dificuldade que lhe apareceu. Ela foi morar no Ferradura Mirim após a morte de seu marido, quando foi obrigada a deixar a casa que morava (pois, pertencia a firma) e procurar algo. Humilde, encontrou uma moradia na comunidade e, desde então, vive ali. Possui um apartamento do Minha Casa, Minha vida, mas não pensa em se mudar do Ferradura, ela comenta que é ali que ela é feliz.

MARIA APARECIDA

Dona Maria é uma ex-usuário de toxinas e álcool que aprendeu da pior maneira a dar valor à vida. Hoje, há mais de 10 anos livre, comenta o quão difícil é se libertar do vício, suas perdas e seus sonhos.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

JONATHAN WEVERTON

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ MUDOU PARA O FERRADURA MIRIM?
- POR QUAL MOTIVO SE MUDOU PARA A COMUNIDADE?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR NO FERRADURA? POR QUÊ?
- VÔCE ACHOU QUE NÃO CONSEGUIRIA CHEGAR AONDE CHEGOU POR SER MORADOR DE FAVELA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);

JESUS PEDRO

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ SE MUDOU PARA O FERRADURA MIRIM?
- PORQUE TROCOU SUA CASA NO OURO VERDE PARA SE MUDAR AQUI PARA O FERRADURA?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?
- VÔCE JÁ TEVE MEDO AO VIR AQUI?
- HOJE, VOCÊ SOFRE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA?

PERPÉTUA ALVES

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.

- QUANDO VOCÊ SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO A SENHORA SE MUDOU PARA CÁ?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI NO FERRADURA? POR QUÊ? DO QUE MAIS GOSTA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- SE PUDESSE, A SENHORA SE MUDARIA DAQUI?

ÉRICA TATIANE DE SOUZA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO VOCÊ SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO VOCÊ SE MUDOU PARA CÁ?
- VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI NO FERRADURA? POR QUÊ? DO QUE MAIS GOSTA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);

VALÉRIA APARECIDA DOS SANTOS

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO A SENHORA SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO A SENHORA SE MUDOU PARA CÁ?
- O QUE MUDOU AQUI NO FERRADURA DESDE QUANDO A SENHORA VEIO PARA CÁ?
- A SENHORA GOSTA DE MORAR AQUI NO FERRADURA? POR QUÊ? DO QUE MAIS GOSTA?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- SE PUDESSE, A SENHORA SE MUDARIA DAQUI?
- O QUE O FERRADURA REPRESENTA PARA A SENHORA?

BENEDITA GONÇALINA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO A SENHORA SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO A SENHORA SE MUDOU PARA CÁ?
- A SENHORA GOSTA DE MORAR AQUI NO FERRADURA? POR QUÊ? DO QUE MAIS GOSTA?

- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- SE PUDESSE, A SENHORA SE MUDARIA DAQUI?
- SE FOR PARA RESUMIR O FERRADURA EM UMA SÓ PALAVRA, QUAL SERIA?

MARIA APARECIDA DA SILVA

- PERGUNTAS BÁSICAS: nome, idade e profissão.
- QUANDO A SENHORA SE MUDOU AQUI PARA A COMUNIDADE?
- POR QUAL MOTIVO A SENHORA SE MUDOU PARA CÁ?
- A SENHORA GOSTA DE MORAR AQUI NO FERRADURA? POR QUÊ?
- JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER MORADOR DE UMA FAVELA? (entrevista de emprego ou cadastro de alguma loja, por exemplo);
- QUANDO A SENHORA COMEÇOU A FAZER USO DAS DROGAS? QUAIS SUBSTÂNCIAS A SENHORA UTILIZOU?
- COMO A SENHORA CONSEGUIU SAIR? ALGUÉM TE AJUDOU?
- QUANTO TEMPO A SENHORA ESTÁ LIVRE?
- A DROGA É ENCONTRADA APENAS NAS FAVELAS?

	PRÉ PAUTA	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	15/08/2017

MARCAÇÕES

DATA: 27/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI

HORA: 14 HORAS

LOCAL: RUA ALFREDO MAIA, QUADRA 1 – SEBES BAURU.

CONTATO: (14) 3214-3796

ENTREVISTADO: COORDENADORA DA SEBES BAURU.

ANA SALES

Ela é coordenadora da Secretaria Municipal do Bem-Estar Social (SEBES) de Bauru. Sua função é ajudar a construir a inclusão social da população em situação de vulnerabilidade e risco de Bauru na sociedade em geral.

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da grande-reportagem televisiva “Na contramão da violência” o trabalho realizado pela SEBES, bem como o difícil trabalho de quebra de rótulos da sociedade em geral com os moradores das áreas periféricas de Bauru.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da grande-reportagem deve conter informações sobre a SEBES, bem como a história do início dos projetos e da própria SEBES, da ideia de fazer com que os moradores das áreas periféricas sejam incluídos na comunidade em geral, suas experiência e a visão dela em relação a esses indivíduos.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar a SEBES em um plano geral;
- Filmar o entrevistado (a) na sala/escritório;
- Se conseguir filmar alguma reunião ou outro momento dela em uma reunião ou conversando com algum morador.

INFORMAÇÕES

O QUE É A SEBES?

A Secretária Municipal do Bem-Estar Social procura construir a inclusão social da população em situação de vulnerabilidade e risco em Bauru. Oferece a esses moradores a educação de seus direitos e deveres perante a sociedade em geral.

Para entrar em contato com a SEBES:

Fone: (14) 3227-8624

Rua Alfredo Maia, quadra 1

E-mail: bemestar@bauru.sp.gov.br

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- PERGUNTAS BÁSICAS: NOME, IDADE, PROFISSÃO;
- HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA NA SEBES?
- QUANDO FALA QUE TRABALHA COM OS MORADORES DESSAS ÁREAS PERIFÉRICAS, VOCÊ OUVIU OU JÁ OUVIU ALGUMA COISA RELACIONADA AO MEDO OU AO PRECONCEITO?
- COMO É A SUA RELAÇÃO COM OS MORADORES?
- COMO VOCÊ SE SENTE EM PODER AJUDAR ESSAS PESSOAS QUE HÁ TEMPOS SOFREM COM OS RÓTULOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE?
- VOCÊ SENTE ALGUM TIPO DE MUDANÇA DA PRIMEIRA VEZ QUE A PESSOA PROCURA PELA SEBES E HOJE?
- VOCÊ PODERIA EXPLICAR MELHOR O TRABALHO DA SEBES, OS PROJETOS OFERECIDO.
- QUAL ERA A SUA VISÃO SOBRE AS FAVELAS ANTES E QUAL É A SUA ATUALMENTE?
- EM SUA OPINIÃO, O QUE ACONTECE DENTRO DAS COMUNIDADES É IGUAL O QUE A TELEVISÃO MOSTRA?
- O QUE VOCÊ MAIS OUVIU DOS MORADORES QUANDO O ASSUNTO É NECESSIDADE?
- QUAL A DIFERENÇA DELES PARA UMA PESSOA MORADORA DE UM BAIRRO COMUM NA CIDADE?
- SE VOCÊ TIVESSE QUE ESCOLHER 3 PONTOS FORTES E 3 PONTOS FRACOS DAS COMUNIDADES, QUAIS SERIAM?

	GRUPO ANGICO DO CERRADO	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	15/08/2017

MARCAÇÕES

DATA: 30/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI

HORA: 9 HORAS

LOCAL: JARDIM EUROPA

CONTATO: (14) 99164-1983

ENTREVISTADO: VOLUNTÁRIOS DO PROJETO ANGICO DO CERRADO

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da grande-reportagem televisiva “Na contramão da violência” histórias da voluntária que luta para conseguir um lazer e um desenvolvimento para os moradores do jardim Europa.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da grande-reportagem deve conter informações sobre a personagem, bem como sua história de vida, o porquê decidiu começar o projeto nessa comunidade, se já teve medo de ali entrar e o que ela mais gosta na comunidade. E, colocar em pauta, a questão do preconceito que esse bairro sofre.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar o local do projeto;
- Cenas das pessoas no projeto;
- Pegar os detalhes na fisionomia do entrevistado (a) – olhar, mãos, boca, etc.

INFORMAÇÕES

O Projeto Angico do Cerrado teve início em abril de 2013, como um sonho de seis amigos. O objetivo era trazer para uma comunidade periférica de Bauru uma oportunidade de conhecer a pedagogia “Waldorf”. Aos poucos eles conseguiram construir certa ligação com os moradores do Jardim Europa, possibilitando às crianças visitas ao circo, a peças de teatro e etc.

O projeto que, de início, era pretendido apenas para os pequenos, evoluiu para os adultos ao se depararem com os pais dessas crianças. Aqui, eles tiveram a ideia de começar a ensinar e produzir sabonetes, o que hoje se tornou uma fonte de renda.

Com o passar dos anos eles conseguiram um espaço dentro da comunidade o que possibilitou um contato mais próximo com todos os moradores. Os encontros são realizados aos sábados, a partir das 9 horas da manhã.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

- PERGUNTAS BÁSICAS: NOME, IDADE, PROFISSÃO;
- VOCÊ MORA NA FAVELA? JÁ MOROU?
- PORQUE SE INTERESSOU EM COMEÇAR O ANGICO DO CERRADO?
- HÁ QUANTO TEMPO ATUA? COMO ELE NASCEU?
- COMO O PROJETO AJUDA ESSES MORADORES?
- COMO VOCÊ SE SENTE FAZENDO PARTE DESSE PROJETO?
- EM ALGUM MOMENTO VOCÊ TEVE MEDO DE VIR ATÉ AQUI? A MÍDIA HOMOGÊNEA TE INFLUENCIOU DE ALGUMA MANEIRA?
- HOJE, VOCÊ REALMENTE ACHA QUE AQUI É UMA ESCOLA PARA VIOLÊNCIA E MEDO COMO É DIVULGADO?
- O QUE VOCÊ MAIS APRENDEU COM ELES?
- QUEM É A MARCIA DE ANTES E QUEM É A MARCIA DE HOJE?
- QUAL A SUA MAIOR REALIZAÇÃO PERANTE AOS MORADORES?
- ALGUÉM JÁ DISSE A VOCÊ: “NOSSA VOCÊ FAZ UM PROJETO NA FAVELA?”, “VOCÊ NÃO TEM MEDO?”, “NÃO É MAIS FÁCIL VOCÊ SÓ AJUDAR COM DINHEIRO E BRINQUEDOS?”
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM TRABALHAR COM OS MORADORES DESSAS ZONAS PERIFÉRICAS?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA COMUNIDADE?
- RESUMIR EM UMA PALAVRA A COMUNIDADE.
- TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE TE EMOCIONA QUE ACONTECEU COM VOCÊ AQUI NA COMUNIDADE?

	PANCS	Produtor	Data da produção
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	Nathália Piccoli	15/08/2017

MARCAÇÕES

DATA: 19/09/2017

EQUIPE: NATHÁLIA PICCOLI

HORA: 14 HORAS

LOCAL: JARDIM EUROPA

CONTATO: (14) 99714-7210

ENTREVISTADO: VOLUNTÁRIAS DO PROJETO PANCS – PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS

PROPOSTA

Apresentar ao público telespectador da grande-reportagem televisiva “Na contramão da violência” histórias das voluntárias Maria Grossi e Valéria Paschoal, as quais participam do projeto de nome PANCS, uma horta comunitária que gera alimentos orgânicos e saudáveis à toda comunidade do Jardim Europa.

ENCAMINHAMENTO

Essa parte da grande-reportagem deve conter informações sobre as personagens, bem como suas histórias relacionadas ao projeto, o motivo pelo qual decidiram começar o projeto nessa comunidade, se em algum momento elas tiveram medo de ali entrar e o que ela mais gostam na comunidade.

SUGESTÃO DE IMAGENS

- Mostrar o local do projeto;
- Cenas das pessoas no projeto;
- Pegar os detalhes na fisionomia do entrevistado (a) – olhar, mãos, boca, etc.

INFORMAÇÕES

O Projeto PANCS – Plantas Alimentícias não convencionais surgiu quando a voluntária Valéria Paschoal fez uma visita aos moradores do bairro e se deparou com a quantidade de alimentos orgânicos e saudáveis aquela comunidade possuía. O saber acadêmico de Valéria se uniu com o saber de vida desses moradores. Desse modo, surgiu a ideia do projeto com o objetivo dessa troca de saberes.

Hoje, o projeto se ampliou e conta com um projeto de estágio dos alunos de nutrição da Universidade do Sagrado Coração em Bauru, coordenado pela professora Maria

Grossi. Não parou por aí. Valéria juntamente a toda a comunidade produziram um capítulo do livro “Nutrição funcional e sustentabilidade”, aonde falam dessa experiência de uma horta comunitária dentro de um espaço considerado favela.

Os encontros são realizados quinzenalmente às terças-feiras, a partir das 13 horas e 30 minutos.

POSSÍVEIS PERGUNTAS

Valéria Paschoal

- PERGUNTAS BÁSICAS: NOME, IDADE, PROFISSÃO;
- PORQUE SE INTERESSOU EM COMEÇAR O PROJETO?
- COMO O PROJETO AJUDA ESSES MORADORES?
- EM ALGUM MOMENTO VOCÊ TEVE MEDO DE VIR ATÉ AQUI? A MÍDIA HOMOGÊNEA TE INFLUENCIOU DE ALGUMA MANEIRA?
- O QUE VOCÊ MAIS APRENDEU COM ELES?
- ALGUÉM JÁ DISSE A VOCÊ: “NOSSA VOCÊ FAZ UM PROJETO NA FAVELA?”, “VOCÊ NÃO TEM MEDO?”, “NÃO É MAIS FÁCIL VOCÊ SÓ AJUDAR COM DINHEIRO E BRINQUEDOS?”
- VOCÊ PODERIA RESUMIR EM UMA PALAVRA, O QUE É A COMUNIDADE PARA VOCÊ?

Maria Grossi

- PERGUNTAS BÁSICAS: NOME, IDADE, PROFISSÃO;
- COMO VOCÊ CONHECEU O PROJETO? DESDE QUANDO FAZ PARTE?
- COMO VOCÊ SE SENTE FAZENDO PARTE DESSE PROJETO?
- EM ALGUM MOMENTO VOCÊ TEVE MEDO DE VIR ATÉ AQUI? A MÍDIA HOMOGÊNEA TE INFLUENCIOU DE ALGUMA MANEIRA?
- HOJE, VOCÊ REALMENTE ACHA QUE AQUI É UMA ESCOLA PARA VIOLÊNCIA E MEDO COMO É DIVULGADO?
- O QUE VOCÊ MAIS APRENDEU COM ELES?
- QUEM É A MARIA DE ANTES E QUEM É A MARIA DE HOJE?
- QUAL A SUA MAIOR REALIZAÇÃO PERANTE AOS MORADORES?
- ALGUÉM JÁ DISSE A VOCÊ: “NOSSA VOCÊ FAZ UM PROJETO NA FAVELA?”, “VOCÊ NÃO TEM MEDO?”, “NÃO É MAIS FÁCIL VOCÊ SÓ AJUDAR COM DINHEIRO E BRINQUEDOS?”
- TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE TE EMOCIONA QUE ACONTECEU COM VOCÊ AQUI NA COMUNIDADE?

APÊNDICE B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO E IMAGEM



Autorização de Uso de Som e Imagem e Nome

Eu _____,
autorizo o uso de som e imagem da minha pessoa, para compor o trabalho audiovisual *Na contramão da violência: uma grande reportagem televisiva do dia a dia das favelas da cidade de Bauru*, elaborado para a disciplina de conclusão de curso, da Universidade do Sagrado Coração, que tem como destinação a divulgação junto ao público em geral e para fins acadêmicos.
Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos ao som e a imagem, ou a qualquer outro, assino presente autorização e declaro que não houve custo para a minha participação nesta atividade.

_____ de _____ de 2017

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
E-mail:

Autorização de Uso de Som e Imagem e Nome

Eu _____,
autorizo o uso de som e imagem do (a) meu (minha) filho (a)
_____, para compor o trabalho *audiovisual*

Na contramão da violência: uma grande reportagem televisiva do dia a dia das favelas da cidade de Bauru, elaborado para a disciplina de conclusão de curso, da Universidade do Sagrado Coração, que tem como destinação a divulgação junto ao público em geral e para fins acadêmicos.

Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos ao som e a imagem, ou a qualquer outro, assino presente autorização e declaro que não houve custo para a minha participação nesta atividade.

_____ de _____ de 2017

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:
E-mail:

APÊNDICE C – PRÉ ROTEIRO

PRÉ ROTEIRO – NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA

VINHETA DE ABERTURA

SONORA VALÉRIA – FERRADURA (3:27 – 3:29)

SONORA ZILDA (04:15 – 04:17)

SONORA IRBA (0:21 – 0:23)

SONORA DONA BENÊ (01:08 – 01:09)

SONORA DU NUNES (0:07 – 0:11)

SONORA ERICA (03:06 – 03:08)

SONORA ELINA (05:27 – 05:31)

Para os moradores dessas comunidades, o local onde vivem pode ser resumido em palavras como lar, união e felicidade. Mas, ao sair para o “asfalto”, como eles costumam dizer, as palavras para descrever as “favelas” se transformam em medo, marginalidade, tráfico e pobreza.

SONORA ALICE (06:12 – 06:45)

Essa ênfase sobre o lado ruim das comunidades é observada desde 1825, quando foi criada a primeira favela do mundo, a Five Points, em Nova York. No Brasil, a história sobre esses primeiros aglomerados periféricos divide a opiniões dos pesquisadores. Uma parte conta que essa visão contorcida da realidade e da construção dessas comunidades foi imposta junto à chegada da colônia portuguesa. Outros afirmam que essa percepção foi inserida após a Guerra de Canudos, quando muitos soldados, sem remuneração, construíram alguns barracos no Morro da Favela, assim batizado por causa de uma planta muito comum na região.

PASSAGEM 1: O último relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas, a ONU, estima que mais de novecentos milhões de pessoas vivem atualmente em favelas e sofrem com esse preconceito em todo o mundo.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, identificaram seis mil, trezentos e vinte e nove favelas em todo o Brasil, localizadas em trezentos e vinte e três dos cinco mil quinhentos e sessenta e cinco municípios brasileiros.

Esse cenário passou a ser realidade em Bauru, município do estado de São Paulo, a partir de 1950. Foi nessa época, que a cidade começou a crescer como um dos grandes centros Ferroviários do centro paulista. Nessa época, aumentou o fluxo migratório de indivíduos de baixa renda em busca de melhores condições de vida, principalmente após o enfraquecimento da colheita de café na região de Marília.

PASSAGEM 2: Muitos sem especialização e condições financeiras passaram a residir, de maneira precária, em qualquer terreno que encontrasse livre ou abandonado. E, foi a partir desse momento que teve início a construção das primeiras favelas aqui em Bauru.

Depois de 38 anos, em 1989, a Prefeitura Municipal de Bauru realizou o primeiro levantamento do número de favelas, o qual constatou a existência de oito bairros periférico e mais de quatrocentos barracos.

Dona Cida, que junto com a sua família, foi uma dos primeiros moradores a se instalar no Parque Jaraguá, lembra um pouco dessa chegada há cinquenta e cinco anos.

SONORA CIDA (0:50 – 0:52)

SONORA CIDA (0:59 – 01:06)

SONORA CIDA – se der para usar por casa do som (01:12 – 01:25)

No bairro do Ferradura Mirim, um dos pioneiros de Bauru, é possível encontrar a Dona Perpétua, uma das moradoras mais antigas, que relembrou sua vinda para a comunidade há mais de vinte anos.

SONORA DONA PERPÉTUA (01:57 – 02:29)

SONORA DONA PERPÉTUA (02:40 – 02:55)

SONORA DONA PERPÉTUA (04:08 – 04:18)

Atualmente, após o processo de desfavelamento, estão registradas na Prefeitura treze comunidades em situações de vulnerabilidade.

As comunidades identificadas como favela em Bauru são: Parque das Nações, Jardim Europa, Ilha de Capri, Parque Jaraguá, Andorfato, Santa Terezinha, Aimorés, Vila Zillo, Jardim Nicéia, Jardim Marise, Gerson França e São Manuel.

PASSAGEM 3: Com um número grande, de mais de cinco mil famílias nessas áreas periféricas e com o passar do tempo, os rótulos e o preconceito ainda assombram o cotidiano desses moradores.

SONORA INDIA (03:13 – 04:05)

SONORA RICARDO (04:18 – 04:40)

SONORA JAPA (01:16 – 01:22)

SONORA JAPA (01:30 – 01:44)

SONORA SUELI (04:23 – 04:45)

Poucas pessoas notam, mas esses moradores, que relatam ser chamados muitas vezes de “vagabundos” ou “encostados”, procuram um emprego para tentar dar à sua família uma vida mais digna e, assim, conseguir serem vistos como parte da sociedade. As chances são reduzidas. O motivo? Apenas por morarem na “favela”.

SONORA DU NUNES (06:43 – 07:04)

SONORA ERICA (01:27 – 01:38)

SONORA DONA IRBA (0:07 – 0:17)

A discriminação não para por aí. Até mesmo os voluntários que participam de projetos sociais nessas comunidades sofrem preconceito por frequentarem

esses lugares. Falas do tipo: “você está louco, só pode” ou “como você tem coragem?” são comuns de serem ouvidas.

SONORA REGINA (08:43 – 09:13)

E para tentar ampliar a visão de mundo das pessoas que veem as favelas com olhar de preconceito, os voluntários oferecem a melhor resposta: a percepção sobre as pessoas que vivem ali e que eles tiveram o prazer de conhecer. Uma das voluntárias, a Valéria Paschoal, até faz um convite.

SONORA VALÉRIA PASCHOAL (07:14 – 07:56)

Maria Grossi, que também trabalha como voluntária e orienta estágios de alunos de nutrição na comunidade, se emociona ao falar dos moradores. Durante as visitas, leva o seu bem mais precioso, a filha, Maitê.

SONORA MARIA (02:25 – 02:38)

SONORA MARIA (02:55 – 03:21)

SONORA MARIA (03:38 – 03:51)

Quando vista pela televisão, a comunidade nem sempre tem a possibilidade de indicar seus valores e a dimensão de sua atuação. Rótulos como a pobreza, a marginalidade, as músicas e até as roupas utilizadas ainda prevalecem, turvando a visão de quem as vê de fora. Paula, casada com um morador da comunidade do Jardim Europa, conta que, após conhecê-lo, descobriu a imensidão de sentimentos e afeições que existem na periferia.

SONORA PAULA (02:10 – 02:30)

A visão de Paula mudou porque hoje ela é uma das moradoras do Jardim Europa e sente na pele o preconceito por morar ali.

SONORA PAULA (03:45 – 04:02)

PASSAGEM 4: É um mundo estranho. Desigual. Desse lado estou em um dos condomínios mais chiques de Bauru, o Ilha di Capri, cercados por câmeras, cercas elétricas e seguranças. Mas caminho por dez segundos e estou na favela do Ilha di Capri.

Dona Sueli, moradora há 25 anos do Ilha de Capri conta como é olhar pela janela de sua casa para o outro lado da rua e ver como o muro erguido a torna uma pessoa quase invisível.

SONORA SUELI (07:43 – 08:16)

Mas essa invisibilidade e esse preconceito desaparecem quando as pessoas conhecem essas comunidades. No lugar, o amor, a felicidade e o respeito a vida, entram em cena.

Foi a nutrição que fez com que Valéria e Maria conhecessem a comunidade do Jardim Europa. Hoje, o que era apenas uma pequena horta para os moradores, se transformou em um projeto chamado PANCS, que são as plantas alimentícias não convencionais. Mas, além da troca de experiências entre a parte acadêmica do saber e a parte prática que a vida ensina, o alimento em si torna-se também um alimento combustível para entender e dar valor a vida.

SONORA MARIA GROSSI (04:06 – 04:22)

SONORA VALÉRIA PASCHOAL (03:16 – 03:36)

Há quem afirme que quem conhece os moradores não os abandona. É o caso de outro projeto social, o Angico do Cerrado, um grupo formado por seis amigos desde dois mil e treze e que tem o objetivo de proporcionar alegria e sorrisos para as crianças e fonte de renda para os adultos. Hoje, quem mais sorri e aprende são eles.

SONORA ESTEVAM (06:10 – 06:28)

SONORA MARCIA (09:02 – 09:17)

SONORA REGINA (11:11 – 11:28)

E esse sentir-se acolhido não se faz presente apenas por quem frequenta projetos, não. Após a aposentadoria, Jesus Pedro trocou a boa estrutura que tinha no bairro do Ouro Verde pela tranquilidade do Ferradura Mirim.

SONORA JESUS PEDRO (02:42 – 02:54)

SONORA JESUS PEDRO (02:57 – 03:21)

E não é difícil se apaixonar por essas comunidades. Todas, cada uma com um jeitinho especial, com moradores e histórias diferentes e com perspectivas de vida encantadoras, muda qualquer conceito de marginalidade e violência em questão de segundos. A vida simples, o luxo, as vivências e experiências que eles têm são difíceis de serem encontradas no dia a dia da sociedade.

SONORA ÍNDIA (08:59 – 09:55)

SONORA ALICE (08:41 – 09:21)

SONORA FUÁ (01:02 – 01:10)

SONORA ZILDA (04:15 – 04:41)

SONORA FLORIANO (0:55 – 01:07)

SONORA ERICA (0:53 – 01:08)

PASSAGEM 5: O amor que esses moradores têm pela sua comunidade, pelo seu lar, é evidente. Mas, é claro, que alguns problemas, acontecem, como em qualquer bairro.

Com 13 anos de profissão, a assistente social, Ana Sales, explica a sua visão a respeito dos motivos que levam esses moradores, muitas vezes, a fazer uma escolha errada.

SONORA ANA SALES (0:42 – 01:38)

Com a Dona Cida foi assim. Hoje limpa de qualquer substância há 15 anos, ela conta como e o porquê ela entrou para as drogas.

SONORA CIDA FERRADURA (02:42 – 03:12)

Com a propriedade de quem já fez uso de substâncias tóxicas, Dona Cida pode falar melhor do que ninguém sobre a venda e o uso que, comumente, é ligado diretamente às favelas.

SONORA CIDA FERRADURA (05:36 – 05:45)

PASSAGEM 6: Essa visão de tudo o que acontece nas favelas, volta novamente a uma única coisa: a violência. Essa, que esconde o sorriso e a beleza que a comunidade tem a mostrar.

SONORA ELIANA (03:23 – 03:34)

SONORA FUÁ (03:25 – 03:39)

PASSAGEM 7: É uma rotina qualquer, como qualquer outro bairro. Mas, se você pergunta para esses moradores se eles trocariam suas casas aqui nas favelas por uma luxuosa casa onde quiserem, a resposta é:

SONORA PAULA (03:22 – 03:27)

SONORA DONA IRBA (00:00 – 00:13 – vídeo 3)

SONORA DONA BENÊ (02:37 – 02:49/ 02:56 – 03:15)

SONORA JAPA (0:58 – 01:07)

SONORA RICARDO (02:02 – 02:11)

SONORA ERICA JD. VITÓRIA (01:12 – 01:15)

SONORA CIDA DO AZULÃO (01:43 – 01:7)

E mesmo cercada de preconceitos, ainda há a esperança nas crianças, cujas falas demonstram que a sociedade não precisa de rótulos. Como diria o Projota, é só não vacilar.

SONORA CARLOS (0:33 – 0:44)

SONORA ANA JULIA (0:49 – 0:51)

SONORA EVELYN (0:43 – 0:45)

SONORA CAIQUE (0:27 – 0:28)

SONORA NATALY (0:22 – 0:23)

SONORA LUANA (0:26-0:27/0:39 – 0:43)

SONORA THAUANY (0:39 – 0:40 – 0:41/0:43)

SONORA PAMELA (0:32 – 0:34)

SONORA LUANY (0:36 – 0:37 / 0:41 – 0:43)

SONORA MARIA EDUARDA (01:04 – 01:06)

SONORA CARLOS (0:22)

APÊNDICE D – ROTEIRO FINAL

 <p>UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO <small>A Universidade da sua vida</small></p>	FAVELAS EM BAURU	Tempo	Data	Nº lauda
	NA CONTRAMÃO DA VIOLÊNCIA	27min15s	20/10/2017	1
Vídeo	tec	áudio		
SOBE VINHETA	SON VALÉRIA APARECIDA 3'27'' "É MEU TUDO ...O MEU LAR"//	SON ZILDA VICENTE 4'15'' "SERIA TUDO ...EU TENHO"//		
	SON DONA IRBA 0'21'' "PRA MIM ...MEU DOCE LAR, NÉ"//	SON DONA BENÊ 1'08'' "TRANQUILIDADE".		
	SON DU NUNES 0'07'' "MEU LAR ...MEU ETERNO LAR"//	SON ERICA 3'06'' "É MEU LAR NÉ ...MEU TUDO"//		

<p>GC ALICE DE PONTES JARDIM EUROPA</p>	SON	<p>ELIANA ARAUJO 5'27" "AQUI A GENTE SOMO TUDO UNIDO ...GRAÇAS A DEUS"//</p>
	OFF	<p>PARA OS MORADORES DESSAS COMUNIDADES, O LOCAL ONDE VIVEM PODE SER RESUMIDO EM PALAVRAS COMO LAR, UNIÃO E FELICIDADE. MAS, AO SAIR PARA O "ASFALTO", COMO ELES COSTUMAM DIZER, AS PALAVRAS PARA DESCREVER AS "FAVELAS" SE TRANSFORMAM EM MEDO, MARGINALIDADE, TRÁFICO E POBREZA//</p>
	SON	<p>ENTRA SONORA ALICE, VISÃO SOBRE AS COMUNIDADES "A VISÃO QUE ELE TEM... ...NÃO É SÓ ESSE LADO"//</p>
	OFF	<p>ESSA ÊNFASE SOBRE O LADO RUIM DAS COMUNIDADES É OBSERVADA DESDE 1825, QUANDO FOI CRIADA A PRIMEIRA FAVELA DO MUNDO, A FIVE POINTS, EM NOVA YORK//</p>
	OFF	<p>NO BRASIL, A HISTÓRIA SOBRE ESSES PRIMEIROS</p>

<p>GC NATHÁLIA PICCOLI BAURU</p> <p>Imagens infográfico</p>	<p>PAS</p> <p>OFF</p>	<p>AGLOMERADOS PERIFÉRICOS DIVIDE A OPINIÕES DOS PESQUISADORES// UMA PARTE CONTA QUE ESSA VISÃO CONTORCIDA DA REALIDADE E DA CONSTRUÇÃO DESSAS COMUNIDADES FOI IMPOSTA JUNTO À CHEGADA DA COLÔNIA PORTUGUESA// OUTROS AFIRMAM QUE ESSA PERCEPÇÃO FOI INSERIDA APÓS A GUERRA DE CANUDOS, QUANDO MUITOS SOLDADOS, SEM REMUNERAÇÃO, CONSTRUÍRAM ALGUNS BARRACOS NO MORRO DA FAVELA, ASSIM BATIZADO POR CAUSA DE UMA PLANTA MUITO COMUM NA REGIÃO//</p> <p>O ÚLTIMO RELATÓRIO DIVULGADO PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, ESTIMA QUE MAIS DE NOVECENTOS MILHÕES DE PESSOAS VIVEM ATUALMENTE EM FAVELAS EM TODO O MUNDO//</p> <p>PESQUISAS REALIZADAS PELO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IDENTIFICARAM SEIS MIL,</p>
---	-----------------------	--

		<p>TREZENTOS E VINTE E NOVE FAVELAS EM TODO O BRASIL, LOCALIZADAS EM TREZENTOS E VINTE E TRÊS DOS CINCO MIL QUINHENTOS E SESSENTA E CINCO MUNICÍPIOS BRASILEIROS//</p>
	OFF	<p>ESSE CENÁRIO PASSOU A SER REALIDADE EM BAURU, MUNICÍPIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, A PARTIR DE 1950// FOI NESSA ÉPOCA, QUE A CIDADE COMEÇOU A CRESCER COMO UM DOS GRANDES CENTROS FERROVIÁRIOS DO CENTRO PAULISTA// NESSA ÉPOCA, AUMENTOU O FLUXO MIGRATÓRIO DE INDIVÍDUOS DE BAIXA RENDA EM BUSCA DE MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA, PRINCIPALMENTE APÓS O ENFRAQUECIMENTO DA COLHEITA DE CAFÉ NA REGIÃO DE MARÍLIA//</p>
	PAS	<p>MUITOS SEM ESPECIALIZAÇÃO E CONDIÇÕES FINANCEIRAS PASSARAM A RESIDIR, DE MANEIRA PRECÁRIA, EM QUALQUER TERRENO QUE ENCONTRASSE LIVRE OU ABANDONADO// E, FOI A PARTIR DESSE MOMENTO QUE TEVE INÍCIO A CONSTRUÇÃO DAS</p>

<p>GC CIDA DO "AZULÃO" PARQUE JARAGUÁ</p> <p>GC PERPÉTUA FERREIRA FERRADURA MIRIM</p>	<p>OFF</p> <p>OFF</p> <p>SON</p> <p>OFF</p> <p>SON</p>	<p>PRIMEIRAS FAVELAS AQUI EM BAURU//</p> <p>DEPOIS DE 38 ANOS, EM 1989, A PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU REALIZOU O PRIMEIRO LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE FAVELAS, O QUAL CONSTATOU A EXISTÊNCIA DE OITO BAIROS PERIFÉRICO E MAIS DE QUATROCENTOS BARRACOS//</p> <p>DONA CIDA, QUE JUNTO COM A SUA FAMÍLIA, FOI UMA DOS PRIMEIROS MORADORES A SE INSTALAR NO PARQUE JARAGUÁ, LEMBRA UM POUCO DESSA CHEGADA HÁ CINQUENTA E CINCO ANOS//</p> <p>ENTRA SONORA CIDA DO AZULÃO, PIONEIRISMO NO JARAGUÁ "NÓS SOMOS PIONEIROS... ...EU CRESCI ASSIM, SABE?"//</p> <p>NO BAIRRO DO FERRADURA MIRIM, UM DOS PIONEIROS DE BAURU, É POSSÍVEL ENCONTRAR A DONA PERPÉTUA, UMA DAS MORADORAS MAIS ANTIGAS, QUE RELEMBROU SUA VINDA PARA A COMUNIDADE HÁ MAIS DE VINTE ANOS//</p> <p>ENTRA SONORA DONA PERPÉTUA, PIONEIRISMO NO FERRADURA "A GENTE ERA SÓCIA... ...ERA TUDO BARRACO DE</p>
---	--	---

		FAVELA”//
Imagens infográfico	OFF	ATUALMENTE, APÓS O PROCESSO DE DESFAVELAMENTO, ESTÃO REGISTRADAS NA PREFEITURA TREZE COMUNIDADES EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE//
	OFF	AS COMUNIDADES IDENTIFICADAS COMO FAVELA EM BAURU SÃO: PARQUE DAS NAÇÕES, JARDIM EUROPA, ILHA DE CAPRI, PARQUE JARAGUÁ, ANDORFATO, SANTA TEREZINHA, AIMORÉS, VILA ZILLO, JARDIM NICÉIA, JARDIM MARISE, GERSON FRANÇA E SÃO MANUEL//
	PAS	<p>BLOCO 2</p> <p>COM UM NÚMERO GRANDE, DE MAIS DE CINCO MIL FAMÍLIAS NESSAS ÁREAS PERIFÉRICAS E COM O PASSAR DO TEMPO, OS RÓTULOS E O PRECONCEITO AINDA ASSOMBRAM O COTIDIANO DESSES MORADORES.</p>
GC <u>KEROLYN “ÍNDIA”</u> JARDIM EUROPA	SON	<p>ENTRA “ÍNDIA”, PRECONCEITO SOBRE MORAR EM COMUNIDADE</p> <p>“A GENTE SOFRE NÉ... ...ENTÃO INCOMODA”//</p>
GC <u>RICARDO CALEDA</u> PARQUE JARAGUÁ	SON	<p>ENTRA RICARDO CALEDA, PRECONCEITO POR MORAR NO JARAGUÁ</p> <p>“AH COM CERTEZA...</p>

<p>GC <u>JONATHAN EWERTON "JAPA"</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>SON</p>	<p>...QUE O JARAGUÁ É RUIM"// ENTRA "JAPA", PRECONCEITO POR MORAR NO FERRADURA MIRIM "SÓ DE FALAR... ...SEM MALDADE"//</p>
<p>GC <u>SUELI POMPEO</u> ILHA DI CAPRI</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA SUELI POMPEO, PRECONCEITO POR MORAR NO ILHA DI CAPRI "AH, VÁRIOS... ...MUITO, BASTANTE"//</p>
	<p>OFF</p>	<p>POUCAS PESSOAS NOTAM, MAS ESSES MORADORES, QUE RELATAM SER CHAMADOS MUITAS VEZES DE "VAGABUNDOS" OU "ENCOSTADOS", PROCURAM UM EMPREGO PARA TENTAR DAR À SUA FAMÍLIA UMA VIDA MAIS DIGNA E, ASSIM, CONSEGUIR SEREM VISTOS COMO PARTE DA SOCIEDADE// AS CHANCES SÃO REDUZIDAS// O MOTIVO? APENAS POR MORAREM NA "FAVELA"//</p>
<p>GC <u>EDUARDO NUNES</u> PARQUE JARAGUÁ</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA DU NUNES, PRECONCEITO SOBRE O TRABALHO POR MORAR NO JARAGUÁ "QUANDO VOCÊ IA FAZER... ...VOCÊ NÃO PASSO NO TESTE"//</p>
<p>GC <u>ERICA DE SOUZA</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ERICA DE SOUZA D.I: "É PORQUE QUANDO... D.F: ...SEM UM EMPREGO"//</p>

<p>GC DONA IRBA JARDIM NICÉIA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA DONA IRBA, SOBRE PRECONCEITO NO TRABALHO POR MORAR NO NICÉIA “QUANDO EU FUI... ...PESSOA DA NICÉIA”//</p>
<p>GC REGINA HELENA VOLUNTÁRIA NO ANGICO DO CERRADO</p>	<p>OFF</p>	<p>A DISCRIMINAÇÃO NÃO PARA POR AÍ// ATÉ MESMO OS VOLUNTÁRIOS QUE PARTICIPAM DE PROJETOS SOCIAIS NESSAS COMUNIDADES SOFREM PRECONCEITO POR FREQUENTAREM ESSES LUGARES// FALAS DO TIPO: “VOCÊ ESTÁ LOUCO, SÓ PODE” OU “COMO VOCÊ TEM CORAGEM?” SÃO COMUNS DE SEREM OUVIDAS//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA REGINA HELENA, PRECONCEITO DE UM AMIGO SOBRE SER VOLUNTÁRIA NA COMUNIDADE “TENHO UM AMIGO... ...MUITO PELO CONTRÁRIO NÉ”//</p>
	<p>OFF</p>	<p>E PARA TENTAR AMPLIAR A VISÃO DE MUNDO DAS PESSOAS QUE VEEM AS FAVELAS COM OLHAR DE PRECONCEITO, OS VOLUNTÁRIOS OFERECEM A MELHOR RESPOSTA: A PERCEPÇÃO SOBRE AS PESSOAS QUE VIVEM ALI E QUE ELAS TIVERAM O PRAZER DE CONHECER. UMA DAS VOLUNTÁRIAS, A VALÉRIA PASCHOAL, ATÉ FAZ UM CONVITE//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA VALÉRIA PASCHOAL,</p>

<p>GC <u>VALÉRIA PASCHOAL</u> VOLUNTÁRIA DO PROJETO PANCS</p>	<p>OFF</p>	<p>VOLUNTÁRIA EM UMA COMUNIDADE “PELO AMOR DE DEUS... ...MARAVILHOSAS E ENCANTADORAS”//</p> <p>MARIA GROSSI, QUE TAMBÉM TRABALHA COMO VOLUNTÁRIA E ORIENTA ESTÁGIOS DE ALUNOS DE NUTRIÇÃO NA COMUNIDADE, SE EMOCIONA AO FALAR DOS MORADORES. DURANTE AS VISITAS, LEVA O SEU BEM MAIS PRECIOSO, A FILHA, MAITÊ//</p>
<p>GC <u>MARIA GROSSI</u> PROFESSORA DE ESTÁGIO DO PROJETO PANCS</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA MARIA GROSSI, VOLUNTÁRIA EM UMA COMUNIDADE “EU QUANDO ESTOU AQUI... ...O RESTO NÃO IMPORTA”//</p>
	<p>OFF</p>	<p>QUANDO VISTA PELA TELEVISÃO, A COMUNIDADE NÃO NEM SEMPRE TEM A POSSIBILIDADE DE INDICAR SEUS VALORES E A DIMENSÃO DE SUA ATUAÇÃO// RÓTULOS COMO A POBREZA, A MARGINALIDADE, AS MÚSICAS E ATÉ AS ROUPAS UTILIZADAS AINDA PREVALECEM, TURVANDO A VISÃO DE QUEM AS VÊ DE FORA// PAULA, CASADA COM UM MORADOR DA COMUNIDADE DO</p>

<p>GC <u>PAULA CRISTINA</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>JARDIM EUROPA, CONTA QUE, APÓS CONHECÊ-LO, DESCOBRIU A IMENSIDÃO DE SENTIMENTOS E AFEIÇÕES QUE EXISTEM NA PERIFERIA//</p> <p>ENTRA PAULA CRISTINA, VISÃO DE UMA MORADORA DO “ASFALTO”</p> <p>“A MINHA VISÃO... ...“TÔ” BEM “FARTINHA”//</p>
<p>GC <u>PAULA CRISTINA</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>OFF</p>	<p>A VISÃO DE PAULA MUDOU PORQUE HOJE ELA É UMA DAS MORADORAS DO JARDIM EUROPA E SENTE NA PELE O PRECONCEITO POR MORAR ALI//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA PAULA CRISTINA, VISÃO AGORA MORANDO NA COMUNIDADE</p> <p>“EU ME DOUO... ...EU JÁ SINTO A DIFERENÇA”//</p>
	<p>PAS</p>	<p>É UM MUNDO ESTRANHO// DESIGUAL// DESSE LADO ESTOU EM UM DOS CONDOMÍNIOS MAIS PROTEGIDOS DE BAURU// O MOTIVO? ANDO ALGUNS PASSOS E ESTOU NA FAVELA ILHA DI CAPRI”//</p>
	<p>OFF</p>	<p>DONA SUELI, MORADORA HÁ 25</p>

GC
SUELI POMPEO
ILHA DI CAPRI

SON

ANOS DO ILHA DE CAPRI CONTA
COMO É OLHAR PELA JANELA DE
SUA CASA PARA O OUTRO LADO
DA RUA E VER COMO O MURO
ERGUIDO A TORNA UMA PESSOA
QUASE INVISÍVEL//

**ENTRA SUELI POMPEO, OLHAR
PARA A RIQUEZA AO LADO**

“É DIFÍCIL FALAR VIU...
...NÃO TEM NADA”//

BLOCO 3

OFF

MAS ESSA INVISIBILIDADE E ESSE
PRECONCEITO DESAPARECEM
QUANDO AS PESSOAS CONHECEM
ESSAS COMUNIDADES// NO LUGAR,
O AMOR, A FELICIDADE E O
RESPEITO A VIDA, ENTRAM EM
CENA//

OFF

FOI A NUTRIÇÃO QUE FEZ COM QUE
VALÉRIA E MARIA CONHECESSEM A
COMUNIDADE DO JARDIM EUROPA//
HOJE, O QUE ERA APENAS UMA
PEQUENA HORTA PARA OS
MORADORES, SE TRANSFORMOU
EM UM PROJETO CHAMADO PANCS,
QUE SÃO AS PLANTAS
ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS. MAS, ALÉM DA
TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE A
PARTE ACADÊMICA DO SABER E A
PARTE PRÁTICA QUE A VIDA
ENSINA, O ALIMENTO EM SI TORNA-

<p>GC <u>MARIA GROSSI</u> PROFESSORA DE ESTÁGIO DO PROJETO PANCS</p>	<p>SON</p>	<p>SE TAMBÉM UM ALIMENTO COMBUSTÍVEL PARA ENTENDER E DAR VALOR A VIDA//</p> <p>ENTRA MARIA GROSSI, APRENDER NA COMUNIDADE</p> <p>“EU APRENDO... ...AS PESSOAS SÃO OURO”//</p>
<p>GC <u>VALÉRIA PASCHOAL</u> VOLUNTÁRIA DO PROJETO PANCS</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA VALÉRIA PASCHOAL</p> <p>“EU APRENDI QUE... ...É ENORME”//</p>
<p>GC <u>ESTEVAM RODRIGUES</u> VOLUNTÁRIO NO PROJETO ANGICO DO CERRADO</p>	<p>OFF</p>	<p>HÁ QUEM AFIRME QUE QUEM CONHECE OS MORADORES NÃO OS ABANDONA// É O CASO DE OUTRO PROJETO SOCIAL, O ANGICO DO CERRADO, UM GRUPO FORMADO POR SEIS AMIGOS DESDE DOIS MIL E TREZE E QUE TEM O OBJETIVO DE PROPORCIONAR ALEGRIA E SORRISOS PARA AS CRIANÇAS E FONTE DE RENDA PARA OS ADULTOS. HOJE, QUEM MAIS SORRI E APRENDE SÃO ELES//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA ESTEVAM RODRIGUES, TRABALHO VOLUNTÁRIO EM UMA COMUNIDADE</p> <p>“PRA GENTE É... ...O MAIS VALIOSO”//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA MARCIA DE SÁ,</p>

<p>GC <u>MARCIA DE SÁ</u> VOLUNTÁRIA NO PROJETO ANGICO DO CERRADO</p>		<p>IMPORÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO EM UMA COMUNIDADE “PRA MIM... ...ISSO FOI MARAVILHOSO”//</p>
<p>GC <u>EDILENE PETUCELLI</u> VOLUNTÁRIA NO PROJETO ANGICO DO CERRADO</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA EDILENE, QUEM SÃO OS MORADORES DESSAS COMUNIDADES “AQUI ELES SÃO... ...ELES PRÓPRIOS”//</p>
<p>GC <u>JESUS PEDRO</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>OFF</p>	<p>E ESSE SENTIR-SE ACOLHIDO NÃO SE FAZ PRESENTE APENAS POR QUEM FREQUENTA PROJETOS, NÃO// APÓS A APOSENTADORIA, JESUS PEDRO TROCOU A BOA ESTRUTURA QUE TINHA NO BAIRRO DO OURO VERDE PELA TRANQUILIDADE DO FERRADURA MIRIM//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA JESUS PEDRO, SOBRE MORAR NO FERRADURA “EU PASSO MÊS SEM IR LÁ... ...É GOSTO DA FAVELA”//</p>
	<p>OFF</p>	<p>E NÃO É DIFÍCIL SE APAIXONAR POR ESSAS COMUNIDADES// TODAS, CADA UMA COM UM JEITINHO ESPECIAL, COM MORADORES E HISTÓRIAS</p>

<p>GC <u>KEROLYN "ÍNDIA"</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>DIFERENTES E COM PERSPECTIVAS DE VIDA ENCANTADORAS, MUDA QUALQUER CONCEITO DE MARGINALIDADE E VIOLÊNCIA EM QUESTÃO DE SEGUNDOS// A VIDA SIMPLES, O LUXO, AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS QUE ELES TÊM SÃO DIFÍCEIS DE SEREM ENCONTRADAS NO DIA A DIA DA SOCIEDADE//</p> <p>ENTRA "ÍNDIA", A CESTA DE PRESENTES "QUANDO É UM... ...FICOU EMOCIONADA"//</p>
<p>GC <u>ALICE DE PONTES</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ALICE, MORAR NO JARDIM EUROPA "EU ACHO QUE AQUI... ...EU ACHO BACANA"//</p>
<p>GC <u>SOLEDAD ROQUE "FUÁ"</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA SOLEDAD "FUÁ", MORAR NO JARDIM EUROPA "AQUI TEM MUITO VERDE... ...EU GOSTO MUITO"//</p>
<p>GC <u>ZILDA VICENTE</u> GERSON FRANÇA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ZILDA, MORAR NO GERSON FRANÇA "PRA MIM ISSO DAQUI... ...NINGUÉM ENTRA"//</p>
<p>GC <u>FLORIANO DE PAULA</u> JARDIM NICÉIA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA FLORIANO , MORAR NO NICÉIA "AQUI É UM LUGAR... ...DOS OUTROS"//</p>

<p>GC <u>ERICA APARECIDA</u> JARDIM VITÓRIA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ERICA APARECIDA, MORAR NO JARDIM VITÓRIA “AH, EU GOSTO DAQUI... ...GOSTO MUITO DESSE BAIRRO”//</p>
<p>GC <u>ANA SALES</u> ASSISTENTE SOCIAL</p>	<p>PAS</p>	<p>O AMOR QUE ESSES MORADORES TÊM PELA SUA COMUNIDADE, PELO SEU LAR, É EVIDENTE. MAS, É CLARO, QUE ALGUNS PROBLEMAS, ACONTECEM, COMO EM QUALQUER BAIRRO//</p>
<p>GC <u>MARIA APARECIDA “CIDA”</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>OFF</p>	<p>COM 13 ANOS DE PROFISSÃO, A ASSISTENTE SOCIAL, ANA SALES, EXPLICA A SUA VISÃO A RESPEITO DOS MOTIVOS QUE LEVAM ESSES MORADORES, MUITAS VEZES, A FAZER UMA ESCOLHA ERRADA//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA ANA SALES, PROBELMAS DAS COMUNIDADES “EXISTE MUITA COISA... ...NO NOSSO PAÍS, NÉ”//</p>
	<p>OFF</p>	<p>COM A DONA CIDA FOI ASSIM// HOJE LIMPA DE QUALQUER SUBSTÂNCIA HÁ 15 ANOS, ELA CONTA COMO E O PORQUÊ ELA ENTROU PARA AS DROGAS//</p>
	<p>SON</p>	<p>ENTRA CIDA, MOTIVOS PARA O CAMINHO “ERRADO” “TALVEZ POR MOTIVO DE... ...VOCÊ NÃO LIGA”//</p>

<p>GC <u>MARIA APARECIDA "CIDA"</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>OFF</p>	<p>COM A PROPRIEDADE DE QUEM JÁ FEZ USO DE SUBSTÂNCIAS TÓXICAS, DONA CIDA PODE FALAR MELHOR DO QUE NINGUÉM SOBRE A VENDA E O USO QUE, COMUMENTE, É LIGADO DIRETAMENTE ÀS FAVELAS//</p>
<p>GC <u>ELIANA ARAUJO</u> PARQUE DAS NAÇÕES</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA CIDA, SOBRE A DROGA NAS COMUNIDADES "ELA É GERAL... ...ELA É GERAL"//</p>
<p>GC <u>SOLEDAD ROQUE "FUÁ"</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>PAS</p>	<p>ESSA VISÃO NAS FAVELAS, VOLTA NOVAMENTE A UMA ÚNICA COISA: A VIOLÊNCIA// ESSA, QUE ESCONDE O SORRISO E A BELEZA QUE A COMUNIDADE TEM A MOSTRAR//</p>
<p>GC <u>ELIANA ARAUJO</u> PARQUE DAS NAÇÕES</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ELIANA ARAUJO, PRECONCEITO QUE ELA VIVENCIOU "TEM MUITAS PESSOAS... ...DO CARRO"//</p>
<p>GC <u>SOLEDAD ROQUE "FUÁ"</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA SOLEDAD "FUÁ", NÃO TER BANDIDOS COMO NO IMAGINÁRIO "AQUI NÃO TEM... ...EU NUNCA VI"//</p>
<p>GC <u>SOLEDAD ROQUE "FUÁ"</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>PAS</p>	<p>É UMA ROTINA QUALQUER, COMO QUALQUER OUTRO BAIRRO// MAS, SE VOCÊ PERGUNTA PARA ESSES MORADORES SE ELES TROCARIAM SUAS CASAS AQUI NAS FAVELAS POR UMA LUXUOSA CASA ONDE QUISEREM, A RESPOSTA É:</p>

<p>GC <u>PAULA CRISTINA</u> JARDIM EUROPA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA PAULA, MUDANÇA PARA O “ASFALTO” DE NOVO “NÃO... ...NEM PENSAR NÉ”//</p>
<p>GC <u>DONA IRBA</u> JARDIM NICÉIA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA DONA IRBA, SE MUDAR DO JARDIM NICEIA “NÃO, MEUS FILHOS... ...GOSTO DAQUI DA NICÉIA”//</p>
<p>GC <u>BENEDITA GONÇALINA</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA DONA BENÊ, SAIR DO FERRADURA MIRIM “NA VERDADE... ...DO QUE RECLAMAR”//</p>
<p>GC <u>JHONATHAN EWERTON “JAPA”</u> FERRADURA MIRIM</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA “JAPA”, SAIR DO FERRADURA “AH EU ACHO... ...O POVO DAQUI MESMO”//</p>
<p>GC <u>RICARDO CALEDA</u> PARQUE JARAGUÁ</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA RICARDO CALEDA, SAIR DO JARAGUÁ “NÃO... ...TRANQUILO”//</p>
<p>GC <u>ERICA APARECIDA</u> PARQUE VITÓRIA</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA ERICA APARECIDA, SAIR DO JARDIM VITÓRIA “AH, SINCERAMENTE... ...ME ACOSTUMEI AQUI”//</p>
<p>GC <u>CIDA DO “AZULÃO”</u> PARQUE JARAGUÁ</p>	<p>SON</p>	<p>ENTRA CIDA DO “AZULÃO”, SAIR DO JARAGUÁ “NÃO... ...EU SOU FELIZ”//</p>

	OFF	<p>E MESMO CERCADA DE PRECONCEITOS, AINDA HÁ A ESPERANÇA NAS CRIANÇAS, CUJAS FALAS DEMONSTRAM QUE A SOCIEDADE NÃO PRECISA DE RÓTULOS// COMO DIRIA O PROJOTA, É SÓ NÃO VACILAR//</p>
	SON	<p>ENTRA CARLOS 0'33" D.I: "DELEGADO D.F: ...TEM CASA"//</p> <p>ENTRA ANA JULIA 0'49" "BAILARINA"//</p> <p>ENTRA EVELYN 0'43" "SER VETERINÁRIA"//</p> <p>ENTRA CAIQUE 0'27" "MARINHEIRO"//</p> <p>ENTRA NATALY 0'22" "ADVOGADA"//</p> <p>ENTRA LUANA D.I: "POLICIAL D.F: ...NÃO FAZER ARTE"//</p> <p>ENTRA THAUANY D.I: "VETERINÁRIA D.F: ...CUIDAR DOS ANIMAL"//</p> <p>ENTRA PAMELA D.I: "AH, EU SEMPRE... D.F: ...SER POLICIAL"//</p>

ENTRA MARIA EDUARDA
"PROFESSORA DE ARTES"

ENTRA CARLOS A.
"BOMBEIRO"

ENTRA LUANY
D.I: "ADVOGADA...
D.F: ...FOI MEU SONHO"//

CRÉDITOS

APÊNDICE E – LINK DA GRANDE REPORTAGEM

Na contramão da violência: um retrato do dia a dia das favelas da cidade de Bauru.

<https://www.youtube.com/watch?v=htdb61SHCgl>